

MESTRADO ESTUDOS ANGLO-AMERICANOS
VARIANTE DE LITERATURAS E CULTURAS

Rebellion, Dublin, 2016:
O centenário da Revolta da Páscoa sob o
viés da representação de seus espaços,
historicidade e questões de gênero
Olga Tereza Maia Oliveira

M

2018



Olga Tereza Maia Oliveira

Rebellion, Dublin, 2016:

O centenário da Revolta da Páscoa sob o viés da representação de seus espaços, historicidade e questões de gênero.

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Estudos Anglo-Americanos, orientada pelo
Professor Doutor Rui Manuel Gomes Carvalho Homem

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Setembro de 2018

Rebellion, Dublin, 2016: O centenário da Revolta da Páscoa sob o viés da representação de seus espaços, historicidade e questões de gênero.

Olga Tereza Maia Oliveira

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Estudos Anglo-Americanos, orientada pelo
Professor Doutor Rui Manuel Gomes Carvalho Homem

Membros do Júri

Professor Doutor Rui Manuel Gomes Carvalho Homem
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Professora Doutora Maria Tereza Lobo Castilho
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Professor Doutor Jorge Miguel Pereira Bastos da Silva
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Classificação obtida: 14 valores

Sumário

Declaração de honra	7
Agradecimentos	8
Resumo.....	9
Abstract	10
Epígrafe.....	11
Introdução	12
a) Contextualização	12
b) Representações do homem irlandês	16
c) As mulheres de <i>Rebellion</i>	17
d) Representação do espaço	19
Capítulo 1 – A cidade de Dublin	25
1.1. Aspectos físicos ao longo dos séculos.....	26
1.1.1. Aspectos estatísticos ao longo do centenário	27
1.1.2. Dublin: Católicos e Protestantes	31
1.2. A Revolta da Páscoa: o espaço e o tempo.....	35
1.2.1. Núcleos rebeldes	36
1.2.2. Proclamação da República da Irlanda	39
1.2.3. Localização dos factos no espaço.....	41
1.2.4. Heterotopias na cidade	44
Capítulo 2. – A representação.....	49
2.1. Minissérie Rebellion	50
2.1.1. Conteúdo e Enredo	55
2.1.2. Personagens	60
2.2. Os episódios: eventos e heterotopias	67
Conclusão	98
Referências bibliográficas	102
Anexos	107

Declaração de honra

Declaro que o presente trabalho de dissertação. é de minha autoria e não foi utilizado previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (afirmações, ideias, pensamentos) respeitam escrupulosamente as regras da atribuição, e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referenciação. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

Porto, 6 de Setembro de 2018

Olga Tereza Maia Oliveira

Agradecimentos

Agradeço ao professor Rui Carvalho Homem pela sua incansável orientação ao longo da construção desta dissertação. Agradeço aos meus pais, Tereza e Pedro, e ao meu irmão Pedro Henrique por serem os pilares de minha trajetória e pelo apoio que me deram mesmo estando os três tão longe de mim. Por fim, quero agradecer à Vilma e aos seus pais, e, também, a Nélia e a Maria José, por todo o acolhimento e ajuda que me deram desde o primeiro dia em que cheguei a Portugal.

Resumo

Esta dissertação tem como objetivo uma análise espacial e histórica da Revolta da Páscoa de 1916 através da observação da minissérie televisiva *Rebellion*, da emissora estatal irlandesa RTÉ. Transmitida no ano do centenário da revolta, a produção veio a abordar temas comuns à nossa atual sociedade, mas que há cem anos haviam ficado de fora do contexto social do evento. O cenário sócio-político de Dublin, influência principal na ocorrência daquele feriado, e questões de gênero, estas deixadas de fora dos primeiros objetivos dos pais da revolta, são de abordagem corrente na produção televisiva, mostrando-nos prismas do momento histórico que não vieram à luz aquando de 1916.

É com base nas explicações de Michel Foucault acerca das heterotopias que estudaremos cada um dos espaços presentes na trama e na historicidade, trazendo sempre nosso objeto de estudo ao cerne da dissertação; mostrar em detalhes o uso do espaço e as realidades sociais representadas na capital irlandesa de tal ficção. O primeiro capítulo, responsável por uma descrição histórico-geográfica da cidade de Dublin, percorre momentos de sua história pregressa a 1916, mas igualmente o faz sobre o ano em questão, localizando factos no espaço da cidade, bem como apontando a dinâmica de relações presentes nesta graças à pluralidade de relações sociais contidas dentro de um único lugar, estas que por sua vez originam as heterotopias. O segundo capítulo da dissertação se trata de uma análise profunda da minissérie *Rebellion*, de suas personagens e de cada um de seus episódios, também situando dentro destes as heterotopias, dessa vez fictícias, mas que nem por isso deixam de fazer sentido face à verossimilhança da obra com a realidade encontrada na História.

Palavras-chave: Heterotopias; História da Irlanda; Geografia de Dublin; Revolta da Páscoa; *Rebellion*;

Abstract

Abstract

This dissertation has the objective of an historic and spacial analysis of the Easter Rising of 1916 through the series of the Irish state television station, RTÉ, *Rebellion*. Aired in the year of the rising centenary, the production adressed current discussion themes in our society that weren't common to be talked about one hundred years ago, and that were, so, excluded from the context of the insurrection. The sociopolitical scene in Dublin, a major influence on the occurrence of that Easter, as well as gender issues, were left out of the early goals of the rising mentors, but are now current in the television production, showing us the prisms of the historical moment that did not show up in 1916.

Based on Michel Foucault's explanations about his concept of heterotopias, we will study each of the spaces present in the series' plot and in its historicity, always bringing our object of study to the heart of the dissertation; reflecting in details the use of space and the social realities represented in the Irish capital of such TV fiction. The first chapter is responsible for a historic-geographical description of Dublin city, going through the context of 1916, locating facts in the space of the capital, as well as pointing the dynamics of the present relations in this one, due to the plurality of those within the single places of Dublin, in this way, originating Foucault's heterotopias. The second chapter of the dissertation is an in-depth analysis of the *Rebellion* miniseries, its characters and each of its episodes, also placing within, its heterotopias – that are fictitious, but that still make sense in the face of the verisimilitude of the production to the reality found in History.

Key-words: Heterotopias; Ireland History; Dublin Geography; Easter Rising; Rebellion;

“Of my nation! What ish my nation? Ish a villan
and a bastard, and a knave and a rascal. What ish
my nation? Who talks of my nation? I do not
know you so good a man as myself.”

(William Shakespeare. - *Henry V*, 3.2)

Introdução

Há algo interessante acerca do aniversário de uma revolta ou tragédia. Ainda mais interessante tal é quando se completam exatos cem anos desde este evento. Em 24 de abril de 2016 se fez o centenário da Revolta da Páscoa na Irlanda, o ponto inicial de um feriado de seis dias em que dezenas de pessoas – entre estas, civis irlandeses, voluntários e soldados do exército britânico – confrontaram-se e pereceram numa falhada tentativa de independência do país. O ano do evento, 1916, foi apenas o começo do processo de nascimento de uma Irlanda independente. Este ideal político talvez tenha apenas alcançado seu lugar nos anos que antecederam 1916, mas longos períodos da experiência histórica irlandesa foram marcados por aspirações de governo próprio e emancipação política. No entanto, nos anos que sucederam a revolta, é correto afirmar que a Irlanda sofreu sérias consequências de teor político e cultural, fruto de uma revolução de caráter nacionalista sob o governo do Fianna Fáil. Aquando da revolta de 1916, parte dos jovens voluntários e a grande maioria dos líderes desta vieram a morrer e o que ocorreu pelos anos seguintes dentro e fora do país, provocando vítimas de uma violência que ultrapassou suas tão jovens fronteiras, foi vivido e retratado de modos plurais, contraditórios e controversos, tendo as suas manifestações mais extremas configurado heroísmo para uns e terrorismo para outros.¹

a. Contextualização

Desde os tempos idos do início da Idade Média que a Irlanda se destacou por seu forte sentido de especificidade, alicerçado nas condições únicas (entre o histórico e o mítico), do cristianismo irlandês. Talvez fosse a força lendária da figura de São Patrício a expulsar suas serpentes da ilha, ou o trabalho dos estudiosos na tradição da escrita latina dos livros sacros, mas a verdade é que uma marca identitária expressamente ligada a tradições cristãs, persistiu na cultura irlandesa por séculos a fio, até os tempos atuais. A bandeira da religião esteve sempre presente nas relações da Irlanda com a ilha vizinha e justificou, em vários momentos históricos, o uso da força por parte das autoridades inglesas, confrontadas com processos de rebelião ou resistência assentes na cultura tão enraizada daquele povo. Durante os séculos XVI e XVII, sob o reinado dos

¹ O presente trabalho foi revisado conforme a Norma Portuguesa 405 (NP 405). Disponível no website: <https://www.ipleiria.pt/sdoc/wp-content/uploads/sites/10/2015/05/Referencias-NP405.pdf>.

Tudors e dos Stuarts, a Inglaterra começou um longo conflito com os irlandeses, determinada por ambições territoriais e alinhamentos distintos face às grandes clivagens religiosas resultantes da Reforma.

O contexto no qual o período aqui estudado encontra as circunstâncias passadas que mais claramente o determinaram é seiscentista, incluindo processos tão traumáticos como a colonização do Ulster por escoceses que ocuparam parcelas do território irlandês atribuídas pela Coroa inglesa, para tal desapossando proprietários e populações autóctones, bem como as consequências na Irlanda (pelos meados do século) da guerra civil inglesa - e culminando, após 1689, na chamada Revolução Gloriosa. Segundo S. J. Connolly, o momento histórico conhecido como *Ulster Plantation*² diz respeito à tomada britânica dos condados de Armagh, Cavan, Donegal, Fermanagh, Londonderry e Tyrone, com seu início em 1609 no reinado do rei Jaime I. Tratava-se de um processo de desapossamento e subalternização imposto pela Inglaterra a um povo cioso de suas particularidades culturais e de seu território. A estes episódios seguiram-se momentos decisivos como o da Batalha de Boyne em 1690, ponto culminante e de maior consequência histórica do envolvimento irlandês na Revolução Gloriosa.³ A batalha iria se revelar decisiva para o futuro da Irlanda que, alinhando maioritariamente pelo rei inglês deposto, o católico Jaime II, e sendo derrotada pelo rei Guilherme III, campeão da causa protestante, teve seus dois séculos seguintes dominados pelas Leis Penais, que diminuía cívica e economicamente os católicos, com consequências especialmente gravosas na questão da posse da terra.⁴

Uma parte relevante do processo histórico que é importante para esta pesquisa é pontuado por rebeliões na Irlanda com um vasto número de vítimas e um grande impacto na forma como o país viria a enxergar-se a si mesmo em um futuro não muito distante. Segundo nos diz R. F. Foster, o receio inglês de possíveis embates com a França em 1745, com a ascensão do jacobinismo, veio a se tornar, em tempos de guerra, ao fim daquele mesmo século, um receio para com ideias libertárias e revolucionárias que cresciam dentro da Irlanda.⁵ Em 1796, no ápice conclusivo da Revolução Francesa, tropas desta visitaram a costa irlandesa em Bantry Bay, numa suposta “expedição” que

² CONNOLLY, S.J - *The Oxford Companion to Irish History*, p. 591-592.

³ Idem, p. 58,59.

⁴ KEARNEY, Hugh – *The British Isles: A History of Four Nation*, p. 167.

⁵ FOSTER, R.F. – *The Oxford History of Ireland*, p. 152.

não era menos do que um claro ataque à Inglaterra. Embora apoiados pelos homens de Wolfe Tone, líder dos *United Irishmen*, os franceses fracassaram nesta tentativa, mas Tone, inspirado pela Revolução Americana e pelas guerras revolucionárias em França, planeou, dois anos depois, um segundo ataque, dessa vez, com um exército de rebeldes irlandeses muito maior do que aquele dizimado anteriormente.⁶ Sendo a mais expressiva dessas revoltas, a *Éirí Amach 1798*, conhecida como a Revolução Irlandesa de 1798, foi por anos tratada como uma resposta dada pelos irlandeses aos ingleses ao verem os cidadãos de Ulster melhor supridos do que aqueles dos condados ao sul. Contudo, se percebe hoje ter sido muito mais um movimento influenciado por ideais de cariz revolucionário e francês do que de facto um fruto da necessidade que aqueles homens sentiram de possuir uma maior representação de católicos e protestantes em um parlamento irlandês desigual que, anos depois em 1800, foi extinguido pela Inglaterra, integrando a Irlanda no Reino Unido com o *Act of Union*.⁷

O ponto ao qual este estudo deseja chegar, aquele no qual a Revolta da Páscoa de 1916 se ambientou, foi precedido por episódios históricos de grande impacto como os acima referidos, mas, em especial, tal momento se deveu àqueles ocorridos no século XIX. Esses serviram de forte base política e histórica para os factos ocorridos na revolução em questão, foram anos de rebeliões e revoltas trazidas à História após um momento de massiva emigração de irlandeses em 1840, numa fuga das difíceis condições de vida que tinham em sua pátria-mãe. Foster nos lembra que os irlandeses camponeses não somente tiveram de lidar com a escassez de comida, mas com o presente contraste de culturas agrárias a os colocarem numa competição de sobrevivência com grandes latifundiários que possuíam técnicas de lavouras mais eficientes que as suas. O grande contingente populacional da Irlanda foi, sem dúvidas, outro fator importante para aquela endemia de pobreza, juntamente com outras adversidades econômicas enfrentadas pelo país.⁸ O que se passou durante o século da vaga de fome e emigrações foi um reflexo das condições contra as quais se insurgia a contrastante e diminuída parcela de católicos, então presentes na vida política do país. Seus ideais de governo próprio e reapossamento territorial se manifestaram de modo

⁶ Foster nos descreve Theobald Wolfe Tone como um protestante de Kildare, que se unindo à campanhas católicas e a revolucionários franceses, levou os *United Irishmen* a abraçarem causas de cunho francês contra a Inglaterra. – FOSTER, R.F. – *The Oxford...*, p. 151.

⁷ FINN, Joe; LYNCH, Michael – *Ireland and England: 1798-1922*, p. 15.

⁸ FOSTER, R.F. – *The Oxford...*, p. 166.

mais organizado e sustentado a partir do terço final do século XIX através do chamado movimento partidário *Home Rule* a alcançar, depois, o parlamento em Westminster.

Quando os projetos inclinados à iniciativa do *Home Rule* fugiram às ideias de Isaac Butt e passaram, então, a serem encabeçados pelo membro mais ilustre na representação da Irlanda em Westminster, Charles Stewart Parnell, presidente da *Land League*, intentos revolucionários deste se misturaram a nuances mais radicais e a uma forte presença religiosa, quase mítica, que os católicos traziam em suas tradições. Foster nos mostra que, diferentemente das ações de Butt, Parnell, protestante como este, se pôs ao lado da causa católica e dos fazendeiros ao sul. A partir de então, uma força campesina surgiu por trás das noções de libertação dos irlandeses do domínio britânico, a deixar inevitavelmente de fora os protestantes anglo-irlandeses que partilhavam do desejo de se ter de volta no país um parlamento irlandês.⁹ Logo, vir a incluir estes últimos na causa sequer parecia uma vaga ideia à mente dos *fenianos* e dos seguidores da *Land League* de Parnell.

Esses dois grupos contrários ao reino diferenciavam-se no que dizia respeito à forma como atuavam nos interesses irlandeses. Surgidos em 1860, os *fenianos* buscaram a base de seus objetivos e forma de agir nas lendas dos antigos guerreiros irlandeses, e se revelaram ao longo do século XX violentos ao atuarem em centros urbanos contra a polícia britânica e contra os próprios civis, em Dublin, Manchester, Londres e, para além do Atlântico, em Nova York. A *Land League*, por sua vez, dizia respeito muito mais à questão agrária irlandesa, focada na briga por uma terra livre dos britânicos onde irlandeses pudessem viver do solo com dignidade, e apoiava, sob as ordens de Parnell, a luta de rendeiros contra senhores no interior do país.¹⁰

Iniciadas na década de 1870, as ações de Parnell vieram à luz em 1886 com o trabalho do então primeiro ministro-britânico William Gladstone em sua primeira tentativa de aprovação da *First Home Rule Bill*, a lei que apoiaria a possibilidade de devolução da autonomia da Irlanda, mas esta foi posteriormente rejeitada em votação. A *Second Home Rule Bill* de 1893, no entanto, foi aceita por parte do parlamento, pela Câmara dos Comuns, mas negada pela Câmara dos Lordes, desesperando aqueles líderes políticos e seus seguidores. Em 1914, o último *Home Rule Bill* foi aprovado pelo

⁹ FINN, Joe; LYNCH Michael – *Ireland and...*, p. 64.

¹⁰ FOSTER, R.F. – *The Oxford...*, p. 182.

parlamento mas suspenso com o eclodir da I Guerra Mundial. O cenário envolvente da Revolta de 1916 se embalou em tais momentos históricos e enquanto a maioria dos irlandeses apoiou a Inglaterra na guerra, por necessidade ou por se sentirem integrados ao império¹¹, os voluntários republicanos viram nesse mesmo momento a possibilidade de uma vantajosa posição sobre um abalado Reino Unido.

Em 1916, alegando estarem terra e povo profundamente feridos e ressentidos com a governação britânica, irlandeses aspirantes a republicanos confrontaram o "inimigo". No modo como o fizeram pôde ser notada alguma falta de racionalidade, mas talvez sem violência fosse impossível para os irlandeses enxergarem as tentativas de sucesso ao longo da Páscoa daquele ano.¹² Aquele evento se tornou um modelo de revolução para muitos e deixou cicatrizes na Irlanda como na Inglaterra - pelas imagens de guerrilha civil em Dublin e nos seus arredores, pelo desconforto experimentado por distintos setores da sociedade quando confrontados com o entrechocar dos respectivos ideais. Se faz necessária a manutenção da memória daqueles dias passados na consciência de ambas as nações, pois ambos os lados têm sua parcela em tal momento plantado na história de ambos os países.

b. Representações do homem irlandês

Ainda que por muito que a historiografia evidencie o predomínio de uma representação do homem irlandês; o jovem bronco, sem educação e recorrente à força física na luta pela posse de seu território e de seus ideais, é possível afirmar que a jocosidade deste imaginário se terá desconstruído minimamente ao longo das últimas décadas. Uma vez que, ainda em pleno século XX, ocorrências ridicularizadoras do homem de *Éire* se tornaram escassas, dando gradualmente lugar a imagens mais próximas da realidade, a frequência com a qual a indústria cinematográfica retratava o irlandês como emigrante de uma terra distante, fugido de uma propriedade arrendada, aflito com a fome e com a opressão do senhorio inglês, parece ter se atenuado significativamente. Isso não significa, porém, que hoje em dia já não existam tais representações, mas a verdade é que, em tempos como os de hoje, já não se faz politicamente correto utilizar esses estereótipos.

¹¹ FOSTER, R.F. – *The Oxford...*, p. 195.

¹² Idem, p. 198.

Ao longo do século XIX, além das peças teatrais onde as figuras estereotipadas dos *stage irishmen* se faziam presentes, também era possível se encontrar em obras como as do dramaturgo Dion Boucicault a representação de um triângulo amoroso anglo-irlandês, como nos diz Kiberd¹³. A implicação da popularidade desta representação veio a mexer no imaginário das relações existentes entre o homem irlandês e o homem inglês, e de como estes orbitavam ao entorno da frágil mulher irlandesa. Porém, nada se compara com o que cartunistas como John Tenniel fizeram no século XIX, desenhos em periódicos e panfletos com figuras caricaturadas do “símio irlandês”, por vezes conhecidos como *Paddy, the Ape*, distribuídos pelas ruas da capital inglesa. Essas caricaturas tinham teor político, mas acabavam por enfatizar um imaginário já saturado que os britânicos tinham do homem irlandês.¹⁴

c. As mulheres de *Rebellion*

Os anos trouxeram outra imagem aos olhos dos espectadores, e esta imagem em tempos comemorativos, como os que a Irlanda viveu em 2016, nos mostra a história através não somente do prisma irlandês, como do ângulo que melhor cabe em nosso politicamente correto mundo ocidental. No ano do centenário da Revolta da Páscoa, não seria por menos que a mídia televisiva irlandesa investisse em tantos trabalhos voltados para esse evento histórico: documentários e séries dramáticas, em sua maioria. É com o intuito de analisar uma das produções da rede televisiva *RTÉ One* que se buscará aprofundar em seu conteúdo a representação dos elementos historicamente verídicos da Revolta da Páscoa, comparando-os aos componentes fictícios de seu enredo.¹⁵ O papel do imaginário ainda cultivado acerca do lugar e do facto histórico ocorrido, fruto da memória de seu povo, de seus registos e de uma cultura popular, serão igualmente levados em conta, pois se fazem imprescindíveis para o desenrolar do estudo, trazendo à

¹³ Concomitantemente ao significado das representações de Boucicault do homem inglês, vale a pena observar o que Declan Kiberd nos traz em seu artigo “The Fall of the Stage Irishman”(1979) acerca do imaginário criado da representação do homem irlandês:

If Boucicault and the Stage Irishman expired with the nineteenth century, the tendency of certain writers to conform cravenly to prescribed ideas of Irishness did not. The Stage Irishman gave way to an equally spurious stereotype, the Stage Gael, the long-suffering mystical peasantry of the west so beloved of Yeats and de Valera. – KIBERD, Declan – *The Fall of the Stage Irishman*, p. 32.

¹⁴ Alguns exemplos de caricaturas feitas por Tenniel nos Anexos 1-4.

¹⁵ De acordo com informações tiradas de seu próprio website, a RTÉ (Raidió Teilifís Éireann) é uma emissora de rádio e televisão pública irlandesa. Em 1 de Janeiro 1926, a rádio veio a estreitar enquanto que o canal de televisão surgiu apenas em 31 de Dezembro de 1961, sendo assim uma das mais antigas emissoras públicas do mundo.

luz a origem e a posição de certos indivíduos envolvidos com a revolta, presentes nas diferentes esferas da sociedade dublinense daquela época.

Rebellion é o título da produção em questão, ambientada na capital irlandesa no período da Páscoa de 1916, dividida em cinco episódios que nos contam a rotina de três personagens femininas ao longo do momento histórico retratado. Entre os intervenientes no enredo, temos em primeiro lugar, como principal personagem, a jovem Elizabeth Butler, estudante da Faculdade Real de Medicina e pertencente à privilegiada classe social financeiramente dominante de Dublin. Filha de um banqueiro cuja vida depende de investimentos britânicos, Elizabeth ainda que noiva de um jovem oficial, secretamente partilha de ideais revolucionários e, para alcançá-los, se junta ao Exército dos Cidadãos.

Frances O’Flaherty é a nossa segunda protagonista, professora em *St Enda’s*, a escola secundária fundada por Patrick Pearse em 1908, que jamais escondeu suas inclinações acerca das disputas internas ocorridas no país. Ela é uma jovem voluntária, inspirada pela religião e por uma violência quase histérica e vem a contrariar o que a sociedade esperava de uma filha bastarda posta de lado pela própria mãe. Frances é a personagem mais interligada ao cunho histórico da minissérie, se relacionando com figuras conhecidas, mostra-nos de uma perspectiva feminista a posição de uma mulher inserida nos Voluntários Irlandeses. May Lacy é a terceira das personagens femininas representadas, uma jovem secretária em Dublin Castle que mantém ao longo da trama uma relação amorosa com o seu patrão, um alto funcionário público britânico.

As duas personagens masculinas mais relevantes na trama são os irmãos James e Arthur Mahon. A primeira personagem, “Jimmy”, é pertencente ao Exército dos Cidadãos, um civil a serviço dos republicanos, enquanto que seu irmão, Arthur, é um soldado irlandês ao serviço da coroa. Sendo Jimmy a personagem masculina de maior importância ao enredo, é através dos olhos dele e de Elizabeth que, nos últimos episódios, se conhecerá a realidade das prisões abarrotadas de voluntários apanhados pelo exército britânico. Arthur, por sua vez, é uma personagem que tem apenas um gesto autônomo durante toda a minissérie, preso à sua própria condição, põe em risco a própria vida quando tenta se recusar a servir os britânicos.

É em meio a essas imagens, a maioria delas nova aos olhos dos espectadores, que todo o cenário da minissérie, mais complexo e repleto de simbologias, é construído.

O que torna *Rebellion* um achado na teledramaturgia irlandesa, digno de ser feito objeto de estudo, é o facto de que nenhum evento em sua trama ocorre aleatoriamente. Não há espaço para cenas despropositadas, não se trata de um drama totalmente fictício e, apesar de seu cunho comercial, é capaz de fazer transparecer diferentes prismas do evento sem de facto se colocar ao lado dos unionistas ou dos nacionalistas. Todos os momentos da história estão devidamente inseridos no contexto da Revolta da Páscoa e todos esses são ambientados em locais históricos de suma importância para a análise do espaço da revolta. É graças à precisão com a qual seus idealizadores transportaram o acontecimento centenário para o cenário televisivo da minissérie, retratando o lugar e o espaço deste, que *Rebellion* se mostra mais convincente do ponto de vista histórico-espacial do que outras produções que partem do mesmo ponto de vista.

d. Representação do espaço

Ao longo da minissérie é possível se tirar observações acerca da direção de seu enredo: este flui para o momento do evento histórico e para a conclusão deste, para seus frutos, para o ápice. O que não se pode esquecer é que para além de um momento cronológico final, o passo a passo da trama circula livremente por um determinado lugar, um espaço enquadrado na teledramaturgia que é verdadeiramente o principal motivo para que todas as ações se deem. As protagonistas lutam por um território, por um cenário, que alegam ser de seus ancestrais por direito, onde a cultura de seu povo surgiu, um lugar sob um governo que não é aceito como intrínseco, mas um lugar, sem dúvidas, de trocas, tanto entre os revolucionários e unionistas, como entre cidadãos ingleses imigrados e cidadãos irlandeses. O lugar de ação em questão não é sequer a Irlanda inteiramente, mas sua capital, Dublin.

Talvez por se tratar de um facto verídico, a inserção do contexto em um espaço e a repetição das representações destas localidades históricas soem quase como uma necessidade de informar os telespectadores acerca dos cenários onde os pontos cruciais do evento ocorreram. Se, por um lado, a insistência em mostrar o espaço da “batalha” pareça apenas um mecanismo utilizado para situar os leigos nos acontecimentos da Revolta da Páscoa, sob outro prisma se tem um estudo como o de Edward W. Soja, parafraseando John Berger, a nos fazer lembrar da importância da associação do espaço com o tempo:

... any contemporary narrative which ignores the urgency of the spatial dimension is incomplete and acquires the oversimplified character of a fable.¹⁶

Desta forma, se torna difícil não se encontrar atraído por um sentimento de cunho geográfico, quase turístico, revisitando as locações e buscando significados nas teias de fluxos provocados pela sociedade em seus espaços. Como David Harvey explana no prólogo da terceira parte de sua obra intitulada *Justice, Nature and the Geography of Difference*¹⁷, dentre muitos nomes dados ao espaço e ao lugar, “nação” e “comunidade” são dois destes e, ainda que soem metafóricos, são os que melhor se encaixam no quadro a ser estudado aqui.

Quando em “Outros Espaços” Michel Foucault nos fala da evolução do espaço ao longo da História, ele começa seu raciocínio a explicar acerca do que foi este espaço na Idade Média, o que ele se tornou com a contribuição de Galileu e, por último, o que ele é e o que ele está se tornando nos dias atuais. Na Idade Média o espaço era bem designado e dividido em lugares que não se tocavam, não interagiam entre si. Havia os lugares sagrados, os lugares profanos, os lugares protegidos, os lugares abertos e sem defesa, os lugares urbanos, os lugares rurais onde a maioria da população habitava, os lugares celestes, e os lugares supracelestes - opostos aos lugares celestes que, por sua vez, eram opostos aos lugares terrestres. Para Foucault, a Idade Média foi o período histórico em que o espaço estava reduzido à sua localização, facto que veio a mudar com a teoria heliocêntrica reavivada por Galileu. O espaço que se reduzia em localizações se expandira para um Universo infinito. Dessa forma, o espaço de antes agora se torna um espaço de extensão.¹⁸

Nos tempos atuais, no entanto, o espaço seria uma evolução do espaço de Galileu, um espaço reorganizado onde lugares são posicionados lado a lado numa configuração que os vem a relacionar. Foucault nos fala que as relações destes posicionamentos, segundo ele, ocorrem a fim de se manter a funcionalidade destes lugares e do espaço ao todo. Segundo o autor, não seria o crescimento populacional,

¹⁶ SOJA, Edward W. – *Postmodern Geographies: The Reassertion of Space in Critical Social Theory*, p. 24.

¹⁷ HARVEY, David – *Justice, Nature and the Geography of Difference*, p. 208-209.

¹⁸ O texto *Outros Espaços* (Des Espaces Autres) é a transcrição de uma conferência dada por Michel Foucault no *Cercle d'Études architecturales* em 1967. Sua publicação veio apenas a acontecer em 1984.

mas a manutenção deste sistema de relações que seria o verdadeiro problema contemporâneo da humanidade, pois sem estas relações bem organizadas, não haveria muitos dos lugares que hoje conhecemos.¹⁹

Conclui-se, então, que o que ocorre nestes lugares componentes do espaço são relações que os conceituam em suas determinadas funções. O que continuamente ocorre nestes espaços, porém, são dessacralizações destas suas funções. Este fenômeno, quando produz realidades diferentes daquelas que são esperadas, provoca o surgimento de heterotopias. Heterotopias estão presentes em quase todos os lugares de nossa sociedade, mas poucas delas são de facto enxergadas, pois poucas delas conseguiram de alguma maneira “dessacralizar” o espaço em que se veem inseridas. Essa dessacralização, no entanto, não seria assumida pelos indivíduos que, segundo Foucault, até os dias atuais, se negam a admitir as relações críticas que ocorrem nos espaços formais.²⁰

Em um grande território modificado pelo tempo como a Irlanda, é feita uma delimitação tanto na historiografia como no plano geográfico, discriminando o momento e o lugar a serem revistos: a Páscoa de 1916 e a cidade de Dublin. Dublin é o espaço de posicionamentos de qual Michel Foucault nos fala, onde as relações corriqueiras da sociedade se dão ao alcance dos olhos, de acordo com a função predeterminada do espaço e onde outras relações, concomitantes às primeiras, que fogem da norma do espaço, acontecem por modificar a funcionalidade daquele posicionamento:

Mas o que me interessa são, entre todos esses posicionamentos, alguns dentre eles que têm a curiosa propriedade de estar em relação com todos os outros posicionamentos, mas de um tal modo que eles suspendem, neutralizam ou invertem o conjunto de relações que se encontram por eles designadas, refletidas ou pensadas.²¹

No fragmento acima, Foucault nos diz acerca da ligação desses espaços inquietos aos demais espaços, usando assim de duas designações para analisá-los, uma cujo significado se faz bem conhecido pela sociedade: as utopias; e outro denominado

¹⁹ FOUCAULT, Michel – *Outros Espaços*, p. 413

²⁰ Idem, p. 412.

²¹ Idem, p. 414.

por ele de heterotopias. As primeiras, ligadas a uma imagem ideal ou inversa da própria sociedade que reuniria modelos perfeitos e irreais de um espaço real, foi por ele descrita da seguinte forma:

... lugares que são delineados na própria instituição da sociedade e que são espécies de contraposicionamentos, espécies de utopias efetivamente realizadas nas quais os posicionamentos reais, todos os outros posicionamentos reais que se podem encontrar no interior da cultura, estão ao mesmo tempo representados, contestados e invertidos, espécies de lugares que estão fora de todos os lugares, embora eles sejam efetivamente localizáveis.²²

Tratando-se das heterotopias, no entanto, Foucault chega a cogitar a utilização do termo “ciência” para falar da análise destas, acabando por exemplificar esse estudo como uma leitura e uma sistematização dos diferentes espaços e lugares presentes em um único posicionamento, a heterotopologia. O que faria diferir as heterotopias das utopias, segundo ele, seria o facto de as utopias serem sítios sem um lugar real, como o nosso reflexo na superfície de um espelho, como um momento que não existe, fantasioso, como ele próprio exemplifica: a utopia exemplificaria a sociedade que de facto existe, mas de forma invertida, diferente. As heterotopias, por outro lado, diriam respeito ao momento vivido por nós frente ao próprio espelho: o momento de embate que travamos com uma outra possível realidade que não existe.²³

Segundo Foucault, todas as sociedades são de facto formadas por seus lugares formais e por suas heterotopias. Estas últimas possuiriam formas variadas para cada sociedade, mas segundo o autor, tentar enquadrar esses espaços multifuncionais em conceitos pré-determinados parece ser uma forma de os normalizar, de controlá-los com base em significados já existentes. Para Foucault, heterotopias não seriam uniformizadas, não se repetiriam igualmente nos diferentes espaços onde ocorreriam ainda que ele se sentisse livre de dividi-las em grupos, como o das heterotopias de crise, o das heterotopias de desvio e o das heterotopias de purificação. Numa tentativa de encontrar esses espaços dentro das alocações de uma obra ficcional como *Rebellion*, tomaremos como base a análise de:

²² Idem, p. 415.

²³ Idem, p. 415-416.

- Personagens à margem da situação política do país como os rebeldes envolvidos na revolta, os espaços em que estes se encontram, alocações como escolas e hospitais, prédios públicos tomados por suas ações clandestinas;

- Personagens femininas, factuais e ficcionais, que, diferentemente do que a cultura patriarcal da época ditava, emergiram do sub-posicionamento onde foram alocadas na História, e ocuparam espaços outrora estritamente masculinos;

- Espaços comuns às personagens ricas e pobres e ao clero, três elementos presentes e influenciadores da Revolta da Páscoa.

A Irlanda do século XIX e do início do século XX era um lugar onde ocorria a coexistência de duas tradições com componentes religiosas, sociais e de alinhamentos políticos. As diferenças culturais que se verificavam no país não chegavam sequer próximas à heterogeneidade que hoje em dia se encontra presente nas grandes metrópoles multiculturais do mundo ocidental. O ideal de um país nacionalista, e definido pela língua ancestral, surgiu com o movimento cultural da Liga Gaélica que, culturalmente dominando as esferas intelectuais e políticas, reacendeu uma necessidade de afirmação cultural e linguística do povo irlandês.

Da mesma maneira que os jovens pertencentes aos Voluntários Irlandeses, ou ao Exército dos Cidadãos, vindos de diferentes esferas sociais, se encontravam de forma religiosa nos locais comuns aos interesses nacionalistas e tomavam aquele ofício como lei, um pobre católico adentrava ao lugar do senhor anglo-irlandês pela porta dos serviçais, e o fazia por que todo um historial o colocara naquela posição. Um católico rico, porém, elemento que não era raro de se encontrar nos âmbitos intelectuais do país, não frequentava ambientes onde os pobres protestantes exerciam sua religião, mas talvez se deparassem um com o outro em ambientes escusos de lazer. Em Dublin Castle, a falar de uma esfera mais elevada daquela sociedade, tudo parecia sob controle até que o espaço onde ocorria a Primeira Guerra, de repente, se estendeu à capital irlandesa.

Estes são apenas exemplos das representações factuais que se fazem na trama da minissérie e que sofrem modificações ao longo dos eventos do feriado representado. Quando as personagens não passam pelas diferentes locações, suas ideias o fazem, e quando não são violentados, a violência lhes chega através da desgraça fruto dos conflitos que de suas fronteiras escapam. A proposta deste trabalho se firma justamente

na gama de realidades culturais existente na já citada representação da Revolta da Páscoa. Serão analisadas cada uma das personagens em cada um dos episódios de *Rebellion*, os jogos de relações e os factos históricos que interagem a tornar o conteúdo mais próximo da realidade. A História e o lugar foram feitos para serem analisados em conjunto, principalmente quando sociedades e nações diferentes são capazes de produzir conceitos diferentes para o “tempo” e o “espaço”, sabendo que ambos dizem respeito a termos cujos significados são nada menos do que o resultado das relações ocorrentes em domínios de que se ocupam a história e a geografia.²⁴

²⁴ HARVEY, David – *Justice...*, p. 17.

Capítulo 1 – A Cidade de Dublin

Na abordagem dos diferentes lugares culturais existentes numa cidade como Dublin, se torna imprescindível uma explanação acerca de parte de sua estrutura urbana e de sua configuração histórico-geográfica. Em outras palavras, é impensável que se reflita criticamente sobre uma série de televisão e sobre o modo como nesta se representa um episódio histórico e o espaço em que esse episódio ocorreu sem que se principie de um olhar sob o prisma da influência de seu espaço na história da própria cidade e de suas relações humanas. Dublin, como Londres e como tantas outras cidades que se elevaram à qualidade de capital, nasceu à beira de um aquífero, este que posteriormente lhe rendeu o nome que até hoje a cidade carrega. *Dubhlinn*, em irlandês, diz respeito à lagoa negra que antecede o desaguar do tributário Rio Poddle no principal curso dublinense; o Rio Liffey.

O senso comum e a história nos mostraram ao longo dos séculos que a indústria, as moradias e o comércio tenderam sempre a surgir junto às periferias de grandes vias de acessibilidade. Em tempos passados, as principais vias de acesso às cidades mais interiores, e às terras exteriores, diziam quase sempre respeito às margens de um grande rio, facto constatado em civilizações pré-históricas, tais como os mesopotâmios, nascidos entre dois rios, o Eufrates e o Tigre. Schueller nos fala da importância dos rios para locomoção de pessoas e mercadorias, implicando também em sua importância para o comércio. Importantes também para o cultivo de alimentos, os solos férteis à beira dos rios, atraíram fazendeiros e em seus vales foram se assentando as novas populações e diferentes culturas agrárias.²⁵

Ainda que o Liffey não seja de grande alcance para o interior do país, sendo inavegável poucas milhas acima, a localização costeira da cidade, por si só, estava internamente associada à grande camada populacional ali presente. Litorais sempre atraíram massas populacionais e ainda hoje continuam a atrair, salvo apenas às capitais planejadamente criadas em interiores numa busca maior por segurança. A formação e o crescimento do território hoje compreendido como a cidade de Dublin surgiu a partir de ataques e de uma colonização viking ocorridos desde o século IX até o século X, em meio a violentas abordagens, pilhagens, incêndios provocados em templos cristãos e

²⁵ SCHUELLER, Gretel H. – *The Restless Earth*, p.24.

uma longa ocupação da ilha.²⁶ Outro fator que influenciou o crescimento de Dublin como cidade e capital, se deu com a ocupação normanda no período compreendido entre o século XII e a baixa Idade Média, culminando assim com o povoamento anglo-normando da exata região onde hoje encontra-se Dublin.²⁷ Tratando-se de um território ricamente composto por rios, lagos, lagunas e baías, a Irlanda teve sua capital numa cidade aberta à construção de portos em seu estuário marítimo; um espaço estrategicamente propício para um fluxo industrial e populacional.

1.1 Aspectos físicos ao longo dos séculos

O interesse turístico sobre a cidade de Dublin tem seu significado para além da visitação de seus marcos históricos e de seus museus enriquecidos com a história milenar do país. Outro ponto importante na valorização da cidade diz respeito à sua paisagem, em especial àquelas em que a presença da cor que caracteriza a nação, o verde, se encontra, seja em seus parques ou em suas reservas florestais. O cenário criado por um relevo em anfiteatro, onde tudo se volta ao encontro do vale do Rio Liffey, nasce desde Wicklow Mountains, descendo para a planície da cidade de Dublin onde recebe as águas da lagoa do pequeno Rio Poddle. A área se divide em duas zonas geograficamente convencionadas, mas socialmente reais: o norte e o sul, como nos mostra Muiris de Buitléir em seu atlas histórico-geográfico.

The dominant characteristics of the landscape are the Liffey valley, running west to east over limestone plain into Dublin Bay, and the foothills of the Dublin Mountains along the Southern fringe.²⁸

A zona norte de Dublin, hoje em dia mais modificada pela urbanização do que a zona sul, se revelou uma região de diferenças sociais desde o seu povoamento tardio aquando da Idade Média, tratando-se de uma região com quase nenhum sinal de urbanização ao longo da ocupação viking do território, vindo a ser ocupada de facto apenas em tempos medievais.²⁹ Ao sul, o solo seco propiciou o assentamento

²⁶ FOSTER, R.F. – *The Oxford...*, p. 30-37.

²⁷ Idem, p. 44-62.

²⁸ BUITLÉIR, Muiris de – *A portrait of Dublin in maps*, p.7.

²⁹ Os anexos 5 e 6 tratam-se de mapas que compreendem respectivamente o período da ocupação escandinava e o período da Idade Média na cidade de Dublin e são ambos de autoria de Muiris Buitléir, encontrados em sua obra *A Portrait of Dublin in Maps*. No primeiro mapa, é notável a escassez de construções ao norte da cidade em períodos de ocupação viking, diferentemente de um inicial

populacional, e a localização do Liffey, do Poodle e do estuário deste último, como o autor nos mostra, providenciava uma defesa natural para as vilas surgidas ao *Southside*.³⁰ O norte de Dublin, por sua vez, é uma área cuja ocupação veio a aumentar após os inícios do século XX. O comércio e a indústria ligados ao porto, o crescimento populacional continuado e certo descaso para com o planejamento urbano, fizeram com que essa zona da cidade se tornasse relativamente menos favorecida em comparação ao sul, mesmo tendo o principal porto marítimo irlandês de papel fundamental para a economia do país. Gradualmente até os dias atuais, o lado norte veio a perder prestígio social face à insegurança e desorganização que naquela zona da cidade passou a existir, enquanto o outro lado, o sul, foi sempre dito por habitantes do norte como um território mais agraciado urbanamente falando.

Porque falar dos aspectos fisiográficos de Dublin se faz tão necessário para este trabalho? Pode-se dizer que esta divisão sociológica do Norte e do Sul da capital, através de uma visão mais popular e não cientificamente comprovada, sempre serviu por delimitar as áreas mais economicamente empobrecidas e as áreas mais privilegiadas da cidade (ainda que erros estejam presentes nessa divisão uma vez que ainda hoje há bairros mais humildes isolados mais ao sul da cidade). Foi destas duas zonas que emergiram figuras conhecidas, envolvidas no evento da Páscoa, zonas prévia e estrategicamente estudadas pelos revoltosos e que serviram de posicionamento para estes ao longo daqueles dias, situando seus batalhões, tanto ao norte quando ao sul do rio. Este mesmo rio, porém, veio a se tornar um empecilho natural, um aliado para barcos britânicos e suas pontes, vias a serem protegidas pelos rebeldes contra as forças inimigas providas do porto e das zonas periféricas da cidade para o centro desta.

1.1.1 Aspectos estatísticos ao longo do centenário

Com o advento do centenário da Revolta da Páscoa, no ano de 2016 a *Central Statistics Office* (C.S.O.), órgão responsável pelos estudos estatísticos irlandeses, produziu pesquisas voltadas à questão comemorativa a fim de que se pudesse perceber o que havia mudado no país ao longo daqueles cem anos desde que a iniciativa da Revolta da

povoamento já presente no mapa referente à Idade Média, onde uma escola, uma catedral e um convento já podem ser encontrados à margem norte da capital.

³⁰ Idem, p.20.

Páscoa se deu. A pesquisa contou com dados daquela segunda década do século XX, mais precisamente dos anos de 1911, 1915 e 1916, em contraste com outros dados da segunda década do século XXI, desde 2011 até 2015.³¹

Tratando-se do contingente populacional, numa comparação com os números de 1911 com os de 2011, se chega à conclusão de que na Irlanda havia aproximadamente 3,1 milhões de pessoas a habitar o país, ao passo de que, cem anos depois, este contaria com 4,6 milhões de irlandeses em todo o seu território, resultando num crescimento populacional de 48%. Em Dublin, o crescimento foi ainda maior: em 1911 havia 304,802 mil habitantes em contraste com os 527,612 mil de 2011, resultando num crescimento de 73% no número de habitantes da capital. Para um país que no século XIX veio a sofrer uma significativa perda de habitantes num fluxo de emigrações de proporções históricas, se pode dizer que a Irlanda no último século se desenvolveu o suficiente para manter seus filhos em seu território. Desde a vaga de fome de 1840, a população dublinense nunca mais veio a crescer ao ponto de se tornar uma capital superpopulosa, tendo tradicionalmente se mantido baixa se comparada às de demais cidades europeias. Porém, a população irlandesa daquela época era melhor distribuída em suas faixas etárias quando dados de hoje em dia revelam uma sociedade mais envelhecida, onde a ocorrência de cidadãos de meia idade supera a quantidade de jovens.³²

Comprovando factos presentes na série televisiva *Rebellion*, dados também do C.S.O. acerca da qualidade habitacional dos irlandeses viventes na capital em 1911 mostram que 36% dos dublinenses viviam em casas pequenas, com no máximo um cômodo, o que nos faz remeter imediatamente aos chamados *slums*, habitações presentes ao centro e ao norte da cidade; velhos casarios antigos cujos senhorios desmembravam em pequenas casas, servindo cada cômodo para a habitação de uma família, e ali vivia uma dezena de pessoas, ou mais, sem condições algumas, amontoados na própria pobreza.³³

³¹ Central Statistics Office. – *Life in 1916 Ireland: Stories from Statistics*. Disponível em: www.cso.ie/en/releasesandpublications/ep/p-1916/1916irl

³² BUITLÉIR, Muiris – *A portrait...*, p. 134.

³³ Consta-se também que em um pequeno contraste com esta porcentagem, 22% dos dublinenses viviam em casas grandes, estas com mais de 10 cômodos, fazendo do restante da população (42%) uma classe média relativamente bem instalada. (Central Statistics Office).

A população rural na Irlanda era de facto muito maior do que a dos dias atuais, um retrato do país que vivia numa dependência em larga escala da economia rural. Hoje em dia, apenas 5% da economia irlandesa está voltada para a agricultura, o que nos leva a analisar outro importante dado presente nas pesquisas do C.S.O.: o número de fazendas no interior do país que decaiu significativamente em 60% e o facto de que aquelas que permaneceram de pé terem se estendido em seus hectares. A conclusão que se pode tirar de tal é a extinção do papel do pequeno produtor na economia do país, sendo este substituído pelas produções em larga escala de grandes fazendeiros. No fim do século XIX e início do século XX, a Irlanda já não era um país cujo interior escasso de alimentos mantinha o protótipo do agricultor deixado para trás após a vaga de emigrações e fome, mas um país que havia empurrado este mesmo fazendeiro para os centros urbanos mais próximos em busca de melhores condições de vida.³⁴

Outro facto presente na minissérie, a representar o setor da economia ocupado pelos menos afortunados cujas filhas, sem estudo, eram empurradas para empregos voltados aos serviços domésticos na casa dos mais ricos, é também comprovado através dos dados do C.S.O. que mostram que em 1911, um em cada dez trabalhadores irlandeses servia em ofícios domésticos. Hoje em dia, tal como no restante da Europa, este quadro veio a mudar perceptivelmente, com apenas alguns milhares de irlandeses a ocuparem este setor da economia nacional.

Tal como naquela época, protestantes eram a minoria do país. Porém, ainda segundo o C.S.O., uma grande diminuição na presença desta parcela da sociedade também se fez notada, vindo hoje em dia os protestantes a integrar apenas 3,6% dos irlandeses da República. Se por um lado estes dados podem significar uma considerável emigração dos antigos patrões daqueles católicos subalternos de volta à Inglaterra, por outro lado estes resultados também podem ser tomados como fruto de uma gradual secularização da população, onde muitos indivíduos não se reconhecem mais como parte integrante da religião em questão.

De acordo com C.S.O, apesar do que se pode ver na história do país, em especial no esforço dos intelectuais ligados à Liga Gaélica em perpetuarem uma unidade cultural aos filhos da terra, em 1911 menos de um quinto da população falava irlandês. Em

³⁴ Central Statistics Office – *Life in 1916...* Disponível em: www.cso.ie/en/releasesandpublications/ep/p-1916/1916irl

2011, porém, dois quintos dos irlandeses já se consideram fluentes no idioma. É interessante perceber, porém que em 1916 uma percentagem de 70,7% da população estudante frequentava a escola pública (lembrando que o idioma irlandês era normalmente ensinado em colégios particulares, como a escola aqui já citada de Patrick Pearse), e em 2013, 94,1% dos irlandeses já fazem uso do ensino público, um aumento não muito significativo, mas que nos leva a perceber que o ensino da língua irlandesa veio a se estender com o governo republicano para a rede pública, duplicando o número de falantes do gaélico irlandês.

Culturalmente falando, por se tratar de uma sociedade onde a religião sempre esteve presente no modo de vida de seus habitantes, em 1916, a média de casamentos na Irlanda era superior à de hoje, além de que, apenas 2,4% das crianças nascidas não eram fruto de um casamento legalmente registrado. Em 2012, esse número ascendeu a quase um terço dos bebês nascidos no país e 40% desta fração advém de Waterford, Lough, Wexford e Dublin, mostrando uma clara mudança cultural no modo de vida outrora tão católico e conservador. Naquela época, 92% das uniões eram católicas, hoje em dia apenas 60% destas o são.

Ainda que esses números tivessem se reduzido, vale a pena lembrar a que situação político-social a influência da moral católica veio a levar a Irlanda ainda nas últimas décadas do século XX. Exacerbadamente conservador, o governo irlandês impediu que a legislação favorecesse ideais moralmente liberais durante décadas e que continuasse ocultando descobertas problemáticas de crimes ocorridos por entre as paredes de instituições católicas, acusações de abuso físico e sexual de jovens mulheres e crianças que acabaram impunes. Segundo Siobhan Kilfeather³⁵, referendos organizados pelo governo, ocorridos na década de 1980, se posicionaram contra os direitos que movimentos feministas requeriam desde a década passada.

From the early 1970s, women's groups in Northern Ireland and in the Republic began to use international law and international human rights discourse to pressure home governments into changing the status of women. (...) Other European countries moved towards permitting

³⁵ KILFEATHER, Siobhan – *Irish Feminism*, p. 98-116.

divorce, contraception, abortion and the decriminalisation of homosexuality.³⁶

Segundo Kilfeather, enquanto o restante da Europa se tornava aberta à criação e à aceitação de leis liberais que abrangiam todas as exigências de suas populações, ainda segundo a autora, a Irlanda seguia estacionada, convivendo com uma legislação que havia sido criada há séculos. O povo, de acordo com Kilfeather, descrente de que aquela mentalidade conservadora continuaria a lhe suprir, implorava por emergir em termos liberais e por não ser mais criminalizado por ações e escolhas íntimas de cada indivíduo. Não se pode esquecer, porém, que a Irlanda vivia um tipo de democracia e que, como a História nos mostrou ao longo do século XX acerca dos governos totalitários e ausentes de uma oposição política salutar em seus parlamentos e congressos, a presença do Estado que deveria ser mínima na vida pessoal de seus cidadãos, os influenciava diretamente e que, mais do que possuir governantes conservadores, seu povo também assim o era.

1.1.2 Dublin: Católicos e Protestantes

A capital, como o restante do país, era um quadro de contrastes, um reflexo da Irlanda e onde as idéias fomentadoras da independência faziam um prenúncio daquilo que *Éire* desejava ainda se tornar. Para além de características fisiográficas e de seus dados demográficos estatísticos, Dublin, culturalmente rica desde sua fundação, sendo a cidade de maior população dentro do território irlandês ³⁷, teve de administrar, muito mais do que qualquer dualidade religiosa, dinâmicas socioespaciais resultantes de dois polos político-sociais.

Em Dublin, a divisão Norte-Sul, para além de existir graças ao Rio Liffey, sempre disse respeito a uma dualidade cultural demasiado “imaginária” da capital. Essa polaridade é um conceito muito atual, ainda que distorcido por rivalidades bairristas, mas que teve sua origem no século XVIII face ao remodelamento urbano da cidade. Enquanto ao norte viviam os homens trabalhadores das classes mais socialmente subalternas da sociedade dublinense, e sendo essa a zona da cidade mais problemática

³⁶ Idem, p. 110.

³⁷ Somente o condado de Leinster, como vimos de acordo com C.S.O., contava com 1. 162.044 habitantes no início do século XX. – Central Statistics Office – *Life in 1916...* Disponível em: www.cso.ie/en/releasesandpublications/ep/p-1916/1916irl

em termos sociais como fruto de uma ocupação desordenada ocasionada por mudanças no âmbito urbano, no lado sul da cidade, ainda a conservar maiores moradias suburbanas de grande porte, semelhantes à dos subúrbios londrinos, era habitada por uma classe economicamente superior à da população ao norte.

Em seu artigo para o *The Irish Times*, Fintan O'Toole nos fala acerca deste mito *northside-southside*, tomando como argumento primeiramente as instituições de ensino presentes ao sul do rio, empresas, universidades e escolas notáveis. Ele nos diz:

There is some truth to the idea that much of Dublin's wealth and power is in an area bounded by the south bank of the river, the sea and the mountains. Trinity, Leinster House, UCD, RTÉ, Today FM, The Irish Times (just about) and most of the city's poshest private schools are situated within it.³⁸

Em seguida, O'Toole nos lembra de dois exemplos de construções notáveis, agora localizadas na zona norte da cidade. No entanto, ele explica, por se tratarem de um campo de rugby (Croke Park) e de uma instituição de ensino criada somente nos anos de 1970 (Dublin City University), tais não chegam a ser tratadas como tão “notáveis” assim, e isso não se deve às suas funções, mas a suas localizações mesmo. O mito *north-south* persiste até os dias de hoje ainda que não faça mais sentido algum. Para “desmitificar” imagens pré-concebidas dos habitantes destas duas zonas da cidade, O'Toole nos dá nomes notáveis pertencentes a ambos os polos da capital, citando o político e historiador unionista Conor Cruise O'Brien como um dublinense provindo do norte do rio (quando, dali, deveria sair, segundo o imaginário do mito, um homem emergido da rebeldia, um perfeito feniano nacionalista) e o presidente Eamon de Valera, por sua vez nacionalista e conservador que não condizia nada com o verdadeiro *southsider* que era, quebrando com as imagens que haviam ficado no passado da história da cidade.

No início do século XX, o que a política nacionalista dizia era que era necessário buscar uma unidade possível para fazer do povo irlandês uma nação de facto. O inglês era a língua mais falada, não o irlandês e ainda que tivesse havido no século

³⁸ O'TOOLE, Fintan. – *Time to move beyond the Northside-Southside myth*. Disponível em: www.irishtimes.com/news/time-to-move-beyond-the-northside-southside-myth-1.551483

anterior uma tentativa de sucesso com o movimento cultural da Liga Gaélica, a principal ferramenta dos rebeldes fora a de tratar especialmente da educação à moda irlandesa. Escolas de irlandês foram criadas, em especial a de Patrick Pearse que era um dos líderes da revolta aqui tratada.³⁹ Jornais cujas manchetes diziam respeito a acontecimentos de interesse dos nativos, e a abordagem pessoal: panfletagem em meio às ruas, recrutamento de jovens nos bairros sociais. Tudo fora necessário e imprescindível na construção de uma forte nacionalidade que não tinha muito a ver com religião. Foram muito mais questões econômicas que vieram à luz em 1916, não se podendo esquecer a influência republicana que fomentou a essência da revolta, e tampouco se pode deixar de lado a dura realidade vivida por uma camada da sociedade cujo dia-dia era de facto contrastante ao do outro lado da cidade.

Para melhor exemplificar o quadro da dualidade religiosa aquando da revolta de 1916, Martin Maguire, em *A socio-economic analysis of the Dublin protestant Working class 1870-1926* ⁴⁰, sabiamente nos fala através de uma detalhada pesquisa histórico-económica acerca dos fatores que levaram a população protestante a gradualmente diminuir no país. Esse declínio da população protestante ocorreu entre 1911 e 1926, e contidos nesse grupo estavam não somente aqueles das classes mais abastadas, mas também trabalhadores da classe operária dublinense e descendentes de fazendeiros do interior do país. Segundo o autor, esse fenómeno teve seu início ainda no século XIX, mas veio a se intensificar aquando da Grande Guerra, sob influência principalmente do poderio militar.

As mudanças econômicas ocorridas ao longo do século XIX, na tentativa da Irlanda em se desenvolver como segunda capital do reino, decepcionaram a classe trabalhadora e, uma vez que lhes era preferível migrar para o interior da Inglaterra a decaírem na hierarquia social na Irlanda, deixaram o espaço vago para aqueles migrados do interior do país, católicos em sua maioria.

The differences in the dispersal of the two population groups are the result of socio-economic rather than sectarian forces. Middle-class

³⁹ St. Enda's School, em Rathfarnham, foi a escola de Irlandês criada por Patrick Pearse, também poeta e escritor, autor de obras, influenciado e participante da Liga Gaélica. – COOGAN, Tim Pat. – *1916: The Easter Rising*, p.41.

⁴⁰ MAGUIRE, Martin – *A socio-economic analysis of the Dublin protestant Working class 1870-1926*, p. 7.

protestants lived in middle-class areas along with middle-class Catholics. Working-class Protestants lived in working-class areas with working-class Catholics.⁴¹

Maguire analisa tal fenômeno da seguinte forma: católicos eram maioritariamente pequenos fazendeiros da zona rural do país que se moveram primeiramente do interior para a capital, ocupando as zonas menos privilegiadas da cidade. Porém, mais do que uma questão de “Católicos vs. Protestantes”, Dublin sempre veio muito mais a se categorizar em diferentes camadas socioeconômicas cujos membros tanto pertenciam à religião romana quanto ao protestantismo, podendo alguns terem sido criados na segunda, se convertendo na vida adulta para a primeira.

A diminuição da população protestante não veio a trazer mais empregos para os católicos e o facto de que um cidadão já não se considerava protestante não significava a ausência dele na sociedade dublinense. Maguire nos diz acerca disso que um terço das moças protestantes se casaram com militares britânicos aquando da Guerra, levando muitos dos homens protestantes a se converterem e se casarem com jovens católicas. Logo, alguns deles jamais saíram sequer dali, se convertendo ao catolicismo, uma vez que havia uma inclinação muito maior para o proselitismo católico, face à impossibilidade de aceitação de um marido protestante que não se convertesse ou que, pelo menos, não permitisse que os filhos resultantes daquele matrimónio fossem educados como católicos. Dessa forma, não se podia chamar de conflituosa a forma como ambos os extremos da camada mais humilde da sociedade se davam, havia obviamente interesses distintos de ambos os lados, mas a realidade era sem dúvida demasiado diferente daquela esperada pelos políticos que incitavam o ódio entre ambas.⁴²

Havia uma solidariedade social entre os dois grupos, ainda que politicamente parecesse haver o dualismo católico-protestante. A camada trabalhadora da população dublinense era composta tanto por cidadãos protestantes quanto por cidadãos católicos, diferenciando estes, muitas vezes, por suas competências profissionais, onde os protestantes eram visivelmente superiores. Os conflitos rurais que ocorriam no interior do país, incitados por Parnell aquando da década de 1880, não eram sequer sabidos

⁴¹ Idem, p. 46.

⁴² Idem, p. 35-37.

pelos dublinenses. Os protestantes mais pobres da cidade não conheciam a realidade dos fazendeiros protestantes do interior e estes não sabiam o que passavam os trabalhadores pobres na capital. Eram duas realidades contrastantes, ao contrário daquela que ambos os cidadãos, católicos e protestantes, conheciam lado a lado.⁴³

A classe trabalhadora de qualquer sociedade é heterogênea, diz Maguire, seus componentes se unem face ao avanço econômico da sociedade e se afastam face ao declínio da mesma economia. Ao longo do século XIX, protestantes da classe trabalhadora chegaram a Dublin com uma visão sectária acerca dos católicos irlandeses, mas no decorrer daquelas décadas, fatores culturais os fizeram diferentes da elite protestante local. Não se tratava apenas de tolerância, mas de coexistência numa realidade demasiado diferente daquela que viviam na Inglaterra. Não se tratava de “norte” e “sul” no cenário da capital, mas de ricos e pobres, fossem católicos ou protestantes.

1.2 A Revolta da Páscoa: o espaço e o tempo

Já tendo como conhecida a estrutura e o cenário fisiográfico, econômico e social no qual os factos da rebelião de 1916 se deram, se faz necessário agora que seja recordado com detalhes o momento histórico, objeto de nosso estudo, no qual Dublin estava inserida. A capital irlandesa foi aqui tomada como centro de estudo face à abrangência do evento em questão e a Revolta da Páscoa, por mais significado que venha a ter nos momentos posteriores daquele ano e década, em seus preparativos e ação, alcançou apenas o espaço restrito do centro da cidade.⁴⁴ Um evento local - é isso que se pode chamar à rebelião, pouco disseminada pelo restante do condado de Dublin e muito mais alheia aos olhos dos habitantes do restante do país.

Era a Primeira Guerra Mundial e a Inglaterra combatia a Tríplice Aliança formada pela Alemanha, Itália e o Império Austro-Húngaro, e tanto o reino do Rei George V como a França se viam arrasados nas frentes de batalha do continente. Irlandeses eram recrutados para lutar pela Inglaterra, e não eram somente os protestantes a aceitá-lo. Como vimos com Martin Maguire um grande número de jovens se juntara ao exército, mas ainda que parte destes fosse protestante, havia católicos em

⁴³ Idem, p. 11.

⁴⁴ FINN, Joe; LYNCH, Michael – *Ireland and...*, p. 90.

busca de melhores condições de vida que optavam por servir a sua majestade, sob a garantia de sustento para suas famílias numerosas. Eles partiam por tempo indeterminado enquanto suas esposas recebiam o mínimo, mas imprescindível, salário para compor a alimentação de suas crianças. Segundo Karsten, o salário de um soldado de infantaria irlandês em 1890 era de aproximadamente um *shilling* e dois e meio *pence* por dia.⁴⁵

1.2.1 Núcleos rebeldes

Havia dois polos extremos no campo político irlandês; aquele que acreditava na necessidade do país em se quedar ao lado da Inglaterra, liderado por John Redmond⁴⁶, e aquele que era composto por representantes que, como Arthur Griffith, acreditavam que o verdadeiro inimigo era a Inglaterra. Para os primeiros, a guerra também lhes pertencia, e seria a mostrar seu valor e apoio à Inglaterra que os nacionalistas irlandeses conseguiriam pacificamente alcançar a própria independência. Em 1914, Redmond estava ansioso por enviar irlandeses à guerra, recenseando os recrutados a fim de detectar entre eles nacionalistas e não somente unionistas. Para ele, o progresso viria pouco a pouco e mandar irlandeses para a guerra seria apenas o início. Do outro lado, havia Arthur Griffith⁴⁷ e Patrick Pearse, apoiantes de uma guerra contra o Reino Unido, vindo o primeiro a acusar Redmond de traição ao Partido Nacionalista.

What has Ireland to defend, and whom has she to defend it against? Our Duty is in no doubt. We are Irish nationalists, and the only duty we can have is to stand for Ireland's interests, irrespective of interests of England, or Germany, or any other foreign country.⁴⁸

Pearse, antes aqui já falado, acreditava que a guerra que acontecia na Europa era um acontecimento perfeito para a reviravolta que o povo irlandês aguardava há séculos, e para que a Irlanda pudesse enfim se erguer e se voltar contra o Reino Unido. Professor de gaélico-irlandês, poeta e consequentemente um dos principais mentores da Liga

⁴⁵ KARSTEN, Peter – *Irish Soldiers in the British Army, 1792-1922: Subornate or Subordinate?*, p. 33.

⁴⁶ John Redmond era um político nacionalista e membro do Parlamento Britânico, seguidor de Charles Stewart Parnell. – FINNAN, Joseph – *John Redmond and Irish Unity: 1912-1918*, p. 23.

⁴⁷ Arthur Griffith foi o fundador do partido Sinn Féin, também tendo sido editor do jornal de mesmo nome ainda que fizesse de suas publicações uma ferramenta de alcance da população. – KOSTICK, Conor; COLLINS, Lorcan – *The Easter Rising: A Guide to Dublin in 1916*, p. 21.

⁴⁸ FINN, Joe; LYNCH, Michael – *Ireland and...*, p. 92.

Gaélica, seus discursos eram compostos com ricos elementos de retórica, repletos de nostalgia e esperança e de um sentimento que exaltava o sacrifício humano de modo irracional. O exagero e a beleza de suas palavras vieram a inspirar toda aquela geração que em 1916 lutou a favor dos nacionalistas.

Life springs from death; and from the graves of patriot men and women spring living nations. The Defenders of this Realm have worked well in secret and in the open. They think that they have pacified Ireland. They think that they have purchased half of us and intimidated the other half. They think that they have foreseen everything, think that they have provided against everything; but the fools, the fools, the fools! — they have left us our Fenian dead, and while Ireland holds these graves, Ireland unfree shall never be at peace.⁴⁹

A revolta contaria com dois polos armados dentro da capital: o I.C.A., o *Irish Citizen Army* de James Connolly e o *Irish Volunteers* de Pearse. Tanto um como a outra milícia foram cruciais na tomada do poder daquele feriado e, ainda que os Voluntários estivessem em sua maioria, duzentos indivíduos entre homens e mulheres participaram da rebelião ao lado da milícia de Connolly. As formações de ambas as forças de proteção e defesa tiveram origens bastante peculiares dentro da história do país, sendo a primeira de cunho socialista, e parcialmente formada pela classe trabalhadora dublinense, e sendo o segundo de raízes militares, composto pelos voluntários que se recusaram a lutar na Grande Guerra.

Para o I.C.A., tudo começou em 1913 quando, sob o comando do liverpuliano James Larkin, antigo representante do Sindicato dos Trabalhadores das Docas⁵⁰ e figura presente em Belfast em nome do mesmo, fora transferido para Dublin, ali fundando a I.T.G.W.U.⁵¹, atendendo aos trabalhadores com formação técnica e aos trabalhadores sem formação alguma. Face às péssimas condições laborais e a ausência de contratos que lhes favorecessem, Larkin pensava numa revolução socialista que viria através de uma sindicalização e de greves organizadas pelo sindicato. Somente em 1911 Larkin

⁴⁹ Discurso de Patrick Pearse frente à lápide de O'Donovan Rossa em 1 de Agosto de 1915. Disponível em: <http://www.easter1916.net/oration.htm>.

⁵⁰ Sigla: National Union of Dock Labourers.

⁵¹ Sigla: Irish Transport General Workers Union.

veio obter algum resultado de suas greves, com a ajuda de funcionários da rede ferroviária e carreteiros, indispensáveis para o transporte de pessoas e mercadorias e, conseqüentemente, para a economia da cidade.

James Connolly se uniu a Larkin, criando o *Irish Labour Party*, participante do *Home Rule Bill* que jamais entrou em vigor face ao início da guerra e ao facto de que tal fora seguido da Rebelião de 1916. Contra eles, estavam os empregadores sob o comando de William Martin Murphy, empresário influente no país, católico e ex-membro do parlamento, agindo duramente contra os grevistas ao ponto de deixá-los à fome, vindo a contratar fura-greves a fim de que a ausência dos grevistas não fosse sequer sentida pelas indústrias. Os homens que ficaram desempregados foram ajudados pelo sindicato e pela União Congressista de Sindicatos em Inglaterra, mas muito esta não pôde fazer, uma vez que a própria Igreja Católica se opôs à tentativa de acolhimento dos filhos dos trabalhadores por parte do sindicato. O *Bloody Sunday* ocorreu durante uma manifestação de grevistas contra fura-greves.⁵² Foi aí que surgiu o Exército dos Cidadãos Irlandeses, uma verdadeira milícia criada a fim de defender o direito dos trabalhadores de se manifestarem.

Do outro lado havia os Voluntários Irlandeses, organização de cunho militar, organizados e criados em 1913 pelos nacionalistas a fim de se manter os direitos e a segurança do povo irlandês. Três grupos nacionalistas originaram os voluntários, o *Sinn Féin*, a Liga Gaélica e membros da *Ancient Order of Hibernians*.⁵³ Antes da Guerra que contou com o esforço de Redmond em recrutar voluntários para as frentes de batalha, eram ao todo vinte mil voluntários no exército nacionalista. Com a ausência de Redmond no poder sobre os nacionalistas, foi criada uma comissão formada por cinquenta membros e uma diretoria composta por oito homens e um executivo de

⁵² Segundo o artigo de Neil F. Cosgrove, intitulado “The First Bloody Sunday: Jim Larkin and the Dublin Lockout 1913”, o primeiro “Bloody Sunday” do século XX na Irlanda ocorreu durante uma manifestação sindical em 31 de Agosto de 1913, seu bloqueio foi feito pelo empresário unionista William Martin Murphy. O segundo, por sua vez, e talvez o mais conhecido, se deu em 1972, em Derry, durante uma manifestação de católicos contra soldados britânicos. Disponível no website: praoh.org/first-bloody-sunday-jim-larkin-dublin-lockout-1913/

⁵³ A Liga Gaélica foi criada ao fim do século XIX, em Dublin sob o principal intuito de conservar a língua irlandesa no país. Importantes nomes presentes na Revolta sempre estiveram envolvidos com esse movimento cultural. – CONCHUBHAIR, Brian Ó – *The Gaelic League and the 1916 Rising*. Disponível em: <https://www.rte.ie/centuryireland/index.php/articles/the-gaelic-league-and-the-1916-rising>
A “Ancient Order of Hibernians”, por sua vez, criada no início do século XIX, teve como objetivo a conservação da cultura católica irlandesa. – FOSTER, R.F. – *The Oxford...*, p. 187-192.

presidência. Nomes como; Eoinn McNeill, Thomas MacDonagh, Patrick Pearse e Joseph Plunkett integraram a formação original dessa comissão, mas, mais tarde, Éamonn Ceannt e J.J. O'Connell vieram a se juntar aos primeiros.⁵⁴ Sem dúvidas a presença desses nomes intelectuais e políticos veio a fortalecer o Exército dos Voluntários para o caso de as forças de Dublin Castle virem a se voltar contra eles, mas, já ao meio dia de 24 de Abril, desobedecendo às ordens de MacNeill, Pearse deu instruções de ataque e tomada à força dos edifícios públicos da cidade.

1.2.2 Proclamação da República da Irlanda

De ambos os lados, tanto intelectual quanto sindicalista, vieram a surgir os fomentadores intelectuais da revolta e estes foram aqueles que compuseram a Declaração de Independência da República da Irlanda. Cinco nomes eram da comissão dos Voluntários Irlandeses, novamente; MacDonagh, Ceannt, Plunkett, Pearse, e Sean McDiarmada, enquanto dois outros nomes estavam ligados ao Exército dos Cidadãos; Connolly e Thomas Clarke. A declaração foi lida por Patrick Pearse no exterior da Central dos Correios de Dublin, o G.P.O.⁵⁵, na segunda-feira de Páscoa, para um pequeno grupo de pessoas, dando assim voz para as ações que seus homens executavam pela cidade.

Numa análise menos aprofundada do conteúdo da proclamação de 1916, vale a pena salientar, dentre o texto saudosista e cheio de elementos de retórica, alguns de seus parágrafos onde a historicidade se encontra mais presente e onde posteriormente haveria espaço para uma análise futura acerca da força motriz que os guiou na construção de tal documento:

IRISHMEN AND IRISHWOMEN: In the name of God and of the dead generations from which she receives her old tradition of nationhood...⁵⁶

Deste passo consta uma referência às gerações passadas que haviam lutado pela independência do país, gerações essas às quais o povo irlandês deveria sua cultura e toda a noção de nação que possuía. O facto de que se refere a homens e mulheres já nos

⁵⁴ A comissão era formada originalmente por Thomas Clarke, Sean MacDermott, Patrick Pearse, Éamonn Ceannt, Joseph Plunkett, James Connolly, e Thomas MacDonagh. – FOSTER, R.F. – *The Oxford...*, p. 196.

⁵⁵ Sigla: General Post Office, Central dos Correios da Irlanda, sede comunicativa do país.

⁵⁶ FINN, Joe; LYNCH, Michael – *Ireland and...*, p. 92-93.

remete às questões de gênero que inspiraram gente como Patrick Pearse e James Connolly. Tendo sido Connolly um defensor ferrenho da igualdade de gênero e um praticante da inclusão feminina na política, tendo tido como braço direito, e condecorada oficial do I.C.A, a Condessa Markievicz. Ainda acerca da declaração, logo em seguida, nas primeiras linhas do segundo parágrafo, são atribuídas à terra e ao país características antropomórficas femininas; ela organiza, ela treina, dando vida ao território, conferindo ações e celebrando uma pátria-mãe.

Having organised and trained her manhood through her secret revolutionary organisation, the Irish Republican Brotherhood, and through her open military organisations, the Irish Volunteers and the Irish Citizen Army, having patiently perfected her discipline (...), she now seizes that moment, and supported by her exiled children in America and by gallant allies in Europe...⁵⁷

O termo “gallant allies”, por sua vez, expõe um pouco da estratégia política e militar seguida por homens como Roger Casement que efetivamente procurou manter alianças estratégicas com os germânicos. Após descoberto em sua traição à coroa, Casement foi exposto também em sua vida privada e julgado, incluindo acusações como a possibilidade de ter tido relacionamentos homossexuais aquando de suas viagens como diplomata, um escândalo para a época.⁵⁸ Casement não foi defendido por seus colegas nacionalistas e veio a ser executado pelos britânicos pelo seu acto, tendo sua imagem manchada perante os próprios companheiros nacionalistas por ter associado os irlandeses aos alemães. Com efeito, o termo “gallant allies” pode ser dado como referente àquela que no momento era a grande inimiga da Inglaterra, a Alemanha.

O texto prossegue com menções à soberania da Irlanda e ao poder de escolha do destino dos irlandeses, duas alusões aos propósitos do Home Rule Bill que nunca entrara em vigor com o início da Guerra. Delineando um pouco da resignação que fora ensinada àqueles soldados, na segunda linha do terceiro parágrafo lê-se:

⁵⁷ Ibidem.

⁵⁸ Poeta e nacionalista, Casement foi acusado de trair o Império Britânico quando buscou ajuda da Alemanha no contrabando de material bélico para os preparativos da Revolta. Mas, mais do que um traidor, Casement serviu ao Reino Unido como diplomata até o momento em que se juntou a Liga Gaélica e aos Voluntários Irlandeses. – FOSTER, R.F. – *The Oxford...*, p. 196 -197.

The long usurpation of that right by a foreign people and government has not extinguished the right, nor can it ever be extinguished except by the destruction of the Irish people.⁵⁹

Não somente em termos de aparência, mas na essência daqueles que eram influenciados, acima de tudo por Pearse e Griffith, soldados irlandeses estavam certos de que morreriam se preciso fosse em nome do país que queriam construir. Connolly e Pearse citam na sexta linha do terceiro parágrafo da declaração seis ocasiões nas quais o povo irlandês reclamou o seu poder sobre a terra. A primeira dessas seis experiências foi a rebelião de 1641, onde fazendeiros católicos em luta por terras iniciaram ataques e assassinatos de fazendeiros protestantes em Ulster, promovendo o caos de tal maneira que uma intervenção por parte da Inglaterra e da Escócia se tornou necessária.⁶⁰ O segundo ano mencionado na declaração de independência viria a dizer respeito aos factos de 1798, aqui já explanados e cujo resultado fora a prisão e morte de Wolfe Tone, líder da “expedição” francesa à Bantry Bay, bem como o massacre de muitos dos revoltosos em batalhas profundamente desiguais nos meios de que um lado e outro dispunham. Outras duas datas faladas na declaração foram os anos de 1803 e de 1848, momentos em que houve duas outras tentativas igualmente falhadas de tomada do poder por parte de nacionalistas, a primeira por parte de Robert Emmet⁶¹, e a segunda em ações falhadas dos *Young Ireland*, inspirados em ideais de Daniel O’Connell.⁶² A quinta ocasião citada na declaração diria respeito à Revolta Feniana de 1867, já organizada pelo I.R.B.⁶³, filiados posteriormente aos Voluntários Irlandeses. Esta ação precedeu a última delas, a Revolta da Páscoa que, cinquenta anos depois, era o cenário da leitura da proclamação.

1.2.3 Localização dos factos no espaço

Cinco dias de conflitos marcaram aquele acontecimento, desde a segunda-feira de Páscoa, dia 24, até o sábado, dia 29. Tanto ao norte como ao sul do Rio Liffey houve ocorrências de conflitos armados, estando ao norte a área de maior importância, onde o G.P.O. e o primeiro batalhão estavam, e, ao sul, a afrontar as barricadas britânicas,

⁵⁹ FINN, Joe; LYNCH, Michael – *Ireland and...*, p. 92-93.

⁶⁰ FOSTER, R.F. – *The Oxford...*, p. 119.

⁶¹ Idem, p. 155.

⁶² Idem, 161-162.

⁶³ Sigla: Irish Republican Brotherhood.

quatro batalhões estavam estrategicamente posicionados para atacar os quartéis britânicos. No anexo 7, uma reprodução de um mapa, presente no livro *The Easter Rising: A Guide to Dublin in 1916* de Kostick e Collins, se pode perceber as áreas exatas onde os conflitos eclodiram e onde a ação perdurou pelos cinco dias da revolta.

Como já foi dito, eram dois núcleos rebeldes a norte do rio e quatro ao sul. O primeiro batalhão se localizava a norte, numa área delimitada por quatro ruas a circundar quatro quarteirões. Eram estas a Church Street, North King Street, Mary Street e a Beresford Street, tal local foi onde se deu o triste massacre de King Street, no quarto dia da rebelião.⁶⁴ Depois do G.P.O., aquela era a área de maior importância da revolta. Em North King Street se encontrava o quartel britânico na antiga casa têxtil Linen Hall e, próximo a James Street, a casa industrial North Dublin Union, também tomada como concentração militar. Havia voluntários estrategicamente localizados, próximos ao alojamento dos Fuzileiros Reais e da estação ferroviária de Kingsbridge. Conforme os dias foram se passando, a luta dos rebeldes contra os militares gradualmente se tornara mais severa, tendo como resultado o maior massacre ocorrido durante a Revolta, onde um regimento britânico veio a matar civis ao longo da North King Street.⁶⁵

Outro ponto de concentração dos rebeldes, também dentro das linhas inimigas britânicas, era o mais importante, a Central dos Correios de Dublin (G.P.O.), localizada na então Sackville Street, hoje conhecida como O'Connell Street. A tomada do G.P.O. tinha, acima de tudo, o intuito de controlar os meios de comunicação com o interior do país e com o exterior deste. Outro motivo seria também a afronta para com os britânicos, tomando-lhes um prédio público, tirando-lhes o controle do país. Fora James Connolly a tomar o edifício, e foi ali que Patrick Pearse leu pela primeira vez ao público a proclamação da República da Irlanda.

Ao sul, na área de Bishop Street e Bride Street, mais precisamente em Jacob's Biscuits Factory, se encontrava o segundo batalhão. A escolha desse local se devia à existência da fábrica em questão, mais um prédio tomado pelos rebeldes pela sua

⁶⁴ Ao final da semana de Páscoa, sob o comando do Coronel Taylor, tropas britânicas avançaram em direção à North King Street e o conflito acabou por resultar na morte de 14 pessoas e no ferimento de 32 outras. – COOGAN, Tim Pat – *1916: The Easter...*, p. 152-155.

⁶⁵ FOY, Michael T; BARTON, Brian – *The Easter Rising*, p. 149.

posição e magnitude, possuidor de duas torres altas suficientemente para servirem de posto de observação. Este batalhão estava sob o comando de Thomas MacDonagh, próximo a catedral de St.Patrick e a Stephen's Green.⁶⁶ Mais uma vez, se tratava de um edifício estrategicamente localizado, no caminho de tropas britânicas, mas não foram os soldados que vieram primeiramente a interferir nos planos dos voluntários. Os próprios operários e suas famílias, os habitantes locais das mediações da fábrica, invadiram o prédio sob a alegação de que seriam prejudicados caso tropas britânicas resolvessem cercar o local. Ao longo da semana, a fábrica fora de facto atacada pelas tropas o que resultara, um dia depois do fim da rebelião, na rendição de MacDonagh.⁶⁷

O terceiro batalhão se via sob as ordens de Éamon de Valera, ao sul da foz do rio, próximo a docas e a caminho da linha férrea que ligava o centro da cidade ao antigo porto de Kingstown, hoje conhecido como Dun Laoghaire. Devendo guardar a região a fim de que tropas britânicas não chegassem a terra, os rebeldes ocuparam Boland's Bakery.⁶⁸ Somente na terça-feira, dia 25, um navio britânico subiu o rio a tentar a rendição do batalhão sem grande sucesso.⁶⁹ Ao longo do feriado, gradualmente atacado, de Valera resistiu até um dia após o término da revolta, e, uma vez que os rebeldes localizados nos demais pontos de conflitos se renderam, seus comandantes, com de Valera incluído, foram sentenciados à morte.

Sob o comando de Éamonn Ceannt, o quarto batalhão de voluntários guardou o sul da cidade, mais precisamente nas imediações do Hospital St. James, um dos maiores hospitais da Europa.⁷⁰ As forças de Ceannt chegaram ao local logo em seu primeiro dia, na segunda-feira, sendo imediatamente atacadas por tropas do Regimento Real Irlandês, vindo a transformar as instalações do prédio em um campo de batalha, onde ainda havia pacientes e funcionários do hospital em seu domínio. Tanto os soldados irlandeses como os rebeldes sofreram severas perdas e, como consequência de tal, civis foram igualmente atingidos pelas ações destes. Com a retirada do regimento, os rebeldes permaneceram no hospital, e fizeram das instalações da enfermagem um quartel-general.

⁶⁶ Idem, p. 120.

⁶⁷ Idem, p. 125.

⁶⁸ COOGAN, Tim Pat – *1916: The Easter...*, p. 105.

⁶⁹ FOY, Michael T; BARTON, Brian – *The Easter...*, p. 112.

⁷⁰ COOGAN, Tim Pat – *1916: The Easter...*, p. 116.

O quinto núcleo rebelde da revolta foi tomado pelo Exército dos Cidadãos. Ao centro-sul da margem do Liffey, entre o segundo e o terceiro batalhão de voluntários, circundando uma área que englobava tanto St Stephen's Green, como a escola real de cirurgões, foi dentro desse perímetro que, na segunda-feira, o grupo liderado por Michael Mallin se estabeleceu. Foi talvez um dos núcleos que mais enfrentara conflitos com a população local, principalmente nas imediações do Shelbourne Hotel.⁷¹ Com trincheiras cavadas e pontos estratégicos espalhados pela área, o parque foi tomado como campo de batalha na terça-feira, quando as tropas britânicas fizeram seus primeiros ataques. Com o hotel tomado pelos britânicos, o exército dos cidadãos estava vulnerável, sob a mira de atiradores que dos primeiros andares do prédio lhes observavam nas trincheiras. Escapando do parque, Mallin fugiu com seus homens para a escola de cirurgões, ali ficando até o momento de sua rendição no dia da Páscoa.

1.2.4 Heterotopias na cidade

A central dos correios, o parque St. Stephen's Green, a Escola Real de Cirurgões, uma fábrica de biscoitos, uma padaria, o Hospital St. James, uma influente indústria têxtil, um hotel de luxo e tantos outros prédios dotados de suas intrínsecas funcionalidades no cenário de uma capital em ascensão como a cidade de Dublin, estes foram alguns dos muitos ambientes, públicos ou não, nos quais se deram as ações da revolta. Os bares, de fama familiar ou não, os bairros sociais, as mansões de luxo e demais prédios de suma importância na administração da capital, ou simplesmente edifícios cuja localização e área que ocupavam eram considerados geograficamente estratégicos, nenhum desses locais ficou de fora da rebelião, todo o centro da cidade e suas imediações participaram da realidade daquela semana. A população católica e protestante viveu dois momentos durante os dias da Páscoa de 1916, o feriado religioso, donde o sacrifício de Cristo se faz tão recordado para a redenção dos pecados humanos, e a revolta, igualmente sacrificial, que louvava acima de tudo a “liberdade” almejada pelos revoltosos.

Tomando como base aquilo que Foucault nos fala em sua obra “Outros espaços”, vale a pena recordar a principal hierarquia que foi quebrada durante a semana daquela Páscoa. Qualquer noção de espaço privado e espaço público foi desmontada pelos

⁷¹ FOY, Michael T; BARTON, Brian – *The Easter...*, p.86.

rebeldes e, igualmente, pelos militares britânicos. E, não somente naqueles cinco dias de luta tal se fez, mas nos momentos que embalaram os preparativos deles. Muitos espaços de diferentes naturezas e com diferentes desígnios assumiram papéis coadjuvantes à sombra da dinâmica da cidade. Fosse uma faculdade de cirurgiões ou uma escola de irlandês, fosse a redação de um jornal ou a casa de uma família burguesa da alta sociedade dublinense; estes cenários “dessacralizados” foram apenas exemplos que posteriormente poderemos ver na análise das abordagens da minissérie *Rebellion*.

Situando-se geograficamente longe dos acontecimentos da grande guerra, ainda que irlandeses a esta tivessem sido mandados pela Inglaterra, no centro de Dublin a dimensão dos acontecimentos daquela semana acabou por trazer a situação das batalhas distantes para perto dos irlandeses, aterrorizando a população desprevenida e matando civis que nada tinham a ver com aqueles ataques rebeldes ao poder do país. O que os mentores da revolta muito salientaram em seus discursos, desde o início da Guerra, fora o facto de que, enquanto soldados irlandeses brigavam pela Inglaterra, a pátria deles vivia o seu próprio conflito social e político, mas no decorrer de uma representação como *Rebellion* é possível se perceber a forma “alheia” e indiferente como os civis mais pobres, e até figuras ricas que não se haviam envolvido na revolta, se haviam portado.

Logo no primeiro episódio se torna claro para o telespectador o quão sozinhos os rebeldes estavam nos preparativos daquele evento. A população não tinha conhecimento daqueles actos e as famílias dos membros envolvidos desconheciam (ou ignoravam) o comportamento evidentemente suspeito de seus herdeiros, como é o caso dos pais de Elizabeth e da tia de Frances. No segundo episódio e ao longo do terceiro também, nos é mostrada uma pequena parte dos pobres que se envolviam em saques de lojas do centro da cidade. Mais especificamente no terceiro e quarto episódios, enquanto a maior parte dos dublinenses menos favorecidos soava incompreensiva quanto à dinâmica que havia tomado a capital naqueles cinco dias - fosse com a falta de comida nos mercados, ou com a ausência de seus filhos, estes feridos nos tiroteios – a indignação geral envolvia também os cidadãos mais ricos que, falhados em seus negócios no exterior, se revoltavam com a paralisação da cidade e instabilidade do mercado financeiro desta ao longo da revolta.

Rebellion nos mostra que, no fundo, antes do despertar do significado da rebelião, o “pequeno dublinense” só queria viver sua vida cotidiana normalmente, como

ocorre até hoje em muitas das sociedades marcadas por revoltas bruscas em “prol” do melhoramento do estado político de sua nação. É notável na minissérie que os integrantes das camadas da sociedade dublinense - fossem os civis medianos, os intelectuais, os trabalhadores revoltados, ou os militares a mando de seus superiores -, representavam os diferentes prismas de toda a situação. Segundo Foucault, o conceito de heterotopia se firma no facto de que a cultura de um povo e as ações ocorridas em sua dinâmica social dizem respeito às várias faces de seu espaço, suas várias funcionalidades e as várias regras que variam de local para local e de indivíduo ocupante para indivíduo ocupante, facto claro nas muitas vidas representadas em *Rebellion*. Foucault nos diz acerca das heterotopias:

... são espécies de utopias realizadas nas quais todos os sítios reais dessa dada cultura podem ser encontrados, e nas quais são, simultaneamente, representados, contestados e invertidos.⁷²

Quando um prédio como G.P.O. foi tomado por rebeldes, não foi somente a comunicação com as longínquas partes do país e a ligação deste com a Inglaterra que se rompeu. Toda uma estrutura organizada de subordinação e até mesmo o cotidiano de seus funcionários e administradores veio a sofrer uma ruptura, uma quebra em sua realidade cíclica e funcional. É dessa forma que se fazem as heterotopias, com pequenos conflitos que chocam com os sistemas e originam camadas de realidades dentro de um único espaço que aparentemente é imutável.

Talvez, nossa vida ainda seja comandada por um certo número de oposições nas quais não se pode tocar, e que a instituição e a prática até agora não ousaram atacar: oposições que admitimos como inteiramente dadas - por exemplo, entre o espaço privado e o espaço público, entre o espaço da família e o espaço social, entre o espaço cultural e o espaço útil, entre o espaço de lazeres e o espaço de trabalho; todas elas são animadas ainda por uma surda sacralização.⁷³

O hospital St. James e seus pacientes, enfermeiros e médicos, participaram da heterotopia na qual a cidade, ao longo daquele feriado, se tornou, o momento foi

⁷² FOUCAULT, Michel. – *Outros Espaços*, p. 415.

⁷³ Idem, p. 413.

liderado e o lugar “dessacralizado”, profanado de suas competências essenciais, por Éamonn Ceannt, por seus soldados, e posteriormente por tropas britânicas. Quando Pearse leu a proclamação da República da Irlanda às portas do G.P.O, estendendo o seu discurso aos irmãos e às irmãs irlandesas, quando ele recordou batalhas do passado em que o povo irlandês tentou obter sua soberania frente à central de comunicações do país, ele afrontou o poderio que considerava inimigo, mas, acima de tudo, ele trouxe diferentes realidades históricas e convidou diferentes indivíduos a fazer parte daquele espaço tomado.

Se Foucault nos fala que não vivemos em um espaço vazio, ou unitário, “homogêneo”, mas num espaço de relações e de diferentes realidades, ele provoca inquietudes e reflexões acerca das muitas verdades presentes na teia de relações e informações que compõem a vida humana e igualmente clama por memórias muitas vezes cuidadosamente esquecidas em prol da construção de um cenário digno de ser “historicamente” lembrado. Assumir que as heterotopias são reais é assumir que existem realidades dentro da “realidade”, e isto faz com que um vespeiro seja mexido e que factos escondidos ou ainda caídos em esquecimento venham à tona. Não se firmando num único facto, as heterotopias desmembram um espaço único, dando várias verdades a um único contexto.

... ao contrário, em um espaço que é todo carregado de qualidades, um espaço que é talvez também assombrado por fantasmas. O espaço de nossa percepção primeira, o de nossos devaneios, o de nossas paixões, detém em si qualidades que são como intrínsecas... ⁷⁴

Segundo Foucault, os lugares que criamos neste único espaço podem fazer dele uma verdadeira antítese, ora um lugar de conflitos e obscuridade, ora um lugar pacífico e iluminado. Essas heterotopias quando encontradas, trabalham principalmente para o rompimento de uma memória coletiva e, como o próprio Foucault nos diz em “As palavras e as coisas”⁷⁵, quebra com o que é de “praxe”, o que é habitual e esperado:

As heterotopias inquietam, sem dúvida porque solapam secretamente a linguagem, porque impedem de nomear isto e aquilo, porque fracionam os

⁷⁴ Idem, p. 413-414.

⁷⁵ “As palavras e as coisas” trata-se de uma obra de análise filosófica e sócio-cultural escrita por Michel Foucault em 1966.

nomes comuns ou os emaranham, porque arruinam de antemão a ‘sintaxe’, e não somente aquela que constrói as frases – aquela, menos manifesta, que autoriza a ‘manter juntos’ (ao lado e em frente umas das outras) as palavras e as coisas.⁷⁶

Tendo este sido o primeiro momento nos estudos de Foucault em que ele veio a citar o termo heterotopias, é interessante tomarmos o fragmento acima como uma analogia acerca da função das heterotopias numa determinada sociedade. Se os códigos de linguagem exprimem a “história” de seus falantes para os estrangeiros que tentem compreender sua língua, as variantes linguísticas e os símbolos sociais presentes nesta seriam as heterotopias, conhecidas somente no aprofundamento do mesmo idioma. Estas mostrariam o “lado B” da realidade e logo seriam muitas as versões e muitos os símbolos (prismas), que poderiam relatar um único texto (uma realidade).

O historicismo contido na comemoração de um evento como a Revolta da Páscoa diz respeito ao conjunto de memórias interligadas ao passado que a nação irlandesa manteve desde sempre. Reavivar a memória e a imagem acaba por provocar o imaginário de um povo acerca de um dado acontecimento, sendo acima de tudo um acto político construído por uma sociedade, podendo por vezes provocar uma resposta inesperada, ou promover uma seleção de momentos e figuras específicas em detrimento de acontecimentos que mereciam certa importância e de pessoas que deveriam ser salientadas fosse por seu pioneirismo ou por sua posição contrária a ideais conservadores e religiosos.

A necessidade de trazer à tona esses elementos perdidos no tempo se fez válida face à leva de produções bibliográficas, fílmicas e televisivas ocorrentes dentro e fora da Irlanda nos últimos anos, todas elas como um produto desse orgulho erguido por uma memória coletiva conservada ao longo das décadas do século XX, mas que agora nos mostram os diferentes lados e componentes da História.

⁷⁶ FOUCAULT, Michel – *As Palavras e as Coisas*, p. 13.

Capítulo 2 – A representação

Em contraste com a forma extensa de um conteúdo de difícil possibilidade de apreensão intelectual por parte das camadas populares mais simples, como é a obtenção de obras de teor acadêmico e científico, dentre os meios de comunicação em massa existentes, a mídia televisiva, acessível e aparentemente ilimitada, chegou à casa das pessoas pelos meados do século XX. O que parecia, no entanto, uma forma de entretenimento e de conhecimentos gerais, ao alcance de qualquer um que pudesse possuir o aparelho televisor, essa se mostrou primeiramente ingênua e, mais tarde, tendenciosa e limitada a padrões que exerciam influência às massas, como todo meio veículo de comunicação.

Today the comercial production of cultural good has become streamlined, and impact of popular culture upon individual has concomitantly increased.⁷⁷

Dentre as alternativas de produção artística no ramo do entretenimento desse meio de comunicação, vieram logo a surgir narrativas dramáticas divididas em capítulos, uma herança do rádio-teatro: as novelas e os seriados televisionados.⁷⁸ A audiência que para estas sempre foi dada, alcançando primeiramente as donas-de-casa e depois seus maridos e filhos, cada qual em busca do apelo que melhor lhes viesse a chamar atenção dentro da trama em questão, refletia e reflete, acima de tudo, a sede dos telespectadores por viver a vida “do outro”, por mergulhar numa ficção, por se alhear da própria realidade. Qualquer conteúdo mais sério inserido numa trama destas lhes tira do estado de inércia e lhes põe a divagar acerca daquilo que é mostrado, de forma que, uma produção que somente parecia alienar os espectadores, agora tem o poder de pô-los em reflexão.⁷⁹ Quando a ficção se mistura à realidade, torna mais fácil a digestão dos factos e ao mesmo tempo entretém, dando faces às figuras históricas, mostrando paisagens reais e aflorando o senso crítico dos telespectadores.

A forma como se dão as representações da realidade em um meio de comunicação não ocorre de forma aleatória; se trata de um processo resultante de uma

⁷⁷ ADORNO, Theodor W. - *The Culture Industry: Selected Essays on Mass Culture*, p. 160.

⁷⁸ HAMBURGER, Esther - *O Brasil Antenado: A sociedade da novela*, p. 54.

⁷⁹ COELHO, Teixeira - *O que é indústria cultural?*, p. 19.

análise das relações existentes em interações de indivíduos em um determinado período. Segundo Moscovici, o comportamento e a organização social são os principais fatores cuja relevância se faz imprescindível na representação de uma sociedade. Como já dito, o exemplo que aqui nesta será tomado é o da minissérie irlandesa *Rebellion*, repleta de teor histórico e social, feita sob a intenção comemorativa dos cem anos da Revolta da Páscoa de 1916.⁸⁰

Ao se tratar de uma representação sócio-histórica, se faz necessário lembrar que a minissérie surgiu, em primeiro lugar, do propósito de trazer um novo olhar sobre os factos já conhecidos, insinuando uma nova versão da própria realidade a retratar pessoas e momentos desconhecidos do público. A forma como a informação passada chega ao telespectador e qual o seu impacto nele são os pontos principais a serem levados em conta numa análise histórica, a fim de que não se caia na ingenuidade e nas limitações do veículo do qual se faz uso para o transporte de informações. O objetivo é não ser apenas mais um fornecedor de ideias, mas uma representação que possui um conceito e que foi feita com base a uma anterior pesquisa histórica.

2.1 Minissérie *Rebellion*

Com o objetivo de narrar uma história mais curta do que uma *soap opera* cheia de peripécias que requereriam um maior acompanhamento do telespectador, daí resultando uma inserção de elementos apelativos para a audiência, mas ainda assim se prolongando mais do que uma película cinematográfica de 120 minutos, as minisséries televisivas conseguem alcançar ambos os públicos de televisão e cinema de maneiras diferentes, capitulando os factos narrados em poucos episódios e direcionando seu conteúdo de maneira a não cair em repetição ou num prolongamento desnecessário do enredo. Centrada em Dublin e se ambientando majoritariamente nos sítios de impacto do evento, a minissérie em questão procura dar ênfase às suas personagens fictícias sem tornar, no entanto, as figuras históricas em meros figurantes.

O objetivo com o qual a *Rebellion* foi escrita e produzida se firma na memória coletiva do povo irlandês. Não se trata somente daquela memória escrita nos livros de História, mas em ficções baseadas em pesquisas feitas por seu idealizador, com base na memória das pessoas e ambientadas no espaço dos acontecimentos. Foi, de certa forma,

⁸⁰ MOSCOVICI, Serge. – *Social Representations: Explorations in Social Psychology*, p. 12.

a comemoração do centenário da Revolta da Páscoa que conduziu Teevan a este resultado, mas ainda assim foi com a intenção de levar a figura do pequeno irlandês que não está nas páginas dos livros históricos até ao conhecimento dos telespectadores.

Em *Rebellion* o passado não é modificado, pois não são refutados os factos históricos já comprovados, porem são mostradas outras realidades dentro do espaço onde a Revolta se deu. Pode-se dizer que os acontecimentos do evento foram reconstruídos e que a estes foram adicionados elementos novos aos quais a historiografia não havia chegado com precisão. Nos é mostrada a vida pessoal dos personagens, a casa destes, as relações interiores acontecidas na sede do governo e o conteúdo de documentos militares e civis, coisas que vão além das memórias escritas pelos pais da Revolta, coisas esquecidas pelo conhecimento que somente ficou reservado ao senso comum.

Nunca o alcance da mídia e o poder desta chegou com tanta facilidade ao conhecimento do público como nos dias atuais. Seja para o espectador mais crítico ou para o mais passivo, pode-se dizer que *Rebellion* foi produzida para atingir todos os níveis de consumo, caindo no gosto de determinados amantes da história nacional tanto quanto naquele dos espectadores de novelas e seriados populares. Exigente e sedento por informações que alimentem os conceitos já formados que possui, o telespectador da *RTÉ One* requer diferentes visões acerca do evento histórico tratado e busca novas análises críticas no comportamento das personagens ali representadas. A grande audiência do programa em seus primeiros dias se deveu à curiosidade e à exigência de uma sociedade por assuntos políticos e por questões de cunho social: a desigualdade de classes e a posição da mulher no âmbito da época retratada. *Rebellion* não peca ao misturar História com ficção e estes temas tão atuais são de abordagem constante ao longo da minissérie.

Levar assuntos atuais para o ano de 1916 só parece possível através da ficção que é mesclada aos factos históricos do enredo. Daí a escolha de três personagens femininas como protagonistas e de coadjuvantes que mostrem a polarização da sociedade dividida entre ricos e pobres - em figuras intelectuais e figuras ignorantes, alheias ao que se passava na cidade. Somente através do prisma destes desconhecidos é que o conteúdo não-factual de *Rebellion* vem a ser explorado. Em entrevista dada pelo escritor da minissérie, este afirmou se ter baseado em pesquisas de arquivos do governo

e de famílias envolvidas na revolta, mostrando assim a importância das fontes de pesquisas baseadas em documentos de terceiros e em linguagem oral.⁸¹

Quando o entrevistador Peter F. Stevens pergunta a Teevan acerca da escolha de seus protagonistas, lembra-lhe dos nomes de Eamon de Valera, Michael Collins, Patrick Pearse, James Connolly e Constance Markievicz, figuras presentes no evento. Teevan preferiu não tomar tais figuras como principais em *Rebellion*, ainda que tivesse mantido, através dos pontos de vistas utilizados na construção da trama, muito das ações dessas personagens históricas. A falar do porquê desta sua escolha, de afastá-los dos holofotes, mas de mantê-los por perto, o escritor explicou:

The situation was so complex, so rooted in history, tradition, culture, society, politics, and the First World War. One theme that's so important to me is that people don't just remember the rebels, but that they remember all of the Irishmen who died in the trenches of the Western Front or came home maimed physically and psychologically.⁸²

Ainda nesta entrevista, Teevan discorre acerca do caráter geracional da revolta, tratando-a como o fruto daquela geração de jovens, influenciados pela revolução cultural do século passado, anterior aos acontecimentos de 1916, filhos da *Irish Revival*, escritores e professores empenhados na disseminação de ideias nacionalistas e na perpetuação da língua irlandesa-gaélica.⁸³ Dado o viés feminista da minissérie, ele nos diz que, ainda que fosse protestante ou católica, a mulher irlandesa que veio a tomar como exemplo tinha em suas raízes, acima de tudo, o ideal revolucionário:

Women in Ireland were already moving far ahead of other nations in pushing for the vote, equal rights, and societal roles in which a woman

⁸¹ TEEVAN, Colin – “‘What would you do?’ In “*Rebellion*,” writer and co-producer Colin Teevan challenges the audience to ponder what they would have done amid the Rising. Disponível em: <https://www.bostonirish.com/arts/‘what-would-you-do’-‘rebellion’-writer-and-co-producer-colin-teevan-challenges-audien>

⁸² Idem.

⁸³ Foi na década de 1890 em que professores, políticos e entusiastas, independente de suas religiões, todos unidos sob o ideal de unir a nacionalidade Irlandesa sob uma língua, criaram o movimento cultural denominado *Conradh na Gaeilge*, a Liga Gaélica da qual Patrick Pearse e James Connolly participaram. – FOSTER, R.F. – *The Oxford...*, p. 185.

could have a genuine career if she chose. To “old” Ireland, such ideas seemed radical.⁸⁴

É normal que, ao assistir a *Rebellion*, conhecedores do teatro irlandês do século XIX percebam a reviravolta que Teevan constrói em sua obra. A Irlanda feminina e sofrida, que lemos e a que assistimos nas peças de Boucicault e em obras do próprio Yeats, não existe mais e tampouco a figura do inglês galante de coração puro e de educação superior, segundo nos diz Elizabeth Cullingford.⁸⁵ O inglês da minissérie é sexualmente enérgico, educado quando lhe convém, e abusa da “Irlanda” feminina (esta prestada no papel de uma personagem específica), nunca a deixando para trás, nunca se retirando de suas terras e nunca abrindo mão de sua posse, humilhando-a no final das contas ao prestar respeito à dama inglesa que é sua esposa, outra forte personagem feminina da trama, uma perfeita *stage Englishwoman*.⁸⁶ Em 1916 não fora somente a promessa de uma Irlanda livre que se firmara. Para as mulheres envolvidas na revolta tudo se trataria de um advento de uma revolução de gênero, uma revolução sexual e social que clamava por acontecer, mas esta infelizmente acabou por ficar para trás, esquecida em governos de extremo conservadorismo.

Política e historicamente falando, segundo o escritor da minissérie, mudanças significativas já estavam acontecendo na Irlanda, desde as tentativas de aceitação do primeiro *Home Rule* em Westminster, até o último destes que acabara por ser suspenso logo ao início da Guerra. Esta foi a responsável por um momento quase “perfeito” para o eclodir daquela revolução na Irlanda e de uma recusa de caráter revolucionário do

⁸⁴ TEEVAN, Colin – “‘What would you do?’ In ‘Rebellion...’”

⁸⁵ O dramaturgo irlandês, Dion Boucicault, escreveu melodramas que eram verdadeiras analogias acerca da dominação britânica sobre a fragilidade irlandesa. Sua forma de representação do triângulo amoroso anglo-irlandês, onde a incapaz mulher irlandesa sempre se encontrava entre o amor de um bondoso *gentleman* inglês e de um faminto rebelde irlandês, é reproduzido até os dias de hoje.

Boucicault, who needed to please English as well as Irish audiences and to evade the Lord Chamberlain's political censorship, maintained a critical attitude toward imperial policy but represented English characters sympathetically, and displaced the required generic villainy onto Irishmen complicit with the colonial system. – CULLINGFORD, Elizabeth Butler – *Gender, Sexuality, and Englishness in Modern Irish Drama and Film*, p 160.

⁸⁶ Típica personagem que, ainda segundo Cullingford, não se encontra presente em dramas modernos exclusivamente irlandeses. A mulher britânica, conhecida no oriente como *memsahib*, de respeito e renome não era representada nos teatros irlandeses, aquela frequentemente escrita e interpretada era a mulher irlandesa, como já fora dito, a frágil e faminta que caía de amores pelo oficial másculo britânico. – Em *Rebellion*, no entanto, a antagonista de May, Vanessa Hammond, vem a se tratar de uma *memsahib*, uma mulher britânica jovem, admiradora de tudo o que lhe parece exótico, culta e viajada, alguém para quem o seu marido sempre há de regressar. – Idem, p. 160.

povo irlandês que já não se aceitava como parte do império britânico. Teevan também nos lembra que naquele momento, não somente na Irlanda, mas em países como a Rússia e a Finlândia (facto que atinge o diretor da produção, o finlandês Loughines), outras revoluções de cunho socialista emergiam, quebrando com antigos governos monarquistas em prol de sociedades que seriam teoricamente mais justas para o proletariado, mas que, no caso da Rússia, vieram a falhar face ao totalitarismo de seu Estado.

A fim de partir do ponto de vista do povo, Teevan buscou valorizar mais os indivíduos que pouco surgiam nas páginas da História, e pôs de lado o que já no topo da historicidade havia, figuras conhecidas e factos já repetidos. Teevan foi atrás do homem e da mulher comum que lutaram em 1916, segundo ele: vozes que não haviam sido ouvidas até então.

It's so true that history is written by the victors, and that's why it's so important to explore the forgotten voices of those who struggled, suffered, and, in many cases, sacrificed themselves for a cause. Their names are always forgotten. That's the reason I believe that it's so important to listen to them. I want also to ensure that people realize that Pearse and other rebels were hardly the only ones fighting in 1916. Over 150,000 Irishmen were fighting in Europe. They, too, were risking their lives, and doing so for a cause that fewer and fewer believed in as the war dragged on.⁸⁷

Levando em conta o facto de que a minissérie foi produzida para espectadores de uma emissora de televisão estatal irlandesa, logo, irlandeses, é natural que Colin Teevan se tenha voltado para o ponto de vista nacional. É acerca deste que o mosaico de personagens da trama é explorado, havendo o escritor assumido que tivera suas pesquisas baseadas num viés muito mais nacionalista do que unionista. A ficção-histórica em questão remete à criação de novos sujeitos para além dos factuais, e suas referências, buscadas em arquivos, alicerçaram uma visão mais romanceada da rebelião.⁸⁸ Teevan brinca com o significado de *Rebellion* e mostra as mudanças dos

⁸⁷ TEEVAN, Colin – “‘What would you do?’ In “*Rebellion...*

⁸⁸ O conteúdo do qual o escritor Colin Teevan nos fala pertence ao “Bureau of Military History”. Disponível em: <http://www.bureauofmilitaryhistory.ie/about.html>

vários setores da sociedade dublinense, não somente nas ruas e nos conflitos armados, mas dentro dos lares, dos quartéis-generais e das repartições públicas.

2.1.1 Conteúdo e Enredo

“Ordinary people. Extraordinary times”. Tratando-se a minissérie *Rebellion* de uma produção televisiva focada em pequenas vidas de pequenos cidadãos dublinenses, a frase de impacto utilizada na campanha midiática de sua divulgação veio a cair com perfeição sobre o seu conteúdo. Quando perguntado o porquê de sua série histórica tratar principalmente de vidas comuns, de protagonistas não-factuais e de pequena influência na revolta de 1916, e não de grandes figuras históricas cujas biografias vagueiam nas mentes de estudantes e historiadores, o escritor Colin Teevan fala com pragmatismo acerca do motivo e da origem do conteúdo que comunicou aos espectadores. Ele nos diz que escrever uma narrativa sob o ponto de vista dos “grandes homens” da História da Irlanda nunca fora um intuito seu e tampouco vir a repetir factos presentes em livros. Antes, Teevan preferiu se deter em vidas simples como a dos próprios espectadores, vidas que ajudaram a construir a História, vidas diferentes daquelas já conhecidas.

Com a necessidade de mostrar como se vivia naquele tempo, nos diferentes estratos daquela sociedade, encarnando na vida daquelas pessoas “comuns”, a trama é levada para uma conclusão que ainda não se conhece, diferente do que já se sabe historicamente. “Elizabeth será declarada culpada?” “May conseguirá sair impune pelo que fez?” Essas são algumas das perguntas curiosas que nos fazemos antes do fim do último episódio da série, fruto do entretenimento ao qual a produção televisiva se propõe em seu teor fictício, enquanto que já se sabe como tudo culminou para as figuras históricas como Pearse e Connolly, sacrificados em suas próprias ideologias, e como, apenas em 1922, a Irlanda pôde se sentir de facto independente. Tomando coadjuvantes do evento como protagonistas da minissérie, e fazendo os verdadeiros protagonistas históricos se passarem por coadjuvantes, Teevan construiu sua obra parcialmente histórica e parcialmente fictícia, mas rica em factos sociológicos. Foi buscando registros históricos encontrados no arquivo do Bureau de Guerra e relatos de pessoas que viveram aquela Páscoa e que sofreram as consequências de seus actos rebeldes de cunho revolucionário, que o escritor contextualizou o mosaico psicológico de seus personagens.

His extensive research included trawling through the thousands of witness statements and other documents contained in the Bureau of Military History Archive of the years 1913 to 1921 (the material was compiled in the 1940s and 50s, but not released until 2003).⁸⁹

Tal como neste centenário, em termos comemorativos posteriores, na Irlanda, sempre foi comum a exaltação do acto rebelde de 1916, do sacrifício que foi feito, da descrição das mortes dos pais da independência e do derramamento de sangue, mas nunca daquilo que havia de mais cultural nas raízes revolucionárias de tudo o que os próprios Pearse e Connolly clamavam. Declan Kiberd nos traz essa explanação acerca do estado dos ânimos que foram revividos pelo país nos momentos comemorativos do aniversário de cinquenta anos da revolta em 1966, acusando esse momento de inspirar os posteriores actos *do Provisional I.R.A.* e assim também culpando inclusive a *RTE* com sua famosa série *Insurrection*, uma produção televisiva saudosista que batera recordes de audiência numa sociedade onde aparelhos televisores ainda eram escassos.⁹⁰ Concomitantemente à análise que faz de 1966, Kiberd nos relembra o ano de 1991 e tudo o que havia se passado nos últimos vinte anos, no então aniversário de setenta e cinco anos do evento.

For decades, conservative nationalist parties had encouraged the people to become drunk on remembrance: endless references by leaders to their part in the Rising conveniently distracted attention from their failure to

⁸⁹ TEEVAN, Colin – *Why were the 1916 leaders cast as background characters in Rebellion? The drama's writer explains.* Disponível em: <http://www.thejournal.ie/rebellion-background-characters-pearse-2530886-Jan2016/>

⁹⁰ Diferentemente da realidade do aniversário de 75 anos da revolta em 1991, a nostalgia que surgiu anos antes, no aniversário de 50 anos da revolta, levou os jovens a armarem-se violentamente contra o “inimigo” representado como britânicos vilões da minissérie de autoria de Hugh Leonard, “*Insurrection*”:

... the journalist Fintan O'Toole contended that RTE's television's 1966 serial *Insurrection* had had a 'huge' influence on the revival of Sinn Féin in the North. – KIBERD, Declan – *The Elephant of revolutionary forgetfulness*, p. 192.

These simplifications reached their point of maximum publicity in the Republic in 1966, especially in *Insurrection*, which tellingly crossed the techniques of historical fiction with those of the Pathe' newsreel. (...) The 1966 celebrations were a little more complex than that: they represented a last, over-the-top purgation of a debt to the past, which most of the celebrants secretly suspected would go unpaid. (...) Television – the agent of much of the change – was being put to a reassuring use on *Insurrection*, consoling the public with images of an Ireland it had all but abolished. – Idem, p. 195-196.

implement the 1916 promise to cherish all the children of the nation equally.⁹¹

Alertada, talvez, acerca da delicadeza de sua posição, neste centenário a *RTÉ*, em termos ideológicos, se mostrou bastante assertiva com *Rebellion*, dando ao espectador a possibilidade de observar um lado irlandês que beira quase o prisma do politicamente-correto, contendo abordagens atuais e questionando a si mesma acerca dos actos nos quais aquela revolução haveria de culminar. É possível perceber em *Rebellion* uma tentativa de nudez de estereótipos, o levantamento de questões de gênero e sexualidade, uma inovação do caráter de personagens dentro de uma trama irlandesa e a representação de pessoas que tinham seus ideais nos alicerces intelectuais da rebelião, mas que não ficaram como mártires que inspiraram gerações futuras, pessoas que prosseguiram para além daquele momento, da Independência e dos *Troubles*, ou não houvesse desde 2016 rumores de que a emissora já estivesse produzindo uma nova minissérie baseada nos eventos de 1922, com as mesmíssimas personagens.⁹²

Rebellion busca em seus três primeiros momentos mostrar ao espectador os intensos dias do evento e a força da resistência dos rebeldes que lutaram naquela Páscoa. A luta dos Voluntários, pouco a pouco suprimida, nos leva ao momentos finais da ação da revolta onde, em vez de se focar no resistente batalhão encabeçado por de Valera, os idealizadores seguem a acompanhar a vertente restante do I.C.A. e sua luta que persistiu até o sábado, dia 29. Nos dois últimos episódios, por sua vez, são mostrados os dez dias de julgamentos que se sucederam à rebelião e ao destino das personagens fictícias.

No primeiro episódio se tem o início da Grande Guerra e as protagonistas são apresentadas como três moças saídas da escola para a vida, a encenarem um número musical da ópera cómica *Mikado*. É 1914 e um salto temporal de dois anos na trama nos leva para 1916, momento em que já se dão os preparativos para a rebelião. Soldados retornam a casa e o clima de insegurança em Dublin Castle, sede do poder britânico, aumenta face à certeza que as autoridades têm de um ataque iminente por parte dos

⁹¹ Idem, p. 194.

⁹² RTÉ - *Follow-up to Rebellion set in War of Independence begins*. Disponível no website: <https://www.rte.ie/entertainment/2016/0930/820579-follow-up-to-rebellion-starts-production>.

rebeldes, interceptando trocas de informações de irlandeses com alemães.⁹³ Uma tentativa de recrutamento de soldados regressados da frente de batalha da guerra, para que se unissem aos Voluntários também é ligeiramente mostrada, e igualmente se revela o trabalho feito na escola de irlandês de Patrick Pearse, onde não somente algum material bélico era forjado para munir a revolta, mas a própria mentalidade de jovens participantes dos preparativos da revolta, a acreditarem em um sentimento patriótico demasiado exagerado, histericamente heroico.

O segundo episódio é aquele onde as ações da revolta de facto se dão e, ainda que o governo quisesse impedir a reunião dos dois grupos rebeldes, é da sede do sindicato que civis irlandeses saem às ruas para a tomada da cidade. O primeiro prédio público a ser tomado é a central dos correios, o G.P.O., desobedecendo assim às ordens de Eoin MacNeill, fundador dos Voluntários em 1913 e opositor àquela ação, para si tão arriscada.⁹⁵ É neste episódio que também se mostra Pearse e Connolly a lerem a Declaração de Independência da Irlanda em frente aos correios já tomados pelos rebeldes.

No terceiro episódio se pode ver o papel da Igreja Católica no contexto daquela Páscoa. Parte dela se preocupava com seus bens, receosa de que estes pudessem vir a ser roubados, e outra parte, padres das paróquias locais, principalmente, se apiedava dos rebeldes e da população cercada pela violência durante os dias do feriado. Segundo a série, os soldados regressados à casa que tentavam desertar, juntando-se aos voluntários, acabavam por ser mandados a recolher os corpos das vítimas mortais, que em sua maioria são representadas na trama por rebeldes e civis que na rua eram alvejados pelo exército. Até ao fim deste capítulo da minissérie, já se passaram três dias desde o início da revolta. A retratar o último dia do feriado, se inicia o quarto episódio de *Rebellion*. A tomada do Exército e a rendição dos rebeldes levam os ânimos nas ruas da capital irlandesa a uma calma, ainda que em meio à destruição material da cidade, causada pelo embate do exército contra os revoltosos, mas também de actos criminosos feitos por civis. É notável, na própria história da minissérie, uma consequente falta de empatia da população para com os revoltosos que, no entanto, não veio a durar muito. A

⁹³ FOY, Michael T; BARTON, Brian – *The Easter...*, p. 252-253.

⁹⁵ Antes já citado, vale a pena lembrar da posição de MacNeill durante aquele momento, sendo ele contrário às ações do feriado, e da desobediência de Connolly para com as ordens deste que seria o futuro Presidente da República. – Idem, p. 62-71.

representação de Teevan nos mostra que a incompreensão dos civis irlandeses fora fruto da confusão que havia tomado a cidade durante aqueles dias, impossibilitando o povo de seguir com suas vidas, levando-o a condenar os rebeldes, tratando-os apenas como desordeiros quando, teoricamente, estes pensavam em si mesmos como revolucionários e ainda acreditavam estar a lutar por todos. Entre a população e as autoridades, a Igreja reaparece nesse episódio, servindo de interceptadora e de esteio tanto para os rebeldes quanto para a população. Esta, segundo Rafferty ⁹⁶ era a situação que a instituição temera anos antes; a inserção dos setores mais baixos do clero, e dos padres mais jovens, na ideologia de viés libertário que surgia desde as tentativas de implementação do Home Rule.⁹⁷ Em *Rebellion*, vemos uma paróquia em especial organizando e ajudando o povo dos *slums*, alimentando-o com a ajuda de paroquianos mais abastados, incapazes de ignorar o que os mais pobres passaram durante aqueles dias.⁹⁸

Por outro lado se tem a realidade na prisão de Kilmainham, também visitada pela Igreja, mas onde o conforto da religião é sobreposto pela histeria revolucionária que abençoava suas mortes como verdadeiros sacrifícios induzidos por heróis folclóricos clamados nos ensinamentos da cultura irlandesa aquando da influência da Liga Gaélica, com os revoltosos rendidos e capturados, postos à espera de seus julgamentos e com seus líderes a serem condenados à morte pela Lei Marcial. Para os revoltosos, a Igreja estava atrasada cinquenta anos.⁹⁹

A conclusão da minissérie se faz no último episódio, passando-se este durante os nove dias de julgamentos dos réus nos momentos posteriores às condenações de Pearse

⁹⁶ RAFFERTY, Oliver P – *The Church and the Easter Rising*, p 47-57.

⁹⁷ Idem, p. 49.

⁹⁸ Acerca da posição contrária à Revolução provinda da Igreja para com os fenianos nos momentos que antecederam a revolta de 1916, o autor nos diz:

Paul Cullen, at the time Archbishop of Dublin, had declared in 1850 that Catholics 'repudiate and condemn resistance to lawful authority and denounce treason and rebellion wherever they may spring up'. From the time of the papal condemnation of Fenianism, Cullen inserted into the Lenten pastoral letter of the Archbishop of Dublin a condemnation of Fenianism and warned member of his flock of the spiritual dangers of attachment to the IRB. – Idem, p. 47.

⁹⁹ Ao contrário do que a Igreja pregara em 1850, o total desprezo pelos fenianos, nos momentos posteriores à Revolta, em 1917, a instituição veio a emitir um comunicado a relativizar o papel religioso frente àquele momento político-ideológico pelo qual o país passava, ilibando os rebeldes e julgando os que se opunham a esses ideais como incompreensivos. Rafferty, então, conclui:

It seems strange that the bishops could not have agreed on such a statement the previous year in the light of the Rising. But the fear now clearly was their own authority even in ecclesiastical matters was being undermined by restlessness in the clerical body as a whole. One reason for the changed attitude may have been that too many priests were taking a pro-militant line and the bishops believed that younger priests in particular had to be brought to book. – Idem, p. 49.

e Connolly que são representadas como o nascimento de dois mártires que mantiveram até o fim suas convicções nacionalistas. A presença de figuras como de Valera e Michael Collins também é mostrada por Teevan que, presos em Kilmainham Gaol, são tratados respectivamente como um comandante covarde e oportunista e um bravo soldado desconhecido que interage por poucas vezes com um das personagens masculinas de maior destaque na trama, Jimmy Mahon. Uma vez que a Lei Marcial é suspensa pelas autoridades do reino, o fim do episódio e da minissérie é marcado pelo transporte dos rebeldes para a Inglaterra, onde estes seriam julgados, agora sob a exaltação de um povo que acabou tocado pelas execuções dos líderes, a se colocaram ao lado dos incitadores da revolta.

2.1.2 Personagens

Haveremos de aqui nos deter a três aspectos que segundo o manual de construção de personagens de ficção de David Corbett fazem-se necessários para a construção de personagens bem lapidadas ao serviço de uma trama. Para que uma personagem se faça completa e de boa compreensão em uma ação narrativa, é preciso que se trabalhe com seus aspectos físicos, psicológicos e sociológicos, muito embora apenas faça sentido enfatizar detalhes de sua aparência quando tais características vêm a construir um diferencial na forma como esta interage com as demais personagens, é a influência do passado na construção de seu caráter psicológico e a influência do meio social no qual vive que lhe traz características ímpares e indispensáveis.¹⁰⁰ É dessa forma que pretendemos analisar cada uma das personagens de maior importância em *Rebellion*. Partes imprescindíveis da produção aqui estudada, suas personagens são de extrema importância para o andamento do enredo da minissérie uma vez que suas protagonistas estão diretamente relacionadas com o evento histórico de 1916. É interessante, também, que se observe no contexto aqui estudado a relação existente entre o meio e as personagens criadas por Teevan. Não se tratando de elementos autônomos, as personagens vêm a sofrer a influência do universo ao seu redor, de seu meio social, e, cada uma delas possui uma história comovente em seu passado. É possível se notar, episódio por episódio de *Rebellion*, novas facetas e diferentes rumos levarem suas personagens a níveis diferentes de desenvolvimento.

¹⁰⁰ COBERTT, David – *The art of character. Creating Memorable Characters for Fiction, Film, and TV*, p. 108.

Rebellion é uma obra televisiva em cujo enredo valores políticos feministas estão muito presentes, tal facto contrastante com a verdadeira realidade da época retratada. Segundo Kiberd, a Irlanda era um país em que, ainda que o nome das mulheres estivesse presente na Declaração de Independência, estas não eram merecidamente representadas por seus ideais. O autor ainda nos lembra de um dos mártires pouco conhecidos da revolução: Francis Sheehy-Skeffington, um verdadeiro feminista e pacifista que se negou a pegar em armas e que assumia não ver a mulher irlandesa bem representada nos meios de Pearse e Connolly.¹⁰² *Rebellion*, dessa forma, parece tomar a fala de Skeffington como primordial para o desenvolvimento de suas protagonistas. As mulheres de *Rebellion* são “comuns”, mas estão centralmente envolvidas na rebelião.

Morto durante o feriado, Skeffington era considerado um pacifista que não pegava em armas e que acabou alvejado pelo exército britânico durante uma vigilância noturna.¹⁰³ Pelos anos seguintes, a promessa de um país igualitário para os filhos e filhas da Irlanda não foi real e, fingindo ser assim representada nos meios de comunicação, falhou redondamente ao reavivar antigos estereótipos sob a promessa da batalha vencida e da retirada dos britânicos do território irlandês. Talvez seja ousado afirmar que *Rebellion* quebra com os paradigmas das representações antes já faladas, tão típicas de Boucicault, mas vale a pena lembrar que ao longo do século XX, esse mesmo modelo que surgira em tempos vitorianos, das três personagens melodramáticas, foi demasiadamente repetido em películas cinematográficas e peças teatrais. Dessa forma, pode-se dizer que *Rebellion* deu novos rostos a elementos já tão saturados pela teledramaturgia e pelo cinema anglo-irlandês.¹⁰⁴

¹⁰² Acerca de uma carta escrita por Skeffington acerca de seus ideais feministas e pacifistas, encontra-se:

The questions raised in his letter are still pertinent: ‘why are arms so glorified? Will not those who rejoice in barbarous warfare inevitably come to control such an organisation? Why are women not more centrally involved?’, ‘when you have found and clearly expressed the reason...’, he added, ‘you will be close to the reactionary element in the movement itself.’ – KIBERD, Declan. *The Elephant of...*, p. 205.

¹⁰³ Kiberd ainda nos diz sobre Skeffington:

Skeffington was murdered by a British officer who arrested him and two other men. He had been trying to organise a citizens’ watch to prevent the looting of shops, a looting that would, he felt, bring discredit on Dublin’s working class (whom he loved) and on the nationalist cause (which he admired). – Ibidem.

¹⁰⁴ O triângulo amoroso anglo-irlandês de Boucicault, presente em obras cinematográficas ao longo do século XX, re-enfatizou por mais de um século a figura galante do inglês embevecido na, para si exótica, cultura irlandesa, juntamente com a imagem do simplório irlandês resignado à sua insignificância e da

Interpretada pela atriz irlandesa Charlie Murphy¹⁰⁵, a primeira personagem a ser analisada é *Elizabeth Butler* neutra em sua simplicidade, Elizabeth representa a típica moça anglo-irlandesa, dona de cabelos castanhos e olhos escuros, magra e ausente da estrutura física procurada por pretendentes que desejem ter uma farta prole de filhos, como sua própria mãe enfatiza ao lhe perceber a estreita largura dos quadris. Sempre relacionada à suavidade da cor azul de suas roupas¹⁰⁶, Elizabeth é, entre nossas protagonistas, aquela que mais fortemente carrega consigo os ideais nobres da revolução. Não suportando a violência e assumindo a causa irlandesa como um meio de exterminar a desigualdade social do país, “Liza” é uma jovem estudante da Faculdade Real de Cirurgiões, provinda de uma abastada família burguesa, gozando assim de direitos que moças mais pobres jamais possuiriam. Filha de um banqueiro norte-irlandês, Edward Butler, e de uma exímia dona de casa irlandesa, Dolly Butler, está comprometida com um oficial do exército que retorna a Dublin durante aquela Páscoa por lhe pedir em casamento. Uma das falas por ela dita que melhor representa sua personalidade veio a sair em meio a uma conversa com um colega do I.C.A.

... The English have treated this country shamefully. And the rich, my father included, have treated the poor worse.¹⁰⁷

Stephen Duffy Lyons¹⁰⁸, noivo de Elizabeth, desejoso de se casar consigo, apenas percebe não ser uma das prioridades da moça quando a descobre por entre os

irlandesa apaixonada e faminta pelo amor do primeiro. A autora nos relembra alguns dos filmes e peças que tornaram esse estereótipo corrente e que muitas vezes diminuiu a mulher irlandesa a um mero percalço existente por entre a relação “homossocial” dos dois homens. *Ryan's Daughter* é para Cullingford um perfeito exemplo de representação desse modelo supersaturado onde há uma clara dominação do gênero masculino, inglês ou irlandês, sobre o feminino irlandês.

Although it is motivated not by politics but by Rosie's ending of their affair, Major Doryan's climactic withdrawal from the plot prefigures the British retreat from Ireland. His last moments, like his last cigarettes, are shared with Michael, whose twisted body and grotesque features recall the simian Paddy of post-Fenian, post-Darwinian Victorian cartoons. (...) Misunderstanding the Major's warning demonstration that the fuses are live, he runs away, pursued by Doryan's last words, "I thought we were friends." – CULLINGFORD, Elizabeth. – *Gender, Sexuality...*, p. 168.

¹⁰⁵ Segundo o banco de dados do IMBD: Charlie Murphy, original de Leinster, Irlanda, foi considerada a melhor atriz irlandesa de 2013, ganhando a premiação do IFTA (Irish Film and Television Award) nesta categoria.

¹⁰⁶ A representatividade da cor azul em suas roupas pode estar intrinsecamente ligada ao significado do termo “true-blue” que, segundo o dicionário Merriam-Webster, seria um adjetivo referente a um indivíduo “marked by unswerving loyalty (as to a party)”, implicando, dessa forma na fidelidade de Elizabeth para com os seus ideais políticos.

¹⁰⁷ Episódio 1. 24’45”.

¹⁰⁸ Segundo o banco de dados do IMDB: Stephen Lyons foi interpretado pelo ator irlandês Paul Reid.

rebeldes capturados ao fim do feriado. Stephen é um jovem cujas origens remetem às da própria Elizabeth, vindo de uma família abastada cujas origens não se sabe se, como as dela, seriam britânicas, mas que, dado ao apreço do pai dela por ele e pelo fenótipo militar, ocupante de uma patente de importância a combinar com sua aparência (sugestivamente alto em estatura, fisicamente superior ao franzino irlandês) vem a deixá-lo mais próximo de um modelo inglês do que de qualquer outro. Enquanto os ideais de Elizabeth comungam com aqueles do I.C.A., colocando-a ao lado do rebelde James Mahon¹⁰⁹, aquele com quem ela de facto se encontra romanticamente envolvida, para sair às ruas para lutar por liberdade, Stephen é posto de lado. “Jimmy” nos é caracterizado como o típico irlandês, não sendo muito alto em comparação à personagem do inglês, mas não tão baixo como o seu irmão. Ruivo e sardento a falar em um carregado sotaque irlandês agressivo, por mais que Jimmy se mostre enérgico e revoltado com a própria condição, ele não perde o bom senso e tampouco se desespera ao longo da história. Ainda que ele e Elizabeth pensem igual, Teevan deixa-nos claro que a situação sócio econômica do soldado feniano difere por demais da dela, pois, ainda que dividam pensamentos revolucionários, ele provém de uma realidade miserável, conhecendo de perto factos dos quais ela somente ouve falar.

- The worst slums in Europe, they say.

- I know, I live there.¹¹⁰

No entanto, Elizabeth acaba por adquirir sua independência em meio ao feriado, saindo da companhia de Jimmy e usando de sua formação profissional, médica, para tentar salvar as vítimas daquele conflito. Ela é a única das protagonistas femininas que acaba presa em Kilmainham Gaol, sendo ao fim mandada para Inglaterra, juntamente com tantos outros prisioneiros.

A segunda personagem feminina de maior destaque nesta trama é *Frances O’Flahertie*, representada pela atriz também irlandesa Ruth Bradley¹¹¹. Das três moças protagonistas, Frances é a de menor apelo romântico e sexual, não se enquadrando em

¹⁰⁹ James Mahon, interpretado pelo também irlandês Brian Gleeson, é um ator oriundo de uma família cujo sobrenome faz-se frequente no teatro nacional, segundo podemos ver em seu artigo no IMDB.

¹¹⁰ Episódio 1. 25’06”.

¹¹¹ Ruth Bradley, dublinense, também provém de uma família de forte nome no teatro e na televisão irlandesa, segundo seu artigo no IMDB.

parâmetros estéticos atrativos, mas representando a típica moça do interior do país; arruivada em seus cabelos ainda que possua olhos escuros, menos vaidosa que as demais, alta e forte em sua estrutura física. Durante a trama, é marcada pela cor do nacionalismo irlandês, o verde de suas roupas que sempre está presente em seu uniforme. Ela é professora de irlandês na escola de Patrick Pearse, St. Enda's, nutrindo uma profunda admiração pelo comandante e participando acirradamente tanto dos preparativos da revolta como dos embates ocorridos durante aqueles cinco dias de luta. Frances acaba por perceber que para aqueles homens, aos quais é subalterna, o facto de ser uma mulher poderia impedi-la de se juntar a eles durante a revolução. Ela, no entanto, lhes mostra que pode, tanto quanto eles, carregar uma espingarda e fazer uso desta. Tomada pelo exagerado sentimento patriótico e nacionalista pregado por Pearse e Connolly, Frances é uma personagem caracterizada por sua violência, como podemos perceber numa fala da personagem de sua tia Nelly, no último episódio da minissérie:

There's a wildness in your blood, Frances, same as your mother.¹¹²

Já na segunda cena do primeiro episódio, Frances se mostra certa do que quer e certa de seus ideais; ela se recusa cantar o Hino da Inglaterra quando todos ao seu redor o fazem ao início da guerra. Ainda no primeiro episódio, Frances confronta um soldado regressado a casa que depois se descobre ser Arthur Mahon¹¹³, irmão de Jimmy, tentando convertê-lo para o lado do exército dos cidadãos.

- No conscription for Ireland. You should be fighting for your own country.
- That's what we are doing, fighting for our King and country.
- No, you're a traitor.
- Nobody calls me a traitor, especially not my own.
- I am.
- If you weren't a lassie...

¹¹² Episódio 5. 31'19".

¹¹³ Arthur Mahon, interpretado pelo ator irlandês Barry Ward, figura conhecida nacionalmente por seus trabalhos em filmes como *Jimmy's Hall* do diretor Ken Loach, uma semi-biografia da personagem histórica de Jimmy Gralton, socialista irlandês exilado na América que retornou à Irlanda aquando da Guerra da Independência. – IMDB – Barry Ward.

- What, you'd shoot me? Do it then. It'll be the first bullet fired in the fight for the Irish freedom.¹¹⁴

Filha de uma mãe solteira, pouco de seu passado se sabe para além do que ela própria e a personagem de sua tia nos dizem. Frances foi criada com freiras e, não sendo herdeira de fortuna alguma, é o tipo de mulher que a sociedade rejeitava.¹¹⁵ É ela que pede à *May Lacy* para que esta roube de dentro de Dublin Castle um documento contendo as ordens do governo britânico para prender os líderes dos Voluntários Irlandeses e do Sinn Féin. May, sua melhor amiga e por quem Frances parece sentir muito mais do que uma simples amizade, lhe faz esse favor, pondo em risco a própria liberdade e a confiança do homem que ama.

De acordo com a história de Teevan, Frances esteve na batalha ocorrida na casa de número 25, em Nothumberland Road e Mount Street. A primeira, onde o Tenente Mick Malone veio a morrer, e a segunda, abandonada pelo comandante de Valera. Tendo ela própria dali fugido ao lado de Jimmy Mahon por não ser apanhada e presa ao fim do embate.

- You?
- Frances, I can shoot.
- You are a lassie?
- I'm a lassie and I'm a soldier.¹¹⁶

A terceira personagem, a já citada May Lacy, interpretada por Sarah Greene¹¹⁷, ainda que tenha sido peça chave para a revolta, a roubar informações secretas de dentro das instalações de Dublin Castle, é aquela que menos interage com as figuras históricas

¹¹⁴ Episódio 1. 6'05".

¹¹⁵ Kiberd nos relembra e parafraseia a frase de George Elliot (codinome de Mary Ann Evans), fazendo uma comparação que pode ser tomada como uma analogia possível entre a Irlanda no papel de uma mulher e nação. Ele diz: "The best nations – like the most emancipated women – were those with 'no history'", podendo tal fazer menção a uma representação do país flagelado que se rende de amores pelo inglês, à história apagada das mulheres que se tornaram meros objetos em meio à revolução, ou ainda a uma nação que veio a se esquecer de suas mulheres. A Irlanda provou seu descaso para com suas cidadãs, fosse em sua representação, nas ficções midiáticas, ou nas políticas de um governo que prometera enxergá-la como filha, mas que tratou-a como enteada. – KIBERD, Declan – *Elephant of...*, p. 194.

¹¹⁶ Episódio 3. 15'10".

¹¹⁷ Sarah Greene é uma atriz oriunda de Cork, região ao sul da Irlanda, e tem sua carreira mesclada entre a televisão e um extenso currículo teatral, segundo o seu artigo no IMDB.

da revolução, estando sua trama muito mais envolvida com elementos fictícios e com o conteúdo romântico do enredo. O apelo sexual na aparência de May Lacy é muito mais forte do que nas outras duas protagonistas, sendo ela dona de cabelos negros e grandes olhos claros, uma jovem atraente, romântica e sonhadora, o que se enfatiza em seu vestuário na presença sempre de uma peça, ora vermelha, ora rosada. Sendo simbolicamente analisada em suas ações, se pode fazer duas comparações dela com as outras personagens femininas: enquanto Elizabeth rejeita o casamento, May adoraria se casar com o homem amado que é voluntariamente impossibilitado de fazê-lo; e, enquanto Frances se mostra demasiado seca e violenta, desrespeitosa para com a vida do próximo, May é ponderada, segue sua vida pacata de funcionária pública e tem tempo, diferentemente das outras duas, para fazer amor, para almoçar em hotéis e para gostar de flores.

Secretária e amante de um alto funcionário do governo, May trabalha em Dublin Castle, e tem em sua presença ali uma ponte para que os espectadores saibam quais foram os primeiros movimentos e atitudes tomadas pelo governo britânico na contenção daquela rebelião. Socioeconomicamente falando, May nos parece ter a mesma origem que Frances, uma moça de origens humildes, mas que por mérito próprio chegou a ocupar um cargo público de certa importância. É graças à relação que ela tem com o patrão, Charles Hammond¹¹⁸, o assistente do subsecretário Sir Matthew Nathan, que May acaba protegida e impedida de ser presa. Porém, estando grávida de Hammond, e sob a promessa de poder se casar com este tão logo ele se divorcie da esposa, May acaba por ser usada, quedando-se entre lhes dar o próprio filho, ou ser presa por traição à Sua Majestade.

- And I don't want our child to be born in prison.

- So it's about you? Your child...

- This world is not a welcoming place to illegitimate children, or to fallen woman.

- How did I fall, Charles? Did I fall alone?

- That's how the world sees it. ¹¹⁹

¹¹⁸ Charles Hammond é interpretado pelo ator britânico Tom Turner, segundo seu artigo no IMDB.

¹¹⁹ Episódio 5. 21'16".

Nos primeiros episódios da trama, é bastante possível se enxergar a relação colonizador-colonizado dentro da história de May Lacy. Segundo R.F. Foster¹²⁰, uma antiga tradição presente na cultura irlandesa era a da representação da terra como uma mulher, a ser ganha e adorada, por vezes defendida com a própria vida. Na mesma linha de pensamento, Tina O'Toole nos fala que noções de gênero e sexualidade estiveram sempre presentes no estabelecimento de relações entre a Grã-Bretanha e a Irlanda, e que em certas representações literárias e cinematográficas é possível se encontrar a figura da mulher dominada como uma analogia da própria Irlanda dominada. Como Kiberd e O'Toole separadamente nos dizem, o próprio homem irlandês era estigmatizado como um ser ausente de uma própria masculinidade, facto notável na citação que O'Toole nos traz de Joseph Valente:

the Irish were reduced to 'inmates of empire, and thus stigmatized as manhood's other'.¹²¹

Segundo O'Toole, essa divisão de gêneros sempre serviu para que se separassem ingleses de irlandeses, e, dessa forma, veio a se abrir um caminho para que a relação heterossexual do homem sobrepondo-se a mulher fosse enfim legitimado. A vida da personagem May Lacy pouco influi no prisma factual de *Rebellion*, mas sua representação se faz crucial para que se entenda a sociedade em que ela vivia. Tanto ela quanto a esposa Vanessa Hammond, interpretada pela inglesa Perdita Weeks¹²², não estão no meio das batalhas e pouco sabem do que se passa na capital. A experiência da personagem com essa outra diz muito a respeito da mentalidade da época e, em especial, de como mulheres com aquela sorte eram vistas e tratadas. É então que, o que antes víamos somente através de falas de Frances e de sua tia Nelly, vem à tona na vida de uma das protagonistas.

2.2 Os episódios: eventos e heterotopias

O início do primeiro episódio, intitulado *Young Guns*, se dá num teatro e é numa apresentação da ópera *The Mikado* de autoria de Gilbert e Sullivan, onde as três

¹²⁰ FOSTER, R.F. – *The Oxford...*, p. 235.

¹²¹ O'TOOLE, Tina – *The Irish New Woman*, p. 8.

¹²² Perdita Weeks é uma atriz britânica, segundo seu artigo no IMDB.

protagonistas da série desempenham um número musical.¹²³ *Mikado* hoje é conhecida por se tratar de uma obra satírica que leva a curiosidade e o interesse que os ingleses tinham acerca do modo de vida oriental para uma trama ambientada no Japão, provocando um reflexo da própria sociedade britânica em terras orientais.¹²⁴ Ainda que não se trate de uma civilização oriental, muito do que se encontra nas produções representativas da Irlanda vista pelo viés britânico, nos remete à curiosidade do inglês acerca de uma suposta etnicidade irlandesa e da beleza de suas paisagens idílicas. Quando O'Toole menciona a obra datada dos primórdios do século XIX, de L.T. Meade, *The Wild Irish Girl*, nos lembra que a construção da descrição dos cenários e a formação das personagens do romance retratariam o desejo inglês por aquilo que lhe seria “exótico”, “oposto” ao que o britânico era, mas que, ao mesmo tempo, haveria no jogo de relações e contato das jovens irlandesas do enredo, estas ditas “selvagens”, com o jovem da ilha vizinha, a busca por uma identificação.¹²⁵

Se perguntar como poderia existir um fascínio dos ingleses sobre um povo que, culturalmente falando, não se diferenciava tanto do britânico, mas que tinha em suas raízes e em seu território geográfico, o diferencial que os cidadãos londrinos não possuíam, não seria injusto, pois fora com a ajuda de produções literárias e de peças, ao longo do século XIX, e de filmes no decorrer do século XX, como já vimos, que o lugar do irlandês, bem como da cultura nipônica, no imaginário veio a tomar as proporções que hoje são analisadas. Quando, em 3 de Agosto de 1914, bem ao romper da Primeira Guerra, a história da minissérie começa, Elizabeth, May e Frances nos são apresentadas a cantar um dos números de *Mikado*, e é aí que uma demonstração de fascínio pela cultura do outro nos surge. Escolhidas especialmente para cada personagem, cada uma

¹²³ Uma das óperas de Savoy mais encenadas no mundo todo, *The Mikado* foi escrita W.S. Gilbert e composta por Arthur Sullivan, tendo sua primeira estreia em 1885. – LAWRENCE, E. P. - *The banned Mikado: A topsy-turvy incident*, p. 151. Disponível no website: <https://www.jstor.org/stable/23738143>.

¹²⁴ Anos depois de sua estreia, em 1907, *The Mikado* chegou a ser banida durante a visita do Prince Fushimi. Naquela época, ela não era vista como uma sátira ao povo britânico, mas ao povo japonês. Tal banimento proveio de ordens diretas de Lord Chamberlain, um acto de censura da parte do parlamento para com a opera de Gilbert. – Idem, p. 152.

¹²⁵ Citando um dos passos do romance *The Wild Irish Girl* (1809), O'Toole diz:

Meade introduces a contemporary element of anthropological interest to these encounters by having her young imperialists comment on their opportunity, in being presented with this exotic specimen, to expand their knowledge of their realm: ‘I want beyond anything to become acquainted with a real aborigine, and of course any girl called Kitty Malone hailing from the sister-isle must belong to that species. Bring the wild Irish girl with you by all means, Alice. – O'TOOLE, Tina – *The Irish...*, p. 52.

das estrofes proferidas está carregada de ironia numa analogia que parece ter ligação com o que, futuramente, se descobrirá acerca da personalidade e da história pessoal de cada uma.

Quando a música da peça começa, as três entoam:

Three little maids who all unwary./ Come from a ladies' seminary/ Freed
from its genious tutelar...¹²⁶

Uma vez tendo as três concluído a vida escolar, tornando-se mulheres livres por viverem suas futuras carreiras profissionais e futuros casamentos, esses versos iniciais têm muito a ver com a abertura da minissérie, dando assim um pontapé inicial na trama. Logo depois, cada uma delas interpreta cada um dos três versos seguintes.

Elizabeth vê a vida como uma aventura e uma novidade, e canta:

Everything is a source of fun.¹²⁷

Enquanto Frances, que é cheia de um patriotismo exacerbado, e que é capaz de começar uma guerra e nesta lutar até a morte, canta:

Nobody is safe, for we care for none.¹²⁸

Por último, May, que virá a investir em uma paixão inconsequente, diz por último, cantando:

Life is a joke that's just begun.¹²⁹

Voltando à representação da jovem irlandesa como uma criatura cheia de alegria, energia e de uma boa dose de inconsequência, também trazida por L.T. Meade em *Wild Irish Girl*, O'Toole cita uma das passagens do romance onde a nova garota irlandesa que entrara na escola é vista pelos veteranos da instituição como aquela que viria trazer alegria e “vida” para o local, mas que os mesmos esperavam que esta não

¹²⁶ Episódio 1. 01'15”.

¹²⁷ Episódio 1. 01'20”.

¹²⁸ Ibidem.

¹²⁹ Ibidem.

fosse tão desordeira como uma interna que a escola havia tido anteriormente, também irlandesa.¹³⁰

Elizabeth, May e Frances, ainda que vestidas de gueixas japonesas, figuras exóticas tanto para irlandeses quanto para ingleses, naquele momento da minissérie são três jovens estudantes, “cheias de vida”, em busca de “problemas”, três *wild Irish girls*. Numa primeira vista, talvez o telespectador não perceba o significado existente por trás deste momento na trama, a escolha da peça em questão e as falas por elas cantadas, mas em *Mikado*, as *three little maids* são três mulheres prontas para serem desposadas, estando uma delas já noiva do antagonista da ópera, Ko-ko. Elizabeth pode ser vista como essa personagem, a Yum-yum, o que nos leva a crer que Stephen seria o próprio Ko-ko, um condenado que terá de ser jogado por si mesmo¹³¹, Jimmy no entanto, não tem aparência alguma com o protagonista Nanki-Poo, uma vez que, apesar de perceptível seu interesse romântico na personagem de Elizabeth, pouco dos sentimentos dele é explorado face a maior importância do momento histórico em que vivem.

Para além das analogias que se podem retirar da sutil inserção desta pequena cena de *Mikado* ao início da minissérie, o episódio segue para a visita de Jimmy Mahon à Elizabeth logo após o término da peça, parabenizando-a e tendo com esta uma breve conversa acerca do I.C.A. e dos anseios nacionalistas de ambos. Uma festa particular está acontecendo ao final da apresentação das moças, e é neste momento que a guerra é anunciada e o desconforto daqueles que não são unionistas se sobrepõe ao sentimento patriótico daqueles que são. Vale a pena lembrar o facto de que, sendo acima de tudo uma questão socioeconômica aquela que polarizava a sociedade dublinense de 1916, a diferenciar os apoiantes da revolta dos apoiantes do Império, seria justo perguntar o que fazia uma moça rica como Elizabeth ao lado de duas moças de origens humildes como May e Frances. O teatro as teria unido, mas nunca as teria mudado, sobre o palco elas seriam iguais, mas fora deste Elizabeth sempre seria a protagonista ideal daquela

¹³⁰ Estereótipos são enfatizados na curiosidade dos ingleses em conhecerem aquela nova “irlandesa”, estando eles sempre sob a esperança de que esta não lhes fosse causar tanto transtorno quanto a última que ali estivera.

Meade introduces a contemporary element of anthropological interest to these encounters by having her young imperialists comment on their opportunity, in being presented with this exotic specimen, to expand their knowledge of their realm. - O'TOOLE, Tina – *The Irish...*, p. 51.

¹³¹ Dada a situação de Stephen nos últimos episódios da trama, pode-se dizer que o destino de Ko-ko não se diferencia muito do seu. Enquanto que na obra de Gilbert, Ko-ko sofre com o dilema de ter se matar ou prestar contas à lei que infringira ao flertar publicamente, Stephen cairá numa depressão, culminando tudo uma tentativa de suicídio.

sociedade. Até politicamente falando as três não seriam iguais: havia uma que fingia ser unionista (Elizabeth), outra que aceitaria o regime político que fosse, contanto que seus ideais amorosos prevalecessem (May), e a última que não fingia sequer pertencer àquele meio social, apoiando sem reservas seus ideais nacionalistas (Frances).

De entre os homens presentes, Stephen é talvez o mais esperançoso, contando com a generosidade da Coroa britânica ao perceber o bom-mocismo irlandês em aderir à guerra ao lado desta, prevendo uma independência política de seu país, sob a promessa de uma sequência ao anterior *Home Rule* aprovado pelo parlamento britânico, dizendo:

And when it is over we will welcome him to open our new Parliament here in Dublin.¹³²

A incredulidade do irmão de Elizabeth e da mãe deles, respectivamente Harry e Dolly Butler, se diferencia da alegria do patriarca Edward, banqueiro que vê na associação da Irlanda à guerra novos investimentos surgirem. Liza e Frances pouco respondem àquele momento e May nos é mostrada como uma jovem alheia àquelas ideologias nacionalistas. Se supõe que esta já seria uma aspirante à função pública em Dublin Castle, mas apenas se sabe que uma aproximação dela com Charles Hammond já existe. May bebe com eles e canta o Hino da Inglaterra juntamente aos outros a uma pensativa Elizabeth. Frances, a de comportamento mais contrastante, queda-se paralisada e imutável, se recusa a comemorar. É de facto neste momento que a minissérie se inicia num salto temporal de dois anos para 18 de Abril de 1916, a poucos dias da derradeira semana santa.

No porto de Dublin em North Wall, soldados retornam à casa para o feriado. Um lugar de passagem de migrantes, mas também uma heterotopia.¹³³ A ação dos soldados, de uma prostituta e de uma voluntária nacionalista acontece naquele único espaço, três elementos dessa sociedade, sendo as duas mulheres consideradas figuras de

¹³² Episódio 1. 04'47".

¹³³ Segundo Foucault, as navegações eram claros exemplos de heterotopias, pois carregavam histórias e iam de porto em porto a relacioná-las.

...e se imaginarmos, afinal. que o barco é um pedaço de espaço flutuante, um lugar sem lugar, que vive por ele mesmo, que é fechado em si e ao mesmo tempo lançado ao infinito do mar e que, de porto em porto, de escapada em escapada para a terra, de bordel a bordel, chegue até as colônias para procurar o que elas enterram de mais precioso em seus jardins, você compreenderá por que o barco foi para a nossa civilização. – FOUCAULT, Michel. – *Outros Espaços*, p. 421.

crise¹³⁴, e um dos soldados em questão, um homem que traz em seu uniforme não somente sua profissão da qual faz questão de dizer que se orgulha, mas cujo sentimento posteriormente se descobre ser inverídico. A prostituta figura na cena rapidamente, abordando o soldado em questão, Arthur Mahon, com uma proposta clandestina, em plena luz do dia. Ele se nega em respeito ao próprio casamento, deixando-a para trás para logo depois ser igualmente abordado pela militante dos Voluntários que planeja tentar recrutar militares para o seu próprio exército.

Ainda que a cena em questão seja curta, é possível se tirar uma conclusão acerca do simbolismo da prostituta e da militante dos Voluntários. A forma como a primeira chega a ser tratada com mais delicadeza pelos soldados do que a nacionalista, mostra-nos como naquela época as posições da sociedade eram ocupadas. A prostituta, mais bem tratada do que uma mulher representante de um grupo malvisto pelos militares em questão, estava ali por fazer o seu ofício, era sua função na sociedade, entreter os homens desde sempre. A militante, por outro lado, não deveria estar ali. Também pode-se supor que Teevan quis comparar o trabalho de ambas como posições escusas e negligenciadas pela sociedade. Ser uma militante dos Voluntários Irlandeses era tão mal quanto ser uma prostituta à procura de clientes no cais.

Em seu artigo, Kilfeather nos fala do destino de mulheres que eram consideradas conflituosas para com a moral religiosa irlandesa, mulheres homossexuais, ou criminosas por cometimento de aborto, mulheres que emigraram dali face a perseguição sofrida a fim de que não viessem a sofrer na luta por uma mudança.¹³⁵ Frances pertenceria ao grupo que havia ficado no país, que não teria o intento de se casar, ou de se entregar ao amor de um homem, que preferia estar na História a viver como uma jovem pronta para se reduzir aos parâmetros heteronormativos de sua época.

Frances é a personificação dos propósitos nacionalistas, ela é contra o alistamento dos soldados irlandeses à guerra, ela confronta Arthur Mahon e lhe chama traidor, dizendo que este deveria lutar pelo próprio país. Ela é a personagem que

¹³⁴ Heterotopias de crise, segundo Foucault:

Nas sociedades ditas "primitivas", há uma certa forma de heterotopias que eu chamaria de heterotopias de crise, ou seja, que há lugares privilegiados ou sagrados, ou proibidos, reservados aos indivíduos que se encontram, em relação à sociedade e ao meio humano no interior do qual eles vivem em estado de crise. – Idem, p. 46.

¹³⁵ KILFEATHER, Siobhan – *Irish Feminism*, p. 98-116.

frequenta os espaços que Foucault chamava de “heterotopias de crise”, lugares onde atividades clandestinas se davam, lugares onde os olhos da sociedade não chegavam por julgar suas atividades ilícitas.¹³⁶

Outro cenário para o qual a história vagueia no primeiro episódio é para Dublin Castle, a sede administrativa britânica na Irlanda, onde autoridades do governo aparecem em alerta sob a ameaça de ações rebeldes descobertas na interceptação de mensagens trocadas entre estes e forças alemãs. Hammond e May estão em cena, ela como sua secretária e ele a ocupar o cargo de subsecretário do governo. Um pedido de uma ordem de prisão para a “facção” Sinn Féin é feito e como provas para tal, o governo tem agora posse de documentações com nomes e endereços desses líderes da iminente rebelião.

- I've heard from a contact in the admiralty that messages have been intercepted from the Germans.

- Guns, and who knows what else, or an attack here.

- That's as may be, but we've not been advised of that officially.¹³⁷

Por alguma razão, Hammond parece ignorar os avisos do general que lhes fala, engolindo em seco quando o homem diz haver funcionários públicos envolvidos naqueles preparativos, incrédulo de que aquela rebelião possa de facto se dar, como bem se nota na citação acima. Em seguida, na ausência das personagens secundárias, a primeira cena romântica entre May e Hammond se dá, mostrando-nos que para além de servir ao governo, aquele espaço, o Dublin Castle, serve-nos também como uma outra heterotopia de crise, onde amantes se encontram longe dos olhos da sociedade.¹³⁸ Ainda neste episódio, para Pearse e Connolly, Frances pede à Lacy que roube documentos do

¹³⁶ Tratando-se estes lugares de crise como ambientes exclusivos onde as normas da sociedade não vigoram como fazem nos espaços sociais comuns a todos, pode-se dizer que um prostíbulo, ou a sarjeta onde uma prostituta se coloca, são exemplos de heterotopias de crise, vindo esse conceito de Foucault a se estender inclusive a instituições onde seres humanos que não eram bem quistos, marginalizados, pela sociedade, seriam colocados, metamorfoseando-se numa heterotopia de desvio.

Mas essas heterotopias de crise hoje desaparecem e são substituídas, acredito, por heterotopias que se poderia chamar de desvio: aquela na qual se localiza os indivíduos cujo comportamento desvia em relação à média ou à norma exigida. – FOUCAULT, Michel – *Outros Espaços*, p. 416.

¹³⁷ Episódio 1. 8'15”.

¹³⁸ “As heterotopias supõem sempre um sistema de abertura e fechamento que, simultaneamente, as isola e as torna penetráveis.” – FOUCAULT, Michel – *Outros Espaços*, p. 420.

governo que continham informações dos líderes da rebelião, induzindo a secretária a escolher um dos lados daquela “batalha”.

Elizabeth Butler nos aparece em seguida, na Faculdade Real de Cirurgiões, sob o comando da Dra. Kathleen Lynn e da Condessa Constance Markievicz, duas importantes figuras políticas ainda hoje saudadas na Irlanda, sendo a primeira reconhecida na causa pela reforma social no país, e a segunda, como dito anteriormente, condecorada oficial do I.C.A. por Connolly. Quando Elizabeth se apresenta àquela divisão do exército, recebe uma pistola das mãos de Lynn e, ainda que não saiba atirar, sua presença é bem-vinda no meio daquelas mulheres, naquela heterotopia ali criada. Supostamente, Elizabeth serviria ao lado de Markievicz em Stephen’s Green, chamando por fim aquele cômodo escondido onde se reuniam na Faculdade de Cirurgiões de “our rear operating base”¹³⁹.

Localizada na mesma vizinhança do parque Stephen’s Green, a Faculdade de Cirurgiões foi usada pela Dra. Lynn e pela Condessa Markievicz na concentração dos soldados do I.C.A. do batalhão de Michael Mallin. Na segunda-feira após a Páscoa, o primeiro dia do evento, Elizabeth deveria ter integrado a ação em Stephen’s Green, mas graças ao percalço provocado pela cerimônia de seu casamento com Stephen Lyon (momento que nunca de facto veio a acontecer), vemos a protagonista acabar por fugir para Dame Street na companhia de Jimmy Mahon, de forma que os factos ocorridos com o batalhão de Mallin no parque acabam por não ser representados. O grupo de Mallin e Markievicz seguiu para Stephen’s Green, cavando trincheiras para se proteger dos militares que os alvejavam das janelas do Shelbourne Hotel. Quando puderam escapar, Mallin se refugiou novamente na Faculdade de Cirurgiões, ali ficando até a rendição da sexta-feira.¹⁴⁰

Há momentos na minissérie em que se pode ver um claro contraste entre o *southside* e o *northside* da cidade. Quando o cenário da trama se prende aos subúrbios ao sul do Liffey, ou ainda ao centro da capital, nota-se uma classe média e uma classe

¹³⁹ Episódio 1. 10’59’.

¹⁴⁰ Documentos originais da época comprovam que, enquanto Connolly comandava as operações gerais no G.P.O., Mallin e a Condessa Markievicz se responsabilizavam pelas operações ocorridas em Stephen’s Green uma milha ao Sul do G.P.O.. Markievicz teria sido a segunda pessoa de Michael Mallin, seu braço direito naquelas operações. – National Library of Ireland – *The 1916 Rising: Personalities and Perspectives*. Disponível em: <http://www.nli.ie/1916/exhibition/en/content/executed/michaelmallin/index.pdf>

alta de irlandeses, ou de anglo-irlandeses, mesclada entre católicos e protestantes, a viverem em abundância como é o caso da família de Elizabeth. Quando a trama se dedica ao norte do rio, é através dos olhos de Arthur Mahon que nos é mostrada a pobreza presente nos *slums* dublinenses. Foi a fim de assegurar a subsistência de esposa e quatro crianças que Arthur se alistou. Essa personagem de princípio nos mostra ser um homem conformado com própria realidade, mas também alguém que ao longo da trama acaba por se revoltar contra a situação desumana vivida por sua esposa e filhos. É graças a ele e a Jimmy que se percebe o ponto de vista dos pobres e o porquê de estes terem apoiado os rebeldes ao final de tudo, conduzidos por uma indignação provocada pelas sentenças de morte e revoltosos com as próprias condições de vida.

Inseridos na vida paroquial, os *slums* se faziam de uma mescla de realidades. Neles, conviviam protestantes e católicos, e a grande maioria dos habitantes se relacionava com a igreja local. Eles conheciam a zona sul do rio porque lá muitos trabalhavam nas casas dos ricos e a grande maioria deles tinha pais e filhos na Guerra, da mesma forma como tinha também pais e filhos envolvidos na rebelião. Essa camada da população estava distante da mentalidade dos intelectuais líderes da revolta, mas estava bem próxima da igreja e muito mais próxima dos ideais de Larkin para com os trabalhadores sindicalizados e, ainda assim, também próxima da realidade dos soldados menores que em nome da coroa partiram para a guerra em busca de uma renda para suas famílias.

Arthur é um exemplo de sujeito inserido nessas três realidades, vivendo em meio a heterotopias bem delineadas. Ele se mantém na posição de “traidor” de sua nação, como bem nos diz Frances e Jimmy, mas se trata de um traidor que nesta posição continua por precisar suprir as necessidades de sua família. Quando ele parte para a frente de batalha, castigado por seu superior, deixa para trás um filho morto, uma esposa e duas filhas desamparadas, mas tem de fazê-lo, pois é o “rei” delas. Sua esposa Peggy e ele são talvez as figuras às quais aquela revolta menos interessa, pois para além de discursos políticos e ideais nacionalistas, eles sabem que a causa para qual vivem e o contexto no qual se situam é muito mais importante do que a liberdade da Irlanda. Chamando-lhe “rei”, Peggy apela para uma fantasia, mas que, mais que utópica, reflete bem a situação de homens como Arthur, governante e integrante único de um povo dependente de si. Essa realidade de Arthur se repetia nos *slums*, era a realidade de um

povo que, alheio àquela revolta, só queria ter para onde ir e onde comprar o pão para se alimentar. Ao final de tudo, porém, tomando aqueles intelectuais como mártires, esses pobres vestiram a camisa da rebelião, apoiando os rebeldes em detrimento do poder britânico ainda que suas vidas não viessem a receber significativas melhoras após tomada essa decisão.

Outro momento salutar neste mesmo episódio é a representação da escola de Irlandês de Patrick Pearse, a St. Enda's, onde Frances é professora. Pearse dizia se inspirar no movimento cultural da Liga Gaélica para educar jovens irlandeses à moda irlandesa, e não àquela a qual estavam submetidos há séculos. Sean Farrell Moran nos fala que, em sua fundação, em 1908, St. Enda's School veio a receber setenta pupilos que a partir de então estariam sob a responsabilidade do diretor Pearse, tendo este ensinado irlandês por anos e se aprofundado no estudo da língua desde seu papel na edição do jornal *Claidheamh*, periódico de grande influência sob os preceitos do mesmo movimento cultural.¹⁴¹ No entanto, a escola que deveria continuar a ensinar-lhes artes, literatura e irlandês, de acordo com o que se vê em *Rebellion*, já abrigava em 1916 uma considerável concentração de voluntários irlandeses, prontos para o embate da Páscoa. Segundo nos diz Colm Tóibín, desde sua fundação, baseado na lenda do herói Cúchulainn, St. Enda's School ensinava aos seus alunos sob o lema daquele herói, e que esta deveria ser uma frase para ser levada ao longo de suas vidas:

I care not though I were to live but one day and one night if only my
fame and deeds live after me. ¹⁴²

A presença daquela figura mítica como patrono de toda educação ensinada por Pearse ultrapassava os objetivos de uma inocente “anti-anglicização” cultural de seus alunos, acabando St. Enda's por se tornar uma escola apenas de “heróis”, meninos dispostos a darem suas vidas por um ideal puramente nacionalista.

¹⁴¹ Acerca do intuito de Patrick Pearse em criar a Escola de Irlandês, Moran nos diz:

His goal in founding the school was to educate young Irish minds before they could be Anglicized and to teach them in a compassionate environment the "ways" of Ireland. This was a totally logical extension of the goals of the Gaelic League. - MORAN, Sean Farrell. – *Patrick Pearse and the Politics of Redemption. The Mind of the Easter Rising*, p. 120.

¹⁴² TÓIBÍN, Colm. – *After I am hanged my portrait will be interesting*. Disponível em: <https://www.lrb.co.uk/v38/n07/colm-toibin/after-i-am-hanged-my-portrait-will-be-interesting>

A seguir no mesmo episódio, em uma cena passada no prédio do *Irish Transport and General Workers' Union* (ITGWU), a antiga sede do sindicato dos trabalhadores e ferroviários, agora chamado de *Liberty Hall*, Elizabeth e James Mahon encontram James Connolly e um embate com um recém-chegado detetive do governo acontece. Chamados de socialistas, e sendo comparados aos então inimigos da coroa - os alemães - os rebeldes alegam servir a nenhum rei ou kaiser, negando a onda de boatos que havia crescido na cidade que punha a Alemanha ao lado dos nacionalistas. Neste momento da série, essa suposição não fica clara, e é apenas no segundo episódio que, compactuando com os factos reais e graças à situação de Roger Casement, apanhado com armas alemãs, que é mostrado o interesse da inimiga da Inglaterra em munir a Irlanda belicamente e incitar um ataque vizinho, desestabilizando a primeira em tempos de guerra.

Paralelamente ao clima de guerrilha inicial, na cidade cujos espaços intelectuais e porões de faculdades fervilhavam de ideias e treinamentos de ataque para o feriado seguinte, Elizabeth Butler está de casamento marcado com Stephen Lyon, e May Lacy, noutra situação, descobre-se grávida de um filho de Charles Hammond. No *slum* ao norte da cidade, onde vivem família inteiras em pequenos apartamentos insalubres, Jimmy Mahon é enxotado para fora da casa de seu irmão Arthur Mahon após uma discussão acerca do facto de que o modo de vida nacionalista do primeiro não vem a condizer com o trabalho que sustenta a família do segundo: a servidão de um para com um exército de rebeldes, e do outro para com o exército de um rei.

Chamado *To Arms*, o segundo episódio se inicia na manhã do domingo de Páscoa, 23 de abril de 1916, sob os preparativos da revolta que apenas na segunda feira veio a eclodir. Essa parte da trama se inicia com a descoberta dos britânicos acerca do flagrante dado às ações de Roger Casement a tentar retornar à Irlanda munido de armamento alemão. R.F. Foster nos fala da reponsabilidade do *Clan na Gael*, grupo americano nacionalista que patrocinou a revolta em Dublin que, ao perceber a desvantagem irlandesa, fosse belicamente ou em número de soldados, teria mandando Casement buscar apoio na Alemanha e dali trazer consigo prisioneiros para incorporar no exército rebelde e armamento estrangeiro para muni-los, acabando por ser apanhado pelo governo britânico, facto que iniciou o boicote e a censura das ações dos rebeldes

planeadas para aquela Páscoa.¹⁴³ Na minissérie, vemos as personagens serem surpreendidas por um comunicado publicado em nome de Eoin MacNeill anunciando o cancelamento das manifestações dos voluntários, o que de alguma forma acabou por incitar ainda mais o início da rebelião encabeçada por James Connolly, contradizendo as ordens do primeiro.

Uma cena em especial neste episódio nos mostra a concentração dos voluntários em uma igreja, remetendo à essência não-laica daquela revolta. Espaços como mosteiros e áreas de culto, de significado religioso, segundo Foucault, como as igrejas e os templos religiosos, são considerados heterotopias de purificação, locais procurados pelas pessoas para que sejam limpas de seus pecados ou pensamentos impuros. Curiosamente, é sabido, por exemplo, segundo a publicação de seus ensaios e poemas no ano de 1916, que Pearse sempre comparou a revolução que organizava a uma verdadeira religião. Ele relata em seu ensaio *Ghosts*¹⁴⁴:

Like a divine religion...national freedom bears the marks of unity, of sanctity, of catholicity, of apostolic succession.

Numa clara analogia com o Estado que planeava criar com base na unidade da Santíssima Trindade Católica, onde Pai, Filho e Espírito Santo se unem com um único propósito, Pearse comparava:

Of unity, for it contemplates the nation as one; of sanctity, for it is holy in itself and in those who serve it; of catholicity, for it embraces all the men and women of the nation; of apostolic succession, for it, or the aspiration after it, passes down from generation to generation from the nation's fathers.¹⁴⁵

A cena em questão em que os rebeldes se reúnem em uma igreja, nos mostra um lado mais humano da personagem de Frances O'Flaherty, amedrontada a buscar coragem para o que está prestes a acontecer. Percebendo-se como uma das poucas mulheres em meio aos Voluntários, não a única em cena, mas a única ciente do perigo que lhes aguardava. Tóibín nos lembra que, por mais que Pearse e seus homens

¹⁴³ FOSTER, R.F. – *The Oxford...*, p. 196.

¹⁴⁴ PEARSE, Patrick. – *Ghosts*. In *Collected Works of Pádraig H. Pearse. Political Writings and Speeches*, p. 223- 255.

¹⁴⁵ Idem, p. 226.

dissessem clamar pela igualdade de gênero, e por mais que ele próprio mantivesse o discurso de que a presença das mulheres nos cargos políticos e nas instituições de ensino irlandesas se faria mais do que necessária e de direito destas, eram apenas palavras que vagavam em discursos de um revolucionário que “aprova mulheres apenas na teoria” e que sempre se acompanhara mais de homens e rapazes do que de figuras do sexo feminino¹⁴⁶, mais uma vez reiterando a homossocialização que esteve sempre presente na relação política e social do momento histórico em questão, como Cullingford salientou em seu estudo acerca das representações dos gêneros no contexto irlandês.

Em outro extremo do episódio, temendo ser apanhada pelo o que fez, May Lacy se encontra sob pressão, sempre a achar que está para ser apanhada, seja por seu patrão e amante, ou pelos detetives do governo. Ela confessa a Hammond que está grávida e, com ela, ele começa a planejar fantasias de liberdade para ambos, iludindo-a. Relembrando o que Cullingford nos diz, vale a pena lembrar que o *Englishman* de Boucicault, posteriormente representado em filmes como *Ryan's Daughter*¹⁴⁷, apaixonado e cavalheiro que se evadiria da terra e da companhia da mulher, mas que nunca poria em causa sua própria nobreza e honestidade, aparece neste momento como uma mera ilusão. Charles promete aquilo que não pode cumprir, iludindo May. Esta cena, no entanto, se dá num quarto de hotel que depois se descobre ser do Hotel Imperial de William Martin Murphy, onde os amantes se encontravam.

Quando os voluntários irlandeses irrompem pela porta do quarto do casal, pedindo para que este se retire, pois os rebeldes não de colocar à janela daquele cômodo a bandeira do Exército dos Cidadãos, ocorre uma repetição daquilo que Cullingford nos relembra acerca da protagonista Rosie de David Lean, quando esta foi chamada de prostituta por seus conterrâneos por ter se relacionado com um inglês. Ao tentar zombar de um dos fenianos, May é também comparada a uma prostituta;

¹⁴⁶ Acerca da comunhão de Pearse para com as mulheres, Tóibin, nos diz:

He approved of women only in theory, however. In practice he was shy and uneasy in their company. He liked boys, and, as with many before and after him, he saw fit to set up a school where he could teach boys and spend time with them. – Idem, p. 4.

¹⁴⁷ Segundo o banco de dados do IMDB, *Ryan's Daughter* é um filme britânico de 1970, dirigido por David Lean e escrito por Robert Bolt, que nos conta a história de Rosie, uma jovem irlandesa que, envolvida por um oficial britânico no período dos acontecimentos posteriores a 1916, trai seu marido irlandês que, compreensivo, parece ser o único habitante do vilarejo onde vivem, a perdoá-la.

- Come on Charles, they're just boys dressed up as soldiers

- Well rather a citizen soldier than an Englishman's whore".¹⁴⁸

Ao tentar ser defendida por Charles, May acaba se envergonhando e dali sendo ambos expulsos pelos rebeldes. Tal invasão ao hotel de William Martin Murphy veio a acontecer de facto naquela revolta, segundo nos diz Justin Moran. Enquanto os rebeldes se apossavam do prédio, do lado de fora a declaração de independência do novo país que era proclamado era lida na voz de James Connolly, frente ao G.P.O..¹⁴⁹ Neste momento da minissérie, os revoltosos sob o comando de Pearse e Connolly também já haviam tomado o G.P.O, ali se instalando pelo resto da semana. Segundo Kostick e Collins, o G.P.O. estava em pleno funcionamento naquela segunda-feira quando Connolly deu as ordens para que seus homens invadissem o prédio público onde ficaram seguros até o momento em que os bombardeios se iniciaram. Nos andares superiores do prédio, telegrafistas pertencentes à revolta tomaram conta das linhas de transmissão, interceptando as comunicações da capital.¹⁵⁰ Ao contrário do que fora previamente acertado, é neste cenário que a personagem de Elizabeth pode ser encontrada, fugida de seu casamento e na companhia de Jimmy Mahon, ela não vai ao encontro de Mallin e da Condessa Markievicz em Stephen's Green, acabando por reencontrar pelo caminho a Dra. Lynn. Com os homens dela, Elizabeth e Jimmy marcham para dentro de Dublin Castle, uma missão que veio a falhar desde o seu início.

A facilidade com a qual os rebeldes adentraram em Dublin Castle diz respeito à forma desprevenida como os militares foram apanhados naquele dia. Kostick e Collins nos lembram que naquele instante, nas dependências do castelo, encontravam-se homens de suma importância para o governo da Irlanda cujo risco de morte foi indubitavelmente previsto, tornando a retomada do prédio uma missão que precisava ser urgentemente concluída, antes mesmo da defesa do também invadido G.P.O..¹⁵¹ Face ao

¹⁴⁸ Episódio 2. 24'26".

¹⁴⁹ De acordo com o artigo de Justin Moran:

On Wednesday, the Starry Plough, the flag of the Citizen Army, was raised on the Imperial Hotel owned by William Martin Murphy, opposite the GPO. – MORAN, Justin. - *1916-2006: The labour movement, the Irish Citizen Army and the Rising*. Anphobacht. Disponível em: <http://www.anphoblacht.com/contents/15102>

¹⁵⁰ KOSTICK, Conor; COLLINS, Lorcan – *The Easter...*, p. 92.

¹⁵¹ Estavam presentes em Dublin Castle ao meio dia daquela segunda-feira, Sir Matthew Nathan, o subsecretário da Irlanda, o oficial da Inteligência Militar, Major Ivor Price e A.H. Norway, secretário dos

comunicado de Eoin MacNeill, cancelando o evento da Páscoa, e a captura de Casement e de suas armas, autoridades do governo jamais pensariam que Connolly e Pearse prosseguiriam com seus primeiros planos. Na minissérie, esse momento segue com as duas personagens de Elizabeth e Arthur. Os dois fogem do cerco que os soldados fenianos fizeram ao castelo, se encontrando com o restante dos rebeldes do Exército dos Cidadãos no G.P.O.. Com o castelo cercado e com os rebeldes rendidos, as atividades da administração do país, já nesta altura do episódio, haviam voltado à sua funcionalidade.

Com uma bandeira branca improvisada à mão, a personagem do Padre Mulcahy nos surge, e em nome do Arcebispo Walsh ele adentra ao G.P.O.. Sendo um homem religioso, ele é uma figura pertencente a uma heterotopia de purificação: a igreja. E, talvez, ali, representando a própria heterotopia em questão, se relaciona com uma outra realidade criada pelos rebeldes.¹⁵² Sob o intento de purificar e obter um acordo de paz, Mulcahy leva a própria Igreja para dentro do G.P.O.. Ele chega ao centro de operações dos soldados para pedir para que acabem com aquilo, mas é logo levado a ter uma conversa com Patrick Pearse:

- Would you lead us in the rosary, Father?

- I really should be going. The archbishop is expecting me...

- It's a great consolation to men who are about to face their death to have a priest near.¹⁵³

Após ouvir as confissões dos jovens recrutados amedrontados, Teevan nos mostra este curto diálogo de Mulcahy com Pearse. A mudança entre cenas, desde a chegada do padre ali até o momento em que este termina de dialogar com os soldados e encara Pearse de frente, dá aos espectadores entendimento de que algo naquele espaço (G.P.O.) e no discurso daqueles homens, veio a converter aquela “santidade” para o

Correios, os três reunidos para uma reunião enquanto que ao lado de fora, grande parte dos soldados regressados à casa para o feriado, aproveitavam dias de folga. – Idem, p. 115.

¹⁵² Foucault nos diz, acerca das heterotopias de purificação:

Há mesmo além disso heterotopias que são inteiramente consagradas a essas atividades de purificação, purificação semi-religiosa, semi-higiênica como nas casas de banho dos muçulmanos, ou então purificação puramente higiênica em aparência, como nas saunas escandinavas. – FOUCAULT, Michel – *Outros Espaços*, p. 420.

¹⁵³ Episódio 2. 46’54”.

lado deles, ou não seria a própria revolução, para Pearse, uma unidade tão santa quanto a própria religião católica. Ainda que a religião tenha estado presente na minissérie, na representação desses momentos de epifania onde os soldados rebeldes temem o facto de que sofrerão por suas atitudes, estudiosos como Moran relembram a ausência de religiosidade no discurso de Pearse ao longo de sua carreira como professor e no início de seu intento como formador de heróis, dizendo-nos que sua família, excetuando sua religiosa mãe, não costumava se empenhar em missões cristãs e ele tampouco falava sobre sua crença em vão, ainda que tivesse sido uma criança empenhada nos ensinamentos católicos. Fora em seus últimos anos de vida, mais precisamente em 1916 que Pearse veio a unir seu interesse pelos mitos gloriosos do passado irlandês à religiosidade cristã de suas raízes, produzindo poemas sob a resignação de sua iminente morte.

Na minissérie, a visita de Mulcahy demonstra o papel do clérigo, de purificador, de um construtor de uma heterotopia, levado àquele espaço para a igual purificação daqueles homens, mas quem acaba purificado ao dali sair é ele próprio, doutrinado pela figura "santificada" de Pearse.

O episódio prossegue para cenas em que o espaço de uma verdadeira heterotopia de purificação, a Catedral de St. Patrick, é transformada numa enfermaria improvisada, e, ali, Elizabeth e Jimmy se refugiam. A jovem usa de seus conhecimentos por ajudar os feridos e quando pensava que havia abandonado tudo para salvar o país, se vê trabalhando naquilo para que sempre estudou. Arrependida do que ambos haviam integrado em Dublin Castle, Elizabeth conversa com Jimmy que está decidido a voltar ao G.P.O. enquanto ela decide ficar ali, usando de seus esforços para ajudar civis e militares feridos. Segundo Caitriona Clear¹⁵⁴, ausentes nos demais setores da sociedade; fosse do meio político, ou do mundo dos negócios, as mulheres católicas irlandesas eram em grande número no serviço humanitário, como enfermeiras ou como professoras, facto que fica assente durante este momento do episódio.

Os momentos finais deste capítulo se passam longe do conflito na capital. Abrigada em casa de Hammond, na companhia da esposa deste, May Lacy tenta

¹⁵⁴ CLEAR, Caitriona. Women's Work. Disponível no website Irish Times. <<https://www.irishtimes.com/culture/heritage/century/century-women-and-the-vote/women-s-work-1.553384>>

esconder sua gravidez e o romance que tem com o marido desta. O facto do espectador ver agora uma amante e uma esposa, juntas sob o mesmo teto, leva-nos a uma reflexão acerca da nova significação dada ao espaço do lar dos Hammond. O abrigo que então a casa dos Hammond dá à May provoca uma “dessacralização” do lugar, a sua mudança de função, que acaba por fazer deste um lugar diferente do que era, uma heterotopia, onde o espaço de crise, da amante, antes restrita a Dublin Castle e ao Hotel Imperial, se encontra com o espaço do lar, da esposa agora ciente das traições de seu marido.¹⁵⁵

O segundo episódio acaba num momento de separações em que as protagonistas parecem estar mais em contato com o medo que lhes aflige. Enquanto May se queda na companhia de sua “rival”, Elizabeth parece-nos arrependida do que fez e Frances, mesmo sendo tratada diferentemente por ser uma mulher em meio a soldados armados, se traveste de homem para agir ao lado destes.

Denominado *Under Siege*, o terceiro episódio começa dois dias após o início da rebelião, em 26 de Abril de 1916, uma quarta-feira. Neste episódio, Arthur Mahon é evidenciado como o soldado ao serviço do exército que em sua função não gostaria de estar. Ele se recusa a executar os rebeldes apanhados em flagrante e é então punido por seus superiores por sua displicência. Arthur é mandado à recolha de corpos de vítimas às ruas e ali ele tem uma epifania ao encontrar o corpo de uma jovem adolescente, amiga de sua filha mais velha, abandonando o trabalho e voltando para sua família. Seu irmão Jimmy, retornado ao G.P.O., se encarrega das comunicações e contata forças externas para uma ajuda externa, uma vez que, após três dias de luta e resistência, suas perdas são significativas. A chegada dos britânicos para compor as forças irlandesas contra os rebeldes apenas piora a posição destes.

Ainda que o terceiro batalhão comandado por de Valera constituísse a força que guardara o canal de acesso à cidade, uma embarcação sob ordens britânicas subia o Rio Liffey, e desde a alfândega este havia se posto a atacar o Liberty Hall (a sede do

¹⁵⁵ A heterotopia ocupada por amantes viventes de suas relações paralelas, também são consideradas heterotopias de crise.

Esse, tipo de heterotopia, (...), talvez pudesse ser reencontrada nos famosos quartos de motéis americanos no quais se entra com seu carro e sua amante e onde a sexualidade ilegal se encontra ao mesmo tempo absolutamente abrigada e absolutamente escondida, mantida afastada, sem ser, no entanto, inteiramente deixada ao ar livre. – FOUCAULT, Michel – *Outros Espaços*, p. 420.

May e Hammond, no entanto, quebraram com os parâmetros que separavam o lar onde ele vivia com sua esposa, do espaço crítico que ocupava clandestinamente com sua amante.

sindicato). Segundo Kostick e Collins, após duas horas de um conflito que parecera durar muito mais do que aquilo, e depois de um grande desperdício de munição por parte dos britânicos, o barco teria se voltado para Boland's Bakery, atacando na direção do batalhão de Valera, mas acabando por atingir outro batalhão britânico que em Mount Street trocava tiros com o grupo rebelde e que, na minissérie, continha Jimmy Mahon e Frances. Este facto nos mostra que, mais do que a falta de preparo dos irlandeses rebeldes, os próprios soldados a mando da Coroa britânica não pareciam prontos para aquilo. A Inglaterra havia tomado aquelas ações da Páscoa como uma verdadeira traição em tempos de guerra, uma ação desnecessária face aos trâmites políticos que já se faziam acerca do *Home Rule*, e um gesto vil, por se fazer às sombras da Alemanha.

O facto de as protagonistas de *Rebellion* não conseguirem se comover nem minimamente face ao sentimento de traição presente nas mentes britânicas e tampouco com a situação dos militares irlandeses cuja necessidade os havia posto ao lado dos britânicos, mostra que Teevan se compromissou muito mais em mostrar personagens centradas nos próprios ideais políticos, econômicos e pessoais do que em torna-las empáticas com os homens ao seu redor. Suas protagonistas estão ali para descobrir suas respectivas serventias naquele momento histórico, satisfazendo a si mesmas ao se depararem com o “outro uso” que poderiam ter dentro daquela sociedade. Este é o ponto no qual o núcleo feminino da minissérie acaba por chegar a esta altura da trama: Frances O’Flaherty foi a primeira a despertar, se pondo no meio de homens a lutar por uma causa que jugava nobre para a nação; Elizabeth Butler foi a segunda, se negando a casar com quem não compartilhava de seus mesmos ideais e assumindo causas políticas que considerava superiores ao status social de sua família, dessa forma também vindo a despertar a própria mãe Dolly Butler de seu “lugar” de dona de casa, submissa ao marido provedor; e, por último, May Lacy que é despertada de seus sonhos românticos, buscando ao final da trama se livrar da influência do *Englishman* em sua vida, lutando pela própria sobrevivência. Essas mulheres, como bem se pode observar, buscaram descobrir suas funcionalidades para além do que o espaço lhes designava, tornando-se protagonistas de suas próprias histórias.

Continuando na sequência da trama, outro facto histórico presente neste terceiro episódio é a representação de uma das batalhas mais sangrentas do feriado, aquela ocorrida em Mount Street. Juntamente aos homens do Tenente Michael Malone,

na casa de número 25, no quarteirão das ruas Northumberland e Mount, Frances e Jimmy respondem ao ataque britânico, ainda que se venham a evadir do local antes do trágico fim daquela quarta-feira. Malone, figura histórica da rebelião, ainda que não se mostre na minissérie, factualmente, foi alvejado e morto nesta batalha. Segundo Coogan, relatos ainda dizem que o tenente teria chegado ao local em sua bicicleta e ali se convidara a se juntar aos demais rebeldes, passando horas de sufoco à espera de que fossem servidos de reforços provindos do batalhão responsável pela região, de Eamon de Valera, que nunca de facto chegou. Coogan nos lembra que todo aquele perímetro próximo à foz do Liffey, incluindo a ponte da Mount Street, pertencente ao comando do futuro presidente do país, esteve sob a mira dos britânicos, desde Boland's Mill e Boland's Bakery. Dali, a fim de salvar a vida de seus homens, de Valera se viu obrigado a se retirar, ludibriando os militares britânicos ao manter hasteada sua bandeira verde em Boland's Bakery, uma fábrica de biscoitos, deixando seus inimigos gastarem munição enquanto fugiam dali para se manterem vivos.¹⁵⁶

Foi neste momento de chegada a Mount Street, que Frances, até então fingindo ser um homem, se mostrou mulher, e afirmou poder combater os britânicos como qualquer homem. Ela e Jimmy são mandados a uma casa abandonada, servindo de reforço para aquele grupo de soldados, que até então lutavam sozinhos. Quando ele pede para que ela lhe passe a “mauser”, mencionando a outra arma que trazem com eles, os telespectadores podem perceber que esta como muitas outras utilizadas no feriado eram de armas importadas da Alemanha e da Áustria, mercadorias contrabandeadas de facto, confirmando a associação dos irlandeses aos inimigos do rei.

Politicamente falando, há uma cena na sequência deste episódio que remete mais uma vez ao papel da Igreja em meio ao clímax da revolta. O mesmo padre que no episódio anterior estivera com Pearse no G.P.O., Padre Mulcahy, agora conversa com o arcebispo da cidade, lhe pedindo em meio àquela heterotopia de purificação, na condição dos purificadores que são, para que a Igreja apoie os rebeldes. Lembrando que

¹⁵⁶ Coogan nos lembra:

Mount Street Bridge and its precincts were part of a wide area under Eamon de Valera's command and included Boland's Mill and Bakery, Westland Row Railway Station (now Pearse station) and Beggars Bush Barracks. The last three strongpoints saw little Fighting, but along the Mount Street Bridge approaches, a handful of insurgents inflicted some half of all the casualties suffered by the British during the week. – COOGAN, Tim Pat, – *1916: The Easter...*, p. 111.

Mulcachy já havia sido convertido para o lado de Pearse e que este último via na República que haveria de construir, uma verdadeira religião. O arcebispo, por outro lado, se nega, lhe lembrando que no passado havia lutado ao lado de Redmond pela “Independência da Irlanda” e que ainda almejava um lugar no centro do novo parlamento pela Inglaterra prometido. R.F. Foster nos lembra do sucesso de Redmond, que havia sido, nos tempos prévios da Revolta, em 1900, um verdadeiro diplomata nas questões que diziam respeito aos interesses irlandeses e britânicos, dentro do Partido Irlandês.¹⁵⁷

De volta ao núcleo fictício da trama, em meio à Catedral de St. Patrick, Elizabeth conhece uma quarta personagem feminina de alguma importância para o cunho feminista da trama, Ingrid Webster. Igualmente fugida de seu noivo em Belfast, esta jovem planeava se encontrar durante aquela Páscoa com o seu verdadeiro namorado, na capital irlandesa. No entanto, ela acaba por perceber, em meio à rebelião, que para além do amor romântico que sentia, além de algo que lhe colocaria no lugar comum às mulheres (se casando e criando os filhos daquela união), Ingrid acaba por descobrir para si deveres e coisas mais importantes por fazer para a sociedade. No seguinte diálogo iniciado por ela, ela e Elizabeth conversam sobre assuntos que vão além das trivialidades normalmente discutidas pelas moças de sua época.

- Seems that some things are more important to him than me.
- Maybe some things are more important, or maybe those things are telling us this person is not the right person.
- Did you have someone else?
- It was more I changed.
- How?
- I began to know my own mind.
- Before this, everything used to frighten me, but now, in spite of all this, I'm not so afraid. I... I'm of some use.¹⁵⁸

Aquelas mulheres irlandesas, mesmo que indiretamente, haviam abraçado a filosofia das militantes da revolta, gente como a Condessa Markievicz e a Dra. Lynn,

¹⁵⁷ FOSTER, R.F. – *The Oxford...*, p. 187.

¹⁵⁸ Episódio 3. 09'13”.

quase sempre ocultadas da História, mas donas de papéis fundamentais ao evento. Ainda que Elizabeth e a outra noiva em fuga ocupassem lugares tipicamente femininos nessa revolta, de enfermeiras, saíram do lugar prestigiado das noivas que eram para um lugar de funcionalidade, se fazendo úteis em um momento como tal.

Tratando-se de May Lacy, o episódio volta à casa dos Hammond e numa outra conversa feminina desta com a esposa de seu amante, a *stage Englishwoman*, Vanessa Hammond, estende-se a questão levantada por Elizabeth e Ingrid sobre os seus “usos” e “utilidades” naquela sociedade. A esposa de Charles, uma vez sabendo da gravidez da secretária, procura descobrir mais de si, de suas origens e pergunta sobre o que essa faz de sua vida, como se já não soubesse de sua função em Dublin Castle.

- My family are from Cork, Mrs Hammond.
- And what does your father do?
- He has a shop.
- How quaint!
- A tailor.
- Mine's a Sea Lord. He's at the Admiralty.
- And what do you do, Mrs Hammond?
- A lady does not do, Miss Lacy.¹⁵⁹

“Uma senhora não faz nada de sua vida”, é essa a afirmação de Vanessa Hammond, e, no rosto de May, pode-se notar uma surpresa demasiado contida, mas ainda assim uma surpresa. É neste momento que acontece uma evolução da personagem de May, que frente ao discurso da esposa de seu amante, se encontra muito mais voltada à própria sobrevivência e à manutenção daquela gravidez, do que de facto a qualquer intento de vir a roubar a posição que aquela mulher clama ter na sociedade.

O tiroteio no qual Frances e Jimmy estão ocorre por entre residências de classe média do subúrbio dublinense, mais precisamente da Rua Mount, palco de um dos embates mais sangrentos daquele feriado. Pode-se considerar aquele lugar, a vizinhança em questão, um espaço onde uma nova heterotopias surge pois uma “guerra” foi levada para um ambiente menor que primordialmente tinha outra funcionalidade. Sobre a

¹⁵⁹ Episódio 3. 20”57”.

batalha de Ballsbridge, onde de Valera estivera e de onde fugira, ainda são feitas comparações maiores, como se a frente ocidental da guerra fosse ali, como se esta estivesse chegado, enfim, à capital irlandesa. Locais de passagem de transeuntes são citados para além da Rua Mount, dentre eles a ponte da Rua Baggot, a ponte da Rua Leeson e Sherwood Forester, localidades residenciais transformadas em campos de batalha ao longo do Grand Canal.

Quando Frances retorna à casa de sua tia, quedando-se em segurança, Jimmy volta ao G.P.O., encontrando o corpo do sobrinho. O terceiro episódio termina sob a esperança da chegada de novas forças rebeldes provindas do interior do país, mas também sob a desesperança no destino dos protagonistas. Àquela altura, os rebeldes restantes já haviam sido encurralados no G.P.O.. A fé que as personagens tinham na rebelião, antes inabalável, parece mais frágil do que nunca face ao ataque que destrói grande parte do G.P.O, obrigando-os a fugir dali.

Denominado *Surrender*, o quarto episódio se inicia em 29 de abril de 1916, último dia da rebelião, sob a rendição dos rebeldes. Dezesesseis mil soldados ingleses chegam à cidade, obrigando voluntários e soldados do I.C.A. a deixarem o esconderijo no qual se protegiam. Quem agora comandava as operações no país era o General Sir John Maxwell, substituo do Comandante Lovick Friend, segundo nos diz Foy e Barton. Na madrugada do dia anterior, sexta-feira, Maxwell chegara a Dublin acusando a ausência de Friend no país desde o início da revolta como o primeiro grande erro na defesa dos britânicos.¹⁶¹ Suprimindo as ações daquele dia, os rebeldes são rapidamente recolhidos e entre eles Elizabeth e Jimmy que, levados como prisioneiros, rumam para Kilmaisham Gaol. Antes, porém, Stephen Lyons intercepta a noiva, confrontando-a. É apenas nesse momento que certa importância é dada à personagem dele. Stephen ainda mantinha esperanças de se casar com ela após o término da rebelião, mas acaba por perceber que Elizabeth não o ama.

- I know, I know things needed to change Lizzy but they were going to change anyway. And you and your friends went and did this, I mean, look at the place, the city is in ruins. Lizzy look at me, I'm talking to you.

¹⁶¹ FOY, Michael T; BARTON, Brian – *The Easter...*, p. 285.

I'm talking to you. (...) Two years, I was gone for two years and I come back to this.

- This is bigger than us Stephen... Have you not seen the state of this country? (...) No you haven't, you haven't! You've got money, I've got money...

- I came back to this country! ¹⁶²

Acusado por Elizabeth de não se importar com o país de ambos, na fala de Stephen fica subentendido que se ele, regressado da guerra, voltou para casa, é porque se importa tanto com o país quanto com ela e que, apesar de toda aquela confusão na qual a cidade se vê metida, ele mantinha para si mesmo ainda a vontade de se casar com a mulher que amava, e viver no país em que nascera. É possível neste momento relembrar as palavras de Cullingford acerca do papel da mulher e da Irlanda como um só, onde o oficial contido nos modos de um *stage englishman* (ainda que irlandês seja), clama possuir tanto o espaço quanto a noiva, mas que vem definitivamente a perde-la para causas maiores que não incluem sequer o envolvimento romântico desta com James Mahon. Insistindo pertencer àquela rebelião como qualquer outro cidadão voluntário, Elizabeth não quer retornar a casa, antes, quer ser tratada como os demais componentes daquela revolta. Stephen Lyons a partir de então é melhor retratado, e quando torna a aparecer no episódio seguinte, está em depressão, tentando se suicidar e se negando a voltar ao seu posto de oficial. Stephen se torna uma personagem de desvio, evitado pelos demais colegas militares, tendo de responder pelos seus actos ao ser apanhado por seus superiores em um momento de fraqueza.

As cenas na prisão de Kilmainham são mostradas tão logo os rebeldes são aprisionados, e a primeira delas é de Elizabeth. Ainda que fosse tratado como “o bastão da punição e correção”, em *Rebellion*, Kilmainham aparece-nos como um lugar de reencontros dos soldados rebeldes encarcerados. Jimmy e Elizabeth, separados por serem homem e mulher, não tornam a se ver nesta prisão, mas é ali que ela reencontra a Dra. Lynn. Menos munida da coragem com a qual fora apresentada no primeiro episódio da série, Kathleen Lynn havia presenciado momentos difíceis naquele feriado. Segundo escritos pessoais seus, publicados pela Faculdade Real de Fisiologistas da

¹⁶² Episódio 4. 6'20”.

Irlanda (não confundir com a Faculdade Real de Cirurgiões), mal tendo pisado no perímetro de Dublin Castle, Lynn havia se deparado com o corpo de um policial estendido ao chão, uma das primeiras vítimas do feriado, morto por Sean Connolly. Mais tarde, em uma troca de tiros, vira o mesmo Connolly ser morto por oficiais britânicos de modo que, depois de apanhado, o batalhão dela ficou detido durante toda a semana face à desorganização de suas ações.¹⁶³

Em outro extremo da prisão, Jimmy, por sua vez, contracenava com personagens como de Valera e Michael Collins e com soldados demasiado orgulhosos das ações daqueles dias. O sentimento que vigora dentre os prisioneiros não é de derrota, mas do início de um período de mudanças. Mudar, reformar indivíduos nocivos à sociedade, é para isso que as heterotopias de desvio nos servem e para além dos manicômios e das casas de reabilitação, Foucault também denomina dessa forma as prisões, como locais onde indivíduos desviados e excluídos da sociedade, são colocados.

A situação da cidade, sem açougues ou mercados abertos e com lojas saqueadas, aumenta a miséria dos menos favorecidos e o que era suposto mudar na vida daqueles de classe social menor, piora. Aliás, para ricos e pobres nada tende a melhorar. O pai de Elizabeth cai em depressão tão logo se vê em ruína financeira uma vez que seus investidores estão deixando a cidade, tornando a Belfast, abandonando o seu banco. Sua mãe, por sua vez, constrói no próprio lar uma heterotopia de crise, trazendo com a ajuda da paróquia local a família Mahon para uma refeição. Tal decisão, segundo nos diz Rafferty, era comum de ser tomada pelos paroquianos mais abastados, fosse doando quantias monetárias às causas propostas pelo padre local, ou recebendo-os em suas casas.

- You're a saint to feed people in your lovely house when food was so scarce.

- Was it my brother that sent you?

- His church, Father Mulcahy's at the GPO they said.¹⁶⁵

¹⁶³Os escritos da Dra. Kathleen Lynn podem ser encontrados no website da Faculdade de Fisiólogos, ou ainda excertos já transcritos deste em publicação do *Irish Times*.

¹⁶⁵ Episódio 4. 8'51".

O diálogo misericordioso entre essas duas mulheres mais uma vez alinha com o facto de que os ensinamentos e a hospitalidade sempre estiveram presentes na construção do papel religioso da mulher irlandesa daquela época. Por outro lado, fugindo da posição submissa na qual supostamente teria de permanecer, May Lacy deixa a casa de Hammond após o embate ocorrido entre este e a esposa. Ela discute com Vanessa e sai dali indo ao encontro de Frances em casa da tia desta. Mais tarde, no mesmo episódio, sabe-se que a relação de Charles e Vanessa não foi sequer abalada e, ainda que minta para May a falar que quer ter ela e o bebê por perto, Charles planeja ficar com a esposa, facto que nos remete à visão distorcida e menos romanceada estabelecida desde o início da série, quebrando com a figura idealizada do *stage Englishman* falado por Cullingford.

Tratando-se de um evento factual mostrado na minissérie, um dos momentos mais impactantes da trama, na prisão de Kilmainham, Thomas Clarke é abordado por oficiais na prisão, e, se autodeclarando presidente da República da Irlanda, é humilhado frente a todos.¹⁶⁶ Na cena em questão, Thomas Clarke é despido e humilhado, mas continua firme a exaltar seu papel na revolta e seu papel político como suposto presidente da República da Irlanda. Pode-se dizer que neste momento a autoria da minissérie opta por provocar no espectador o sentimento de antipatia, criando um vilanismo no caráter das personagens das autoridades militares sem nos lembrar que estas não eram somente oficiais britânicos, mas também irlandeses a humilharem os prisioneiros também irlandeses. O intuito do novo comandante do país, o General Maxwell, era o de processar os rebeldes mais perigosos e seus líderes, julgando-os de acordo com a Lei Marcial, enquanto as torturas feitas na prisão cabiam somente à índole de seus carcereiros. Nesse cenário de horrores, Michael Collins nos é apresentado como um dos prisioneiros capturados, mas tratado como um simples soldado voluntário e nada mais, ao contrário de de Valera, que desde então tem seu caráter posto em dúvida pelos escritores da série.

O episódio seguinte, chamado *The Reckoning*, se passa em 12 de Maio de 1916, quase quinze dias depois do final da rebelião, e é o quinto e último da minissérie.

¹⁶⁶A humilhação sofrida por Thomas Clarke é factual e na altura fora assistida por Michael Collins. Acusado de rasgar as roupas de Clarke e agredi-lo fisicamente em meio a uma madrugada aquando de seu cárcere, o Capitão Percival Lea veio a ser assassinado posteriormente, sentenciado pelas mãos do próprio Collins. – MURPHY, Pauline. *Sympathy For Mr. Collins: The Assassination Of Captain Percival Lea Wilson*. <www.headstuff.org/history/michael-collins-lea-wilson>.

Factualmente, as devidas medidas de julgamento já aconteciam há dez dias, e as pessoas que antes enxotavam os rebeldes levados à prisão, agora começam a ter simpatia por estes, tratando os líderes, um a um mortos, como mártires. Patrick Pearse, Thomas Clarke e James Connolly são os primeiros a serem mortos, o último é levado por Ingrid até o momento de seu fuzilamento, incapaz de andar com as próprias pernas, mas tratado como todos os outros executados, pois crimes iguais aos deles havia cometido.¹⁶⁷

Há uma cena em que se fica subentendida uma tentativa de suicídio de Stephen e, numa conversa com seu amigo George Wilson, promotor do governo, encarregado da sentença dos presos rebeldes, o oficial para além de depressivo, se mostra sem esperança para com o destino daqueles homens, do seu país e de si mesmo.

Deals are all very well and good in theory George, but this world is one large slaughter house.¹⁶⁸

Ao se tornar um sujeito pertencente a uma heterotopia de crise, Stephen se percebe à margem do sistema em que vive, se recusando a tornar ao serviço, julgando-se incapaz de comandar seus homens como no passado fazia. De facto, esse comportamento da personagem se deve à rejeição sofrida por ele da parte de Elizabeth, mas em seu discurso, Stephen não mais fala dela, mas sim do momento histórico em que o país está enfrentando. Ele parece, enfim, ter compreendido que havia coisas maiores do que o amor romântico que por ela mantinha.

De volta à prisão, por sorte, Jimmy não foi executado, mas acaba por quase sê-lo ao lado do comandante de Valera. Mais uma vez, Teevan tenta nos passar uma imagem pré-concebida de Eamon de Valera, pondo-o covarde à beira da morte e demasiado aliviado quando sua execução não se dá. Quando Jimmy lhe confronta a perguntar pelos

¹⁶⁷ As palavras do General Sir John Maxwell argumentavam contra aqueles que denominavam-no carrasco, explicando-lhes o momento de guerra pelo qual a Inglaterra passava, a covardia dos actos rebeldes irlandeses e o perigo que esses significavam para a segurança e a política da Irlanda.

I am not a politician, and I cannot speak as such, and this is the most disagreeable work a soldier can have, and nobody who knows anything about the army can think that a soldier would dream of prolonging it. - *Martial Law extended in Ireland*. In "Century Ireland".

Face a Lei marcial, o General Maxwell não se mostrava contente e tampouco regozijava nas ações tomadas por si e por seus homens, mas dizia que os rebeldes se tratavam de assassinos a sangue frio que, segundo a lei de guerra, precisavam ser punidos.

¹⁶⁸ Episódio 5. 6'39".

esforços dos voluntários irlandeses que ele não mandou a Mount Street, lhe acusa de ser responsável pela morte de Mick Malone à medida em que De Valera, agora muito fria e calmamente, lhe diz que agiu de acordo com a própria consciência e que esta está limpa. Feliz ou infelizmente, deixando a personagem fictícia falar mais alto do que aquela personalidade histórica, Teevan põe Jimmy a rebater a fala de de Valera:

- So you're the Spaniard?

- I'm an Irish man.

- Mick Malone, the rest of us could have held out a lot longer if you'd sent those reinforcements, as agreed.

- As a leader, I followed my conscience. My conscience is clear.

- It shouldn't be.¹⁷⁰

Quantos significados podemos tirar dessa frase de Jimmy Mahon? Se sua resposta “não deveria estar limpa” somente dissesse respeito ao erro estratégico de de Valera na batalha de Boland's Bakery e de Mount Street, não seria tão necessária de ser proferida na derradeira cena. Se a consciência de Eamon De Valera não estava limpa muito se devia aos anos tumultuosos que se seguiram depois, com a morte de Michael Collins logo após o acordo de 1922, e com o estado letárgico no qual o país ficou pelos anos seguintes, em especial após 1959, nas mãos do governo conservador e nacionalista de seu chefe de estado.¹⁷¹ O último comandante vivo foi de Valera, e, para além dos voluntários que já lhe deviam obediência, àqueles que como Jimmy eram do Exército dos Cidadãos teriam igualmente de lhe prestar respeito.

Na prisão, Elizabeth reaparece dessa vez a ser visitada por sua mãe. Não somente Dolly, mas o promotor George Wilson igualmente havia pedido à jovem para que ela mentisse em seus testemunhos, alegando-se enganada por Jimmy Mahon, negando o sentimento patriótico nacionalista que lhe envolvera naquela disputa, mas Elizabeth se recusa veementemente a tal. Mais do que perder seus ideais políticos ao se assumir inocente, influenciada por um homem (no caso, Jimmy Mahon), Elizabeth

¹⁷⁰ Episódio 5. 23'05”.

¹⁷¹ As iniciativas constitucionais do governo de de Valera vieram a provocar a fúria do governo britânico, mas não a expulsão da Irlanda do Commonwealth. No entanto, suas ações só levaram ambas as Irlandas a se separarem cada vez mais.

Ulster unionists responded to the irredentist claim with anger and contempt, and the cabinet briefly contemplated changing the name of the state to Ulster as a gesture of its separateness. - FOSTER, R.F. – *The Oxford...*, p. 218.

estaria se colocando no lugar em que uma mulher supostamente deveria ser encontrada, o lugar de alguém indefeso e influenciável, mas nem ela e nem as outras duas protagonistas de *Rebellion*, estão aptas a isto. Como nos diz R.F. Foster, elas, tais e quais a Condessa Markievicz e a Dra. Lynn, haviam formado seus caracteres inspiradas em figuras como a pirata Grace O'Malley, recebida e agraciada pela Rainha Elizabeth I em pessoa, e por heroínas fictícias como “Deidre of the Sorrows” de Synge, nunca se haviam inspirado em uma *stage Irishwoman* e tampouco almejavam viver em prol de um protótipo inglês ou irlandês de um homem. Ao conversar com George Wilson, Elizabeth rebate seus argumentos:

- Why is it you men think that every serious thing a woman does is the result of being in love with some man, or being misled by some man? I know what you were trying to do. What every man tries to do to every woman. I know my own mind George.¹⁷²

Nos momentos finais da minissérie, os destinos das protagonistas são pouco a pouco definidos. Se May Lacy tem problemas com o detetive Coleman, sendo ameaçada a ser entregue a este por Hammond caso não lhe dê o seu bebê, Frances O'Flaherty, após dez dias a observar o detetive do governo, decide matá-lo a sangue frio, pondo um fim no sofrimento da amiga pela qual deixa transparecer mais do que um simples amor fraterno, mas um interesse romântico. Elizabeth, se achando sozinha a caminho do navio que lhe levará a julgamento em Inglaterra, reencontra aquele que pensava já estar morto, Jimmy Mahon, e os dois rumam para a embarcação, deixando o país. A população pobre que não compreendia o papel da revolução, o povo que parecia não despertar do estado medíocre de sua pobreza, face à execução dos líderes da revolta, nos parecem ter enfim compreendido os ideais nacionalistas daquela Páscoa tão tumultuada. Factual ou não, é com esse sentimento coletivo que ainda hoje inunda a memória do povo irlandês que *Rebellion* nos deixa ao passar de seus créditos finais.

Para além do conceito de uma minissérie, de um cenário e de suas personagens, para que se compreenda melhor a mensagem sociológica e política formulada por Colin Teevan em sua produção, se faz necessária uma visão mais distanciada dos lugares escolhidos e retratados na trama, uma análise do espaço geográfico e dos

¹⁷² Episódio 5. 10'45”.

“posicionamentos” onde ocorrem as heterotopias que o escritor escolheu para a ambientação de sua obra. Mas, mais do que isso, é necessário que se compreenda a conjectura daquelas personagens, suas funções na História e nos ambientes que ocupavam. Quando falamos de lugares “dessacralizados”, porem, aqueles cujas funções primárias foram mudadas ou estendidas para realidades que não seriam mais aquelas primordiais de sua invenção, vale a pena lembrar de que em pleno século XX, Foucault não acreditava na existência prática de tais. Para ele, havia regras incutidas na mente dos homens que os impediam de quebrar com os conceitos de lugar privado e lugar público pré-concebidos, como podemos ver em suas palavras:

Ora, apesar todas as 'técnicas nele investidas, apesar de toda a rede de saber que permite determina-la ou formalizá-la; o espaço contemporâneo talvez não esteja ainda inteiramente dessacralizado, diferentemente, sem dúvida do tempo em que ele foi dessacralizado no século XIX.¹⁷³

Em *Rebellion*, essa teoria de Foucault é bem percebida. É impossível sair dos lugares historicamente sacralizados no contexto da Revolta da Páscoa, mas, ao trazer para estes uma visão mais humanizada, inserindo personagens fictícias com histórias paralelas à historicidade, Teevan acaba por mostrar ao espectador a verdadeira heterotopia dentro do “não-lugar” da trama. Ele não é responsável pelo o que Sir. Matthew Nathan fazia em Dublin Castle e tampouco por qualquer acto criminoso incutido a Patrick Pearse dentro de sua escola de irlandês, para tal, Teevan se utiliza das personagens não-factuais para explorar as muitas camadas existentes em um determinado espaço. No entanto, do ano da Revolta da Páscoa até aquele em que Foucault discorreu acerca das heterotopias, 1967, há meio século de diferença, fazendo-nos crer que o momento de ocorrência da rebelião estava muito mais inserido num período de transição, um período onde não somente uma guerra de dimensões globais acontecia, mas um período histórico de quedas de regimes sob influências politico-filosóficas e por revoluções culturais. Não se pode esquecer do que ocorria socialmente na Irlanda e em outros países ocidentais, não se pode esquecer da posição das mulheres e dos lugares a estas já designados, lugares que as diminuam numa classificação equivalente à da prostituta citada ao início da minissérie.

¹⁷³ FOUCAULT, Michel, p. 412.

Atualmente, o posicionamento substitui a extensão, que substituíra a localização. O posicionamento é definido pelas relações de vizinhança entre pontos ou elementos; formalmente, podem-se descrevê-las como séries, organogramas, grades.¹⁷⁴

A “extensão” falada por Foucault quebrou com a hierarquia das localizações, provocando a dessacralização mesmo que teórica dos espaços; um ponto intermediário que leva às heterotopias. É neste ambiente intermediário, de quebra de paradigmas, que a Revolta da Páscoa se deu. Essa quebra é muito clara ao longo da minissérie que nos localiza em cada passo dado pelas personagens ao longo daquela semana. O ponto geográfico nos é dado, e nele ocorre a dessacralização que, por sua vez, constrói as heterotopias de Foucault.

As residências das personagens não são citadas, mas se pode chegar a conclusões um tanto estereotipadas acerca da localização destas. Elizabeth parece morar nas proximidades de Dublin Castle, no *southside* dublinense, supõe-se isto a partir de cenas onde parece haver uma grande proximidade de sua casa com as ações dos rebeldes em Dame Street, e, também, essas suspeitas se dão pelo já falado facto histórico de que as moradias das famílias mais abastadas de classe burguesa de Dublin estavam em sua maioria ao sul do rio. A casa da tia de Frances também nos parece se localizar ao sul do Liffey dada a proximidade desta com cenas ocorridas na minissérie. Por outro lado, o *slum* onde vive Arthur e sua família era o tipo de habitação pobre mais comum no *northside* dublinense. Quando ele chega à cidade, caminha por North Wall e quando é penalizado por um oficial e posto a recolher os corpos das ruas, no dia da chacina em North King Street, encontra o cadáver da amiga de sua filha, fazendo-nos supor que aquela é, talvez, a sua vizinhança.

Vale levar em conta, porém, que *Rebellion*, como toda ficção, mostra-nos uma heterotopia de ilusão. Sua trama, mesmo que baseada em factos reais e possuindo figuras históricas factuais, não diz respeito à realidade da forma como veio a acontecer verdadeiramente. Se Teevan se baseou em histórias do povo comum, romanceando-as e

¹⁷⁴ Idem, p.412.

acrescentando ficção ao seu conteúdo, um pouco do que Moscovici nos disse acerca da construção de uma representação social vale a pena ser levado em conta.¹⁷⁶

O comportamento do povo, sua memória coletiva e sua própria organização social são fatores principais que compõem as representações e com *Rebellion* não seria diferente, face ao seu alcance e ao renome de seus idealizadores da RTÉ One. Quando se percebe ser uma produção feita pela emissora estatal do país, mais ainda se compreende seu prisma político e a pouca liberdade de aprofundar historicamente e plurilateralmente as histórias de personagens como a do “covarde” de Valera e do “carrasco” General Maxwell. Quem fica do lado de um, porém, não pode ficar do lado do outro, facto que extrapola qualquer ideia leiga de que a minissérie poderia vir somente com o objetivo de entreter seus telespectadores, provocando o senso crítico destes. Para que se atenuie esta dualidade, no entanto, temos os lugares representados em suas relações e as personagens fictícias que, refletidas em imagens de pessoas comuns e “ordinárias”, acabam por nos parecer de facto cativantes.

¹⁷⁶ MOSCOVICI, Serge – *Social Representations...*, p. 12.

Conclusão

Estudar as implicações que uma representação televisiva fictícia pode nos dar acerca de factos reais não parece tão simples dado o histórico que demais reflexões deixaram ao longo de suas produções tanto dessa natureza quanto teatrais e cinematográficas. Foi na literatura, nas artes e nesses meios citados que surgiram fortes estereótipos que, ofensivos, marcaram um povo por séculos. O caso dos irlandeses é apenas um instante dentro da história da humanidade onde, por muito tempo, africanos, orientais e latinos carregaram desde sempre a negatividade e comicidade do imaginário e de personagens estereotipadas que outros povos lhes incutiram. O que fez o estudo desta dissertação, desde a sua introdução, voltar os olhos para o caso irlandês foi perceber que tão semelhantes aos britânicos e a outros europeus em sua fisionomia, irlandeses, muito mais do que terem sido tratados como diferentes e colocados em posições negativas e risíveis por representações produzidas por britânicos, decidiram se auto-representar como um povo de cultura única, exaltando suas paisagens naturais e canalizando a agressividade atribuída a eles para um feitio bravio e heroico. Tal reviravolta, se deveu sem dúvidas a todo o contexto histórico e aos ideais nacionalistas de seus impulsionadores.

No entanto, por mais que a Declaração de Independência erguida pelos mártires da Revolta da Páscoa frente ao G.P.O. nos mostre toda a indignação de uma camada da sociedade que vivia dos próprios preceitos religiosos e políticos (o que para eles era motivo de sobra para exigir sua emancipação), é facto que dentro dos ideais socialistas e nacionalistas que lhes levaram à 1922, muitas camadas da população acabaram de fora de tudo o que foi prometido. O exemplo que mais foi tomado ao longo do desenvolvimento deste trabalho foram as mulheres, estas que acabaram por ser as que menos lucraram com a independência do país ainda que tivessem estado presentes em todos os grupos integrantes da emancipação, pouco tendo sido lembradas pelas décadas seguintes.

Quando a dissertação se desdobra a detalhar a cidade de Dublin geograficamente, mostra-nos até que ponto o espaço onde se vive pode vir a influenciar as ações futuras de um indivíduo. Longe de se aproximar de teorias dignas de Friedrich Ratzel, não se

está aqui a falar de determinismo geográfico, mas de algo mais complexo do que algum estudo etnográfico poderia vir a explicar.¹⁷⁷ Michel Foucault nos leva aonde um geógrafo físico não nos poderia levar: ao cume das relações humanas ocorrentes numa sociedade que, no objeto de estudo aqui utilizado, é a cidade de Dublin no momento da Revolta da Páscoa de 1916.

O contexto histórico ao qual esta dissertação se prendeu contou com uma descrição político-geográfica crucial para que se pudesse compreender onde e em que estado se encontrava a Irlanda e a cidade de Dublin daquela época.

Muito mudou desde então ainda que o espaço não tenha sofrido mais do que as depredações daqueles dias, e muitos dos prédios históricos ainda estão lá para serem visitados. Suas figuras históricas são aclamadas até os dias de hoje e dos jovens estudantes é exigido que saibam os nomes dos pais da revolta de cor, ainda que pouco tenham aprendido acerca do sentimento que estes tinham de uma unidade nacional ou de identidade cultural. Ruas tiveram seus nomes mudados e monumentos foram erguidos, tudo em prol da memória, mas especialmente em prol de um nacionalismo que muito se apegou a uma prática estratégica e violenta e pouco aos ideais ensinados pelas mentes da Liga Gaélica.

Rebellion se faz confiável por isso diferentemente de estereótipos de irlandeses e irlandesas, de exaltações à terra “verde” nacional e de interesses românticos pejorativos para a “mulher” que também era a “terra” (analogia presente nos dramas de outrora), a minissérie faz jus ao espaço que lhe foi dado na emissora estatal, sem rotular os militares de vilões, sem louvar a violência (como é possível ver em filmes de sucesso das últimas décadas), exaltando seus líderes, sim, mas incluindo uma crítica ao nacionalismo cego destes. Trazendo à tona não somente factos históricos, mas personagens fictícias que compõem o imenso vazio deixado pelo tempo que acabou por levar mulheres e homens que por tudo lutaram ao longo da caminhada do país,

¹⁷⁷ Friedrich Ratzel foi um filósofo e geógrafo alemão responsável pelo estudo da antropogeografia, baseando suas teorias deterministas em estudos etnográficos. Dentre suas alegações mais conhecidas está aquela que afirma que a evolução cultural dos povos poderia estar associada à dispersão deste no globo terrestre, ou seja, à sua localização geográfica. Factualmente, o contributo de Ratzel é muitas vezes diminuído por geógrafos pós-modernos como Vidal de La Blache, mas esquecer-se da contribuição dele para a Geografia Moderna e para a afirmação da geografia como ciência é tentar apagar os primeiros passos de uma abertura interdisciplinar da geografia. – MORAES, Antonio Carlos Robert. – *Geografia: pequena história crítica*, p. 20.

Rebellion nos faz vibrar, especialmente pelas representações do espaço da rebelião e pelas diferentes funções que estes tiveram naquele momento.

A riqueza de pensamentos que fluía nas mentes revolucionárias, regadas pela religião católica a qual se prendiam com unhas e dentes, lhes saindo boca a fora e atingindo a mente dos jovens de seu tempo, não percutiu nem em metade do que pretendiam. Revoluções na maioria das vezes, ainda mais as que se apegam a um passado mítico baseado em figuras lendárias de um momento histórico que não mais existe, dificilmente viriam a resultar em um “bem-comum” para todos os seus filhos e filhas; indivíduos diferentes, de cenários sociais diferentes e de necessidades diferentes que, como Foucault nos disse ao longo de seu ensaio aqui estudado, coabitavam sobre o mesmo espaço, construindo neste suas relações que por sua vez produziam heterotopias impossíveis de serem ignoradas.

Elizabeth, May e Frances são figuras de ação, da mesma forma como Jimmy, Arthur e Stephen o são, tratando-se de personagens donas de vidas que são detalhadas aos nossos olhos, expostas em todos os ângulos e mostradas até no que lhes vem à mente, com pensamentos que são sabidos sem que lhes saia uma fala sequer, uma dádiva da interpretação de seus bons atores e atrizes. O lugar de exposição deles é onde os historiadores não conseguem chegar, primeiro porque não conseguem de facto informações suficientes, segundo porque a exposição íntima de figuras como Pearse, Connolly, e até de Collins e de Valera, se tornaria algo ainda mais delicado ao se tratar de figuras saudadas pelo povo irlandês, figuras que cometeram sérios erros, mas cujos gestos heroicos são passados à frente de seus crimes e defeitos, na qualidade de intelectuais, políticos e até de seres humanos.

Sendo as protagonistas mulheres em crise com a própria sociedade, não haveria nada mais justo do que situá-las dentro de suas heterotopias, dos espaços que cabiam a elas e dos espaços que estas dividiam com os homens. R. F. Foster, historiador tão citado nesta dissertação, quis nos contar a história milenar de um país cujo povo se sentia diferente do contexto em que lhe haviam posto, mas que com o passar do século XX se tornou igual a muitos outros - para as mulheres, até pior. Espera-se que através da observação do lugar das três personagens femininas da minissérie de Colin Teevan (três elementos sociologicamente diferentes e ao mesmo tempo tão iguais), se tenha feito a justiça à memória de nomes femininos, e não somente destes, mas de todas as

outras histórias contidas naquela Páscoa que ironicamente acabaram por se perder na História maior do país e na injusta seletividade do tempo.

Referências bibliográficas

- ADORNO, Theodor.W – *The Culture Industry: Selected Essays on Mass Culture*. 2ª ed: Routledge. Local Desconhecido, 2001. ISBN-13: 978-0415253802.
- BUITLÉIR, Muiris de – *A portrait of Dublin in maps*. 1ª ed :Gill & Macmillan. Dublin, Irlanda, 2013. ISBN 978-0-7171-5616-0.
- COELHO, Teixeira – *O que é indústria cultural?* 1ª ed: Editora Brasiliense. Brasília, Brasil, 1980. ISBN: 85-11-01008-4.
- CONNOLLY, S. J. – *The Oxford Companion to Irish History*. 1ª ed: Oxford University Press. London, 2002. ISBN 978-0199234837.
- COOGAN, Tim Pat – *1916: The Easter Rising*. 2ª Ed: Weidenfeld & Nicolson. London, UK, 2005. ISBN 978-0-7538-1852-7.
- COOGAN, Tim Pat – *The IRA*. 13ª ed: HarperCollins Publishers. London, UK, 1993. ISBN 0-00-638401-3.
- CORBETT, David – *The Art of Character: Creating Memorable Characters for Fiction, Film, and TV*. 1ª ed: Penguin Books. London, UK, 2013. Isbn 978-0-14-312157-2.
- CULLINGFORD, Elizabeth Butler – Gender, Sexuality, and Englishness in Modern Irish Drama and Film In BRADLEY, Anthony – *Gender and Sexuality in Modern Ireland*. 1ª ed: University Of Massachusetts Press/ Amherst/ American Conference for Irish Studies, 1997. p. 159-186. ISBN 1558491309.
- FINN, Joe; LYNCH, Michael – *Ireland and England: 1798-1922*. 1ª ed: Hodder & Stoughton. Londres, UK, 1995. ISBN 0-340-575085.
- FINNAN, Joseph – *John Redmond and Irish Unity: 1912-1918*. 1ª ed: Syracuse University Press. Syracuse, NY. 2004. ISBN 978-0815630432.
- FOSTER, R.F. – *The Oxford History of Ireland*. 3ªa ed: Oxford University Press. Oxford, 1989. ISBN 0-19-280202-X.
- FOUCAULT, Michel – *As Palavras e as Coisas*. Trad. de António Ramos Rosa. 9ª ed: Edições 70. Lisboa, Portugal, 2018. ISBN 9789724418100.
- FOUCAULT. Michel – Outros Espaços. In MOTTA, Manoel Barros da – *Michel Foucault: Estética Literatura Música e Cinema*. Trad. Inês Autran Dourado Barbosa. 4ª ed: Forense Universitária. Rio de Janeiro, Brasil, 2009. p. 412-422. ISBN 978-85-218-0390-4.

- FOY, Michael T; BARTON, Brian – *The Easter Rising*. 2^a ed: The History Press. Gloucestershire, UK, 2011. ISBN 978-0-7524-5703-1.
- HAMBURGER, Esther – *O Brasil Antenado: A sociedade da novela*. 1^a ed: Zahar. Rio de Janeiro, Brasil, 2005. ISBN 978-8571108660.
- HARVEY, David – *Justice, Nature and the Geography of Difference*. Wiley-Blackwell. Nova Jersey, EUA, 1996. ISBN 1557866813.
- KEARNEY, Hugh – *The British Isles: A History of Four Nations*. 2^a ed: Cambridge University Press. London, 1989. ISBN 978-1107623897.
- KIBERD, Declan – The elephant of revolutionary forgetfulness. In *The Irish Writer and the World*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. p. 191-207. ISBN 978-0-511-12905-6.
- KIBERD, Declan – The Fall of the Stage Irishman. In *The Irish Writer and the World*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. p. 21-41. ISBN 978-0-511-12905-6.
- KIBERD, Declan – The War Against the Past. In *The Irish Writer and the World*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. p. 158-190. ISBN 978-0-511-12905-6.
- KILFEATHER, Siobhan – Irish Feminism In CLEARY, Joe. CONNOLLY, Claire – *The Cambridge Companion to Modern Irish Culture*. 1^a ed: Cambridge University Press. Cambridge, UK, 2005. p. 98-116. ISBN 978-0511999062.
- KOSTICK, Conor; COLLINS, Lorcan – *The Easter Rising: A Guide to Dublin in 1916*. 7^a ed: O'Brien. Dublin, Irlanda, 2016. ISBN 978-0-86278 – 638-0.
- MORAES, Antonio Carlos Robert – *Geografia - Pequena História Crítica*. 20^a ed: Annablume. São Paulo, Brasil, 2005. ISBN: 978-8574193601.
- MORAN, Sean Farrell – *Patrick Pearse and the Politics of Redemption*. 7^a ed: Catholic University of America Press. Washington, D.C., 1994. ISBN 978-0813209128.
- MOSCOVICI, Serge – *Social Representations: Explorations in Social Psychology*. NYU Press. Nova York, EUA, 2000. ISBN 978-0745622262.
- NIEMI, Robert – *History in the Media Film and Television*. 6^a ed: ABC-CLIO. California, USA, 2006. ISBN 1-57607-953-8.
- O'TOOLE, Tina – *The Irish New Woman: Palgrave Studies in Nineteenth-Century Writing and Culture*. Palgrave Macmillan. Londres, UK, 2013. ISBN 978-1-137-34913-2.
- SCHUELLER, Gretel H. – *Rivers, Lakes, and Oceans (The Restless Earth)*. 1^a ed: Chelsea House Pub. EUA, 2009. ISBN 978-0791097977.

- SOJA, Edward W. – *Postmodern Geographies: The Reassertion of Space in Critical Social Theory*. 1ª ed: Verso. Los Angeles, 1989. ISBN 086-0919366.
- TRACY, Thomas – *Irishness and Womanhood in Nineteenth-Century British Writing*. 1ª ed: Ashgate. Surrey, UK, 2009. ISBN 978-0-7546-6448-2.

Outras fontes

- CLEAR, Caitriona – *Women's work*. Irish Times, 2012. [Consult. 07 Jun. 2018]. Disponível no website: <<https://www.irishtimes.com/culture/heritage/century/century-women-and-the-vote/women-s-work-1.553384?>>>.
 - CONCHUBHAIR, Brian Ó - *The Gaelic League and the 1916 Rising*. RTÉ Century Ireland, 2016. [Consult 07 Jun. 2018]. Disponível no website: < <https://www.rte.ie/centuryireland/index.php/articles/the-gaelic-league-and-the-1916-rising>>.
 - COSGROVE, Neil F. – *The First Bloody Sunday: Jim Larkin and the Dublin Lockout 1913*. John Cardinal Dalton AOHN Division 3, Pearl River, NY, 2013 [Consult. 07 Jun. 2018]. Disponível no website: <praoh.org/first-bloody-sunday-jim-larkin-dublin-lockout-1913/>.
 - EASTER, 1916 – *Oration of Patrick Pearse*. Septs of Ireland, 2013. [Consult, 07 Jun, 2018]. Disponível no website: < <http://www.easter1916.net/oration.htm>> .
 - IMDB – *Rebellion*. Internet Movie Database, 2018 . [Consult. 07 Jun. 2018.] Disponível no website: < <https://www.imdb.com/title/tt4699982/>>.
- KARSTEN, Peter – *Irish Soldiers in the British Army, 1792-1922: Suborned or Subordinate?*. Journal of Social History, v 17, nº 17. Oxford University Press. EUA, 1983. p. 31-64.
- LAWRENCE, E. P. – The banned Mikado: A topsy-turvy incident. In *Centennial Reviews*. v 18, nº 2. Michigan State University Press, Illinois, 1974. p. 151-169. [Consul. 07 Jun 2018]. Disponível no website: <<https://www.jstor.org/stable/23738143>>.
 - MERRIAM WEBSTER – “True-blue”. In *Dicionário Merriam Webster*. [Consultado 07 Junho 2018]. Disponível em: <<https://www.merriam-webster.com/dictionary/true-blue>>
 - MILITARY ARCHIVES AND THE NATIONAL ARCHIVES – *Bureau of Military History*. Irlanda: BMH CD/227/35/1. 2016. [Consult. 07 Jun. 2018] Disponível no website: < <http://www.bureauofmilitaryhistory.ie/about.html> >.

MORAN, Justin. – *1916-2006: The labour movement, the Irish Citizen Army and the Rising*. Anphobacht. Dublin, Irlanda. 2006. [Consult 07 Junho 2018] Disponível em: <<http://www.anphoblacht.com/contents/15102>>

- NATIONAL LIBRARY OF IRELAND – *The 1916 Rising: Personalities and Perspectives*. Irlanda: NLI. 2016. [Consult. 07 Jun. 2018]. Disponível no website: <<http://www.nli.ie/1916/exhibition/en/content/executed/michaelmallin/index.pdf>>.

- O'TOOLE, Fintan – *Time to move beyond the northside-southside myth*. The Irish Times, 2012. [Consult. 07 Jun. 2018]. Disponível no website: <www.irishtimes.com/news/time-to-move-beyond-the-northside-southside-myth-1.551483>.

- PUNCH – *John Tenniel Cartoons*. Londres, UK. Punch Magazine Cartoon Archives. 2018. [Consult. 10 Jun. 2018.] Disponível no website: <<https://punch.photoshelter.com/gallery/John-Tenniel-Cartoons/G0000JCRWVO.C79Y/>>

- RAFFERTY, Oliver P. – The Church and the Easter Rising. In *Studies: An Irish Quarterly Review*. Irish Province of the Society of Jesus. Ireland, 2016. [Consult. 07 Jun. 2018]. Disponível no website: <<http://www.jstor.org/stable/24871384>>.

- ROYAL COLLEGE OF PHYSICIANS OF IRELAND – *The Revolutionary Diary of Kathleen Lynn*. Irlanda: Royal College of Physicians of Ireland. 2017. [Consult. 07 Jun 2018] Disponível no website: <<https://www.rcpi.ie/heritage-centre/1916-2/revolutionary-diary-kathleen-lynn/>>.

- RTE – *Follow-up to Rebellion set in War of Independence begins*. Irlanda: Raidió Teilifís Éirean. 2016. [Consult. 07 Jun. 2018]. Disponível no website: <<https://www.rte.ie/entertainment/2016/0930/820579-follow-up-to-rebellion-starts-production>>.

- SERVIÇOS DE DOCUMENTAÇÃO DO INSTITUTO POLITÉCNICO DE LEIRIA – *Guia para a elaboração de referências bibliográficas: Normas NP 405*. Leiria: Politécnico de Leiria, 2013. [Consult. 07 Jun. 2018]. Disponível no website: <<https://www.ipleiria.pt/sdoc/wp-content/uploads/sites/10/2015/05/Referencias-NP405.pdf>>.

- STEVENS, Peter F. – ‘What would you do?’ In “Rebellion,” writer and co-producer Colin Teevan challenges the audience to ponder what they would have done amid the Rising. Boston Irish, 2016. [Consult. 22 Dez. 2017]. Disponível no website: <<http://www.bostonirish.com/arts/‘what-would-you-do’-‘rebellion’-writer-and-co-producer-colin-teevan-challenges-audien>>.

- TEEVAN, Colin; LOUHIMIES, Aku – *Rebellion* [Registo vídeo]. RTÉ One, 2016. Dublin, Irlanda. DVD (5 episódios de aprx. 52 min.): color.

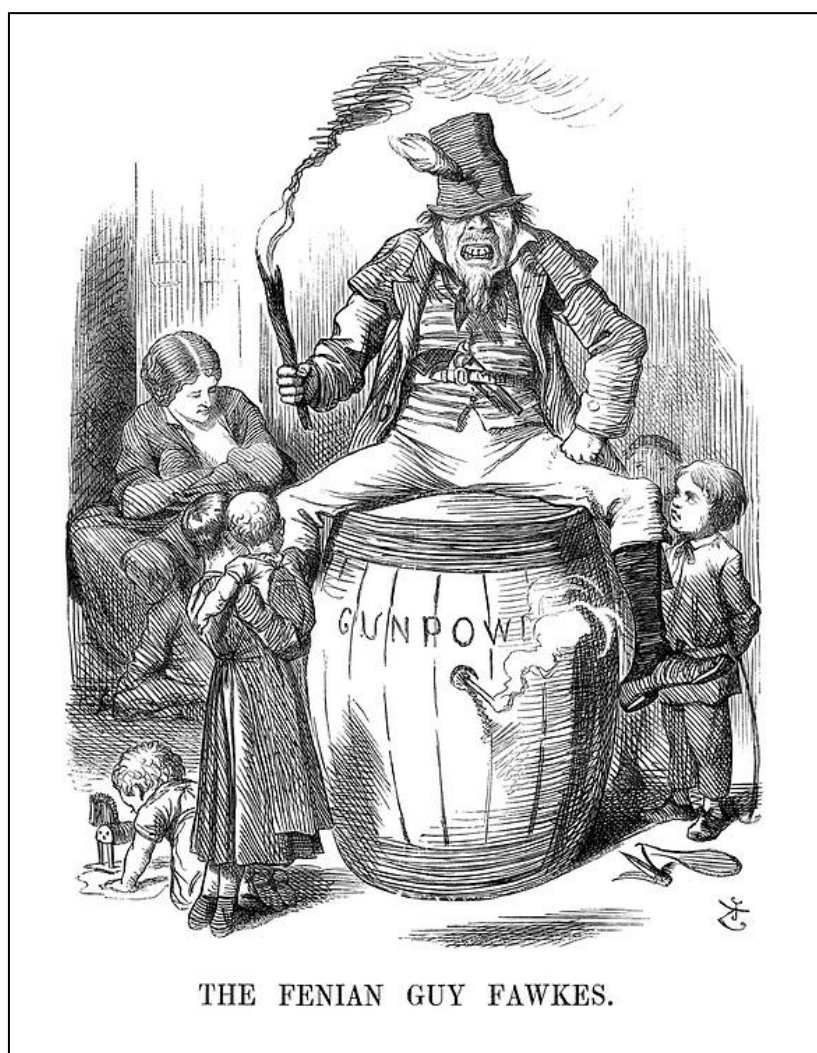
- THE JOURNAL – *Why were the 1916 leaders cast as background characters in Rebellion? The drama's writer explains*. Irlanda: The.Journal.ie. 2016. [Consult. 07 Jun. 2018]. Disponível no website: <<http://www.thejournal.ie/rebellion-background-characters-pearse-2530886-Jan2016/>>

- TÓIBIN, Colm – *After I am hanged my portrait wil be interesting* London Review of Books, v. 38, nº. 7, 31. March 2016. [Consult. 07. Jun, 2018] Disponível no website: <<http://sahjournal.com/index.php/sah/article/download/61/36>>

- WHEELLOCK, Harriet – *1916: Diary of rebel doctor Kathleen Lynn*. The Irish Times, 2016. [Consult. 07 Jun. 2018]. Disponível no website: <<https://www.irishtimes.com/life-and-style/health-family/1916-diary-of-rebel-doctor-kathleen-lynn-1.2583254>>.

Anexos

Anexo 1



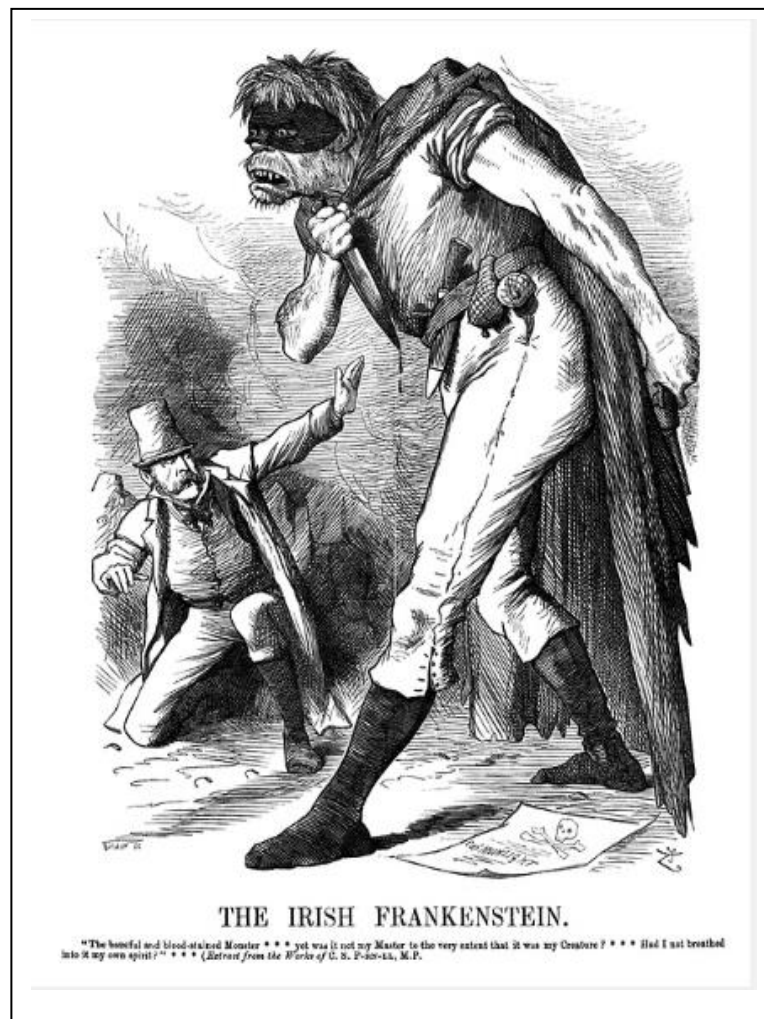
“The Fenian Guy Fawkes”. É uma caricatura feita por John Tenniel, desenhada e impressa em 1867. O homem bronco irlandês está representado como a criatura meio símia com uma tocha acesa em uma mão, sentado sobre um barril de pólvora. Seus direitos estão reservados a @PunchLimited.

Anexo 2



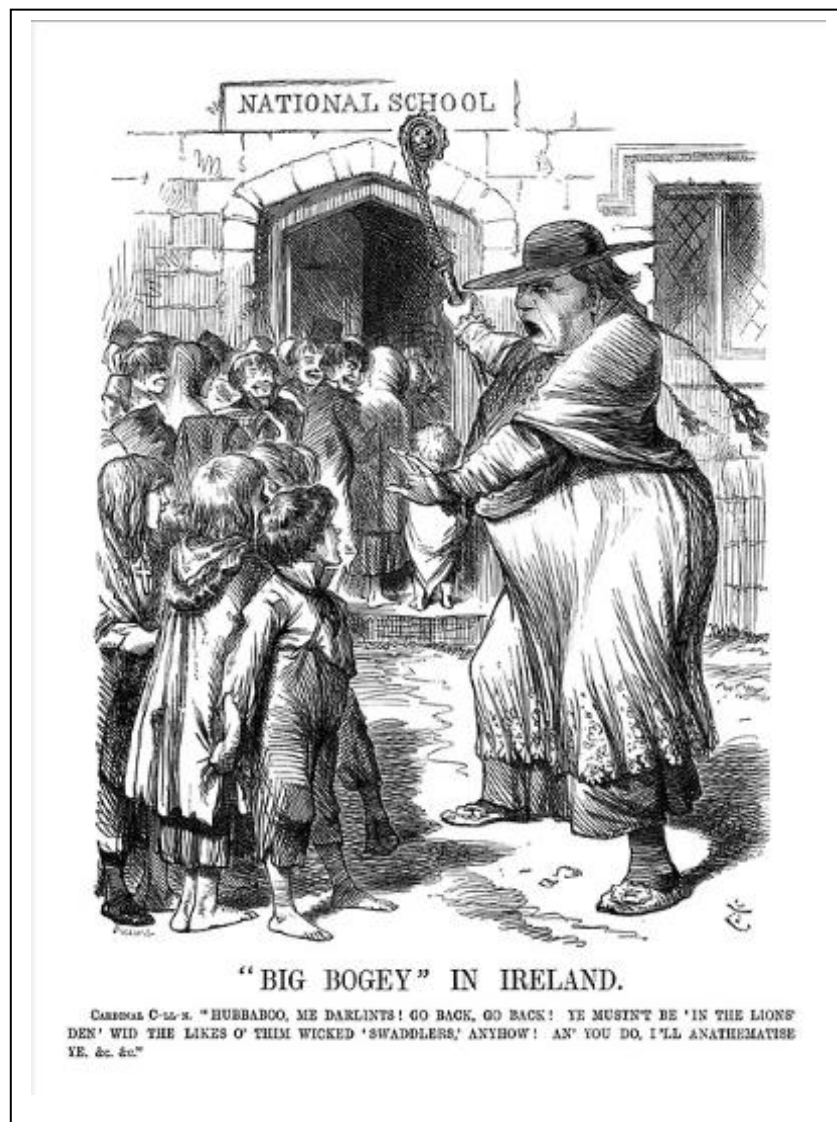
“The Irish ‘Vampire’”. Também desenhada por Tenniel em 1885, nesta caricatura vê-se o morcego-vampiro da liga nacionalista atacando a deusa Hibernia/Ériu - durante o Império Romano esta foi a designação dada à ilha da Irlanda, ao passo que a Grã-Bretanha era denominada de Britânia. Seus direitos estão reservados a @PunchLimited.

Anexo 3



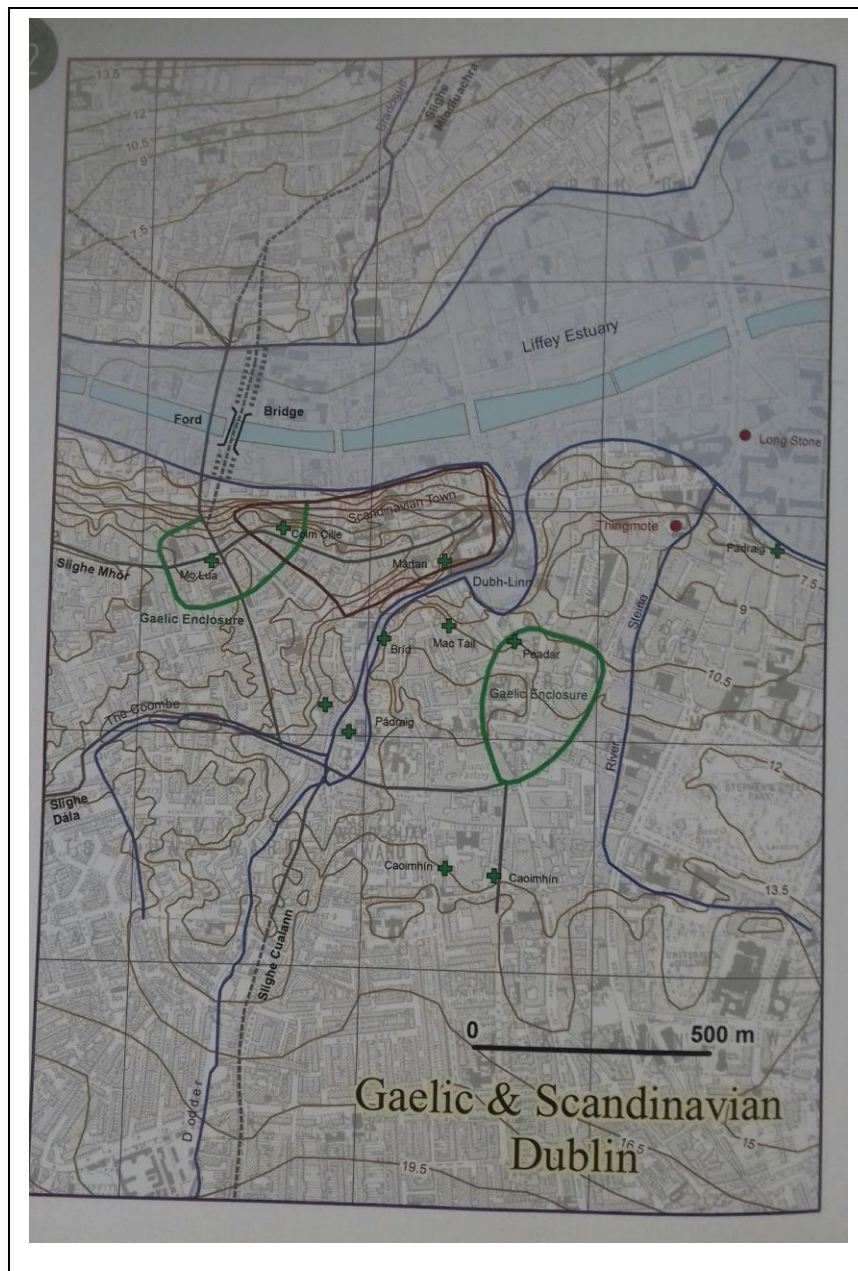
“The Irish Frankenstein. ‘The baneful and blood-stained Monster - yet was it not my Master to the very extent that it was my Creature? - Had I not breathed into it my own spirit?’ (Extract from the Works of C.S. PARNELL, M.P.)”. Em uma sátira à fala de Charles Stewart Parnell, John Tenniel também desenhou esta caricatura em 1882, onde a “criatura” irlandesa é guiada por seu mestre, Parnell. Seus direitos estão reservados a @PunchLimited.

Anexo 4



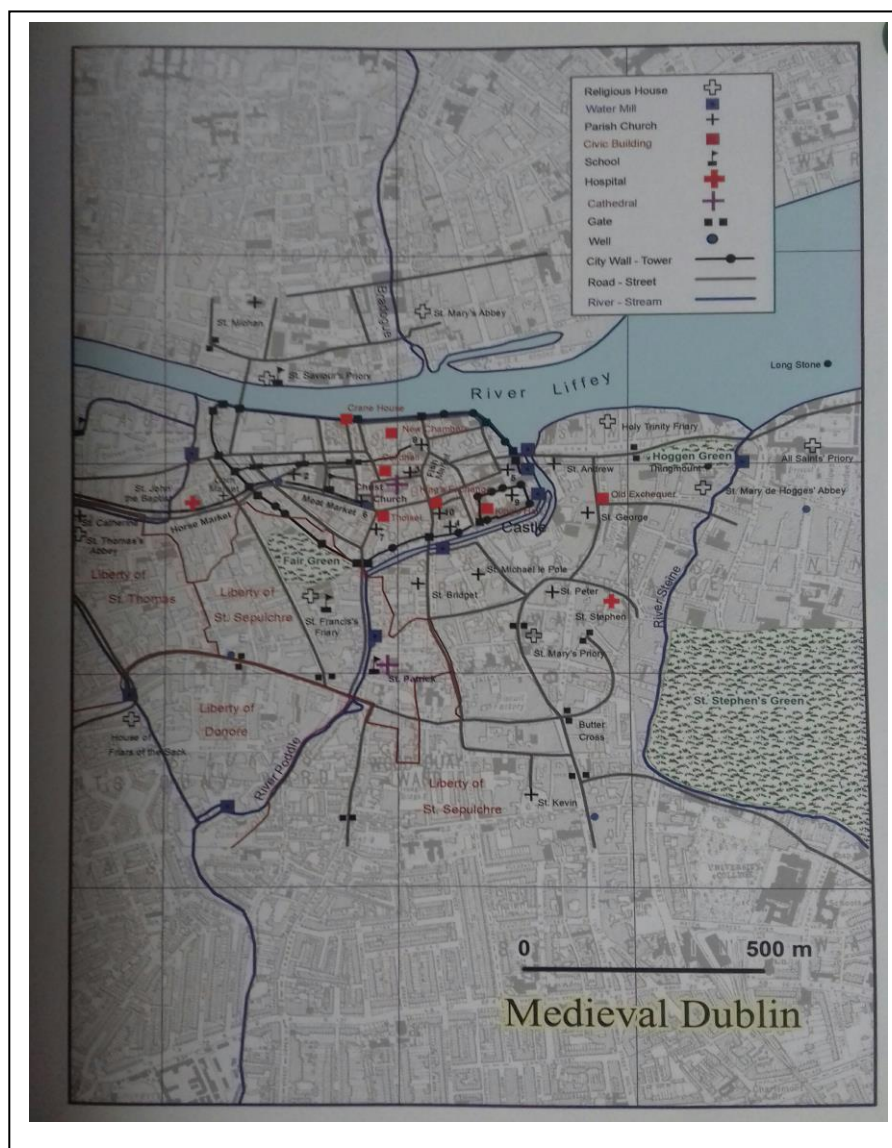
“‘Big Bogey’ in Ireland. Cardinal C--ll--n. ‘Hubbaboo, me darlints! Go back, go back! Ye mustn’t be ‘in the lions’ den’ wid the likes o’ thim wicked ‘swaddlers’, anyhow! An’ you do, I’ll anathematize ye &c &c.’”. Nesta caricatura de 1869, Tenniel ironiza a educação nos moldes nacionalistas católicos. Seus direitos estão reservados a @PunchLimited.

Anexo 5



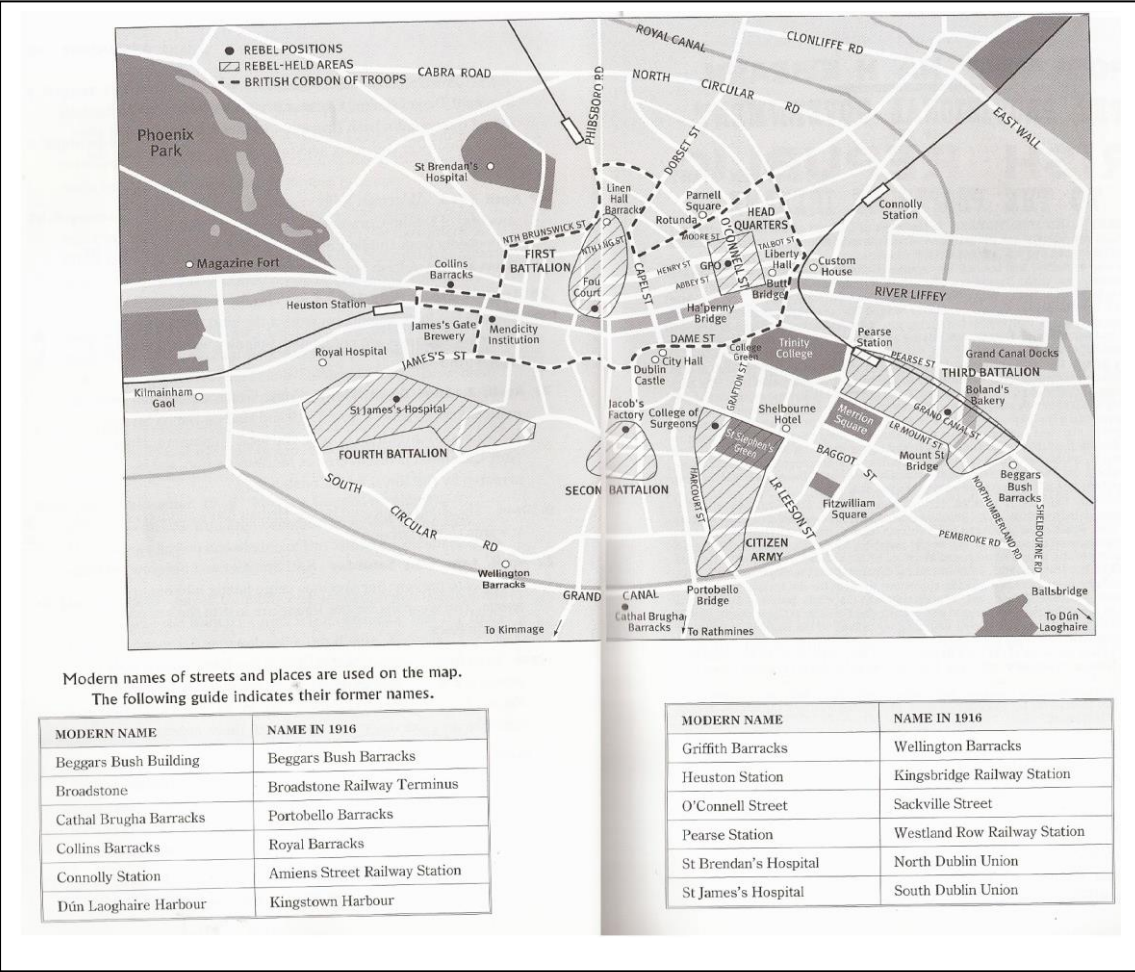
Mapa 3.2 – “Gaelic & Scandinavian Dublin” presente no livro “A portrait of Dublin in maps” de Muiris de Buitléir, p. 30.

Anexo 6



Mapa 3.3 – “Medieval Dublin” presente no livro “A portrait of Dublin in maps” de Muiris de Buitléir, p. 31.

Anexo 7



Mapa presente no livro “The Easter Rising: A Guide to Dublin in 1916 de Kostick e Collins” p. 12-13.